



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO TOCANTINS/CAMETÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E CULTURA
MESTRADO ACADÊMICO EM EDUCAÇÃO E CULTURA

FRANCISCO MÁRCIO COSTA DA SILVA

CAPOEIRA: sobrevivência e resistência na sociedade do capital

CAMETÁ (PA)

2023

FRANCISCO MÁRCIO COSTA DA SILVA

CAPOEIRA: sobrevivência e resistência na sociedade do capital

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura – PPGEDUC, do Campus Universitário do Tocantins/Cametá – CUNTINS, da Universidade Federal do Pará – UFPA, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação e Cultura.

Linha de pesquisa: Políticas e Sociedades
Orientador: Prof. Dr. Éldo Santiago da Silva

CAMETÁ (PA)

2023

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

S586c Silva, Francisco Márcio Costa da.
CAPOEIRA : sobrevivência e resistência na sociedade do
capital / Francisco Márcio Costa da Silva. — 2023.
109 f. : il. color.

Orientador(a): Prof. Dr. Élido Santiago da Silva
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará,
Campus Universitário de Cametá, Programa de Pós-Graduação em
Educação e Cultura, Cametá, 2023.

1. Capoeira. 2. Resistência. 3. Sobrevivência. 4.
Mercadorias. 5. Capitalismo. I. Título.

CDD 370

FRANCISCO MÁRCIO COSTA DA SILVA

CAPOEIRA: sobrevivência e resistência na sociedade do capital

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura – PPGEDUC, do Campus Universitário do Tocantins/Cametá – CUNTINS, da Universidade Federal do Pará – UFPA, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação e Cultura.

Data de aprovação: 14/08/2023

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **ELIDO SANTIAGO DA SILVA**
Data: 20/09/2023 11:32:18-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof. Dr. Élide Santiago da Silva

Orientador e Presidente da Banca – PPGEDUC/UFPA

Documento assinado digitalmente
 **ARIEL FELDMAN**
Data: 19/09/2023 09:42:22-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof. Dr. Ariel Feldman

Avaliador Interno – PPGEDUC/UFPA

Documento assinado digitalmente
 **ROBSON CARLOS DA SILVA**
Data: 19/09/2023 16:34:26-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof. Dr. Robson Carlos da Silva

Avaliador Externo – PPGSC/UESPI

CAMETÁ (PA)

2023

Este estudo dedico de forma especial à Francisco Lucas de Oliveira (Professor Bode) e a Florzinha (ambos em outro plano). Dizer que vocês foram as maiores perdas que já tive nessa vida, mas estimo paz e tranquilidade onde estejam, gratidão eterna por tudo.

Também dedico aos meus pais e a minha companheira.

AGRADECIMENTOS

Utilizo-me deste pequeno texto para fazer os meus agradecimentos que, acima de tudo, são mais que necessários. Agradecer a ANCESTRALIDADE (aos que vieram antes de mim, energias do bom, do bem, força maior) por me proporcionar e permitir que eu alcance meus objetivos no seu devido tempo; Agradecer imensamente a minha companheira (DINARA CARVALHO) por tudo que me ensinou (e ensina) e pela partilha dos bons e maus momentos; Aos meus pais (D. MARIA e SR. JOÃO), minha eterna gratidão por serem minha fortaleza (em especial a minha mãe por sempre acreditar em mim).

Agradecimento especial a Miquelem (gratidão eterna por tudo que fez por mim), e ao seu esposo Jacielton, a Janaína de Paula (pela orientação) e ao Mestre Tchê/Prof. Dr. Henrique Kohl (pela partilha, orientações e parceria), assim como os integrantes do NEGRACT.

Ao meu Orientador (PROF. ÉLIDO SANTIAGO), pela oportunidade, paciência, e credibilidade no meu trabalho. Ao Gep – GENTE pela acolhida e partilhas. Agradecendo também a todos que contribuíram de forma direta ou indiretamente para essa etapa tão importante, com ênfase para todos professores (em especial ao Prof. Dr. Ariel, meu supervisor de estágio), nossos colegas de turma em especial Darlene, Miquelem, Anderson e Elvis. E por fim, gratidão eterna a Cametá!

RESUMO

O presente estudo traz no seu escopo apontamentos que delineiam as configurações da Capoeira na atualidade e suas funções na conjuntura social cotidiana. Partindo do princípio de que a Capoeira é uma prática originada na diáspora, como forma de se contrapor a um sistema opressor (ABIB, 2004), e foi consolidada no Brasil ainda no período escravagista (Rego, 1968), a mesma ainda se mantém e possui abrangência nacional e internacional, fazendo-se presente em mais de 150 países nos cinco continentes segundo o último levantamento do IPHAN (2014). Assim, o problema da presente pesquisa é entender como uma prática secular oriunda da época da escravização mantém-se frente ao sistema vigente (o capitalista), que segundo Mészáros (2005), transforma tudo em mercadoria. Nessa busca foram utilizadas como referências deste trabalho: Marx (2007, 2008, 2011, 2013), Mészáros (2005, 2015), Antunes (2009), Vasquez (2011) dentre outros, que forneceram subsídios para compreender como funciona o sistema supracitado. No que tange a Capoeira, foram utilizados os trabalhos de Rego (1968), Brito e Granada (2021), Khol (2014), Araújo (2006, 2008), Campos (2001, 2009), Falcão (2004, 2011), Abib (2004) dentre outros, que delineiam as condições e demais aspectos que Capoeira vivenciou enquanto prática desportiva e cultural, (re)existindo ao tempo e as mudanças estruturais impulsionadas pelo capitalismo. Com o objetivo de entender como a Capoeira mantém-se até a atualidade e quais suas interfaces, foi buscado no âmbito nacional e internacional, pessoas capoeiristas que estão na prática há no mínimo 10 anos e lhes foi-lhes indagado acerca da maneira como a Capoeira faz-se presente em seus respectivos ambientes. Como resultado, verificou-se que houveram inúmeras mudanças nessa prática desde os primórdios, mas foi sua capacidade de se metamorfosear que a permitiu adaptar-se as demandas sociais transformando-se em uma prática plural. Entretanto, foi apontada sua condição enquanto mercadoria como preponderante, sendo esse caminho que garantiu outras possibilidades de sobrevivência frente ao sistema capitalista, sendo o trabalho (tanto no seu sentido formativo quanto no laboral, de subsistência) o pavimento que viabilizou sua longevidade e permanência até a atualidade, ratificando a condição embrionária da Capoeira enquanto resistências as mais diversas situações.

Palavras Chaves: Capoeira, Resistência, Sobrevivência, Mercadorias, Capitalismo.

ABSTRACT

The present study within its scope brings forth notes that outline the current configurations of Capoeira and its functions in the everyday social context. From the premise that Capoeira is a practice originating from the diaspora as a means to resist an oppressive system (ABIB, 2004), and it was consolidated in Brazil during the period of slavery (Rego, 1968), it still endures and has both national and international reach, being present in over 150 countries across the five continents according to the latest survey by IPHAN (2014). The central concern of this research endeavor lies in comprehending the resilience of a longstanding practice stemming from the era of enslavement in the context of the contemporary capitalist system. As posited by Mészáros (2005), which commodifies all aspects of existence. References employed for this study include Marx (2007, 2008, 2011, 2013), Mészáros (2005, 2015), Antunes (2009), Vasquez (2011), and various others, thereby providing foundational insights into the workings of the aforementioned system were used. Regarding Capoeira, this study draws upon the works of Rego (1968), Brito and Granada (2021), Khol (2014), Araújo (2006, 2008), Campos (2001, 2009), Falcão (2004, 2011), Abib (2004), among others, to elucidate the conditions and various facets through which Capoeira has evolved as a sporting and cultural practice, persevering over time and in response to structural changes driven by capitalism. In pursuit of comprehending how Capoeira endures to the present day and the dimensions it encompasses, an extensive search was conducted both nationally and internationally to engage with individuals who have been practitioners of Capoeira for a minimum of ten years. They were queried about the ways in which Capoeira manifests itself within their respective contexts. As a result, it was observed that there have been numerous changes in this practice since its inception. However, it is its ability to undergo metamorphosis that has enabled it to adapt to social demands, transforming itself into a pluralistic practice. However, its condition as a commodity was emphasized as predominant. This path has ensured other possibilities for survival within the capitalist system, with labor (both in its formative and subsistence aspects) serving as the foundation that has facilitated its longevity and continuity to the present day, reaffirming Capoeira's embryonic role as a form of resistance in diverse circumstances.

Keywords: Capoeira, Resistance, Survival, Commodities, Capitalism.

LISTA DE TABELAS

TABELA 1: A Capoeira como mercadoria, trabalho e sua condição frente ao Estado (Categoria I).....	62
TABELA 2: O ser capoeirista (Categoria II)	69

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
1. A MERCADORIA CAPOEIRA NO SISTEMA DO CAPITAL.....	11
2. O TRABALHO E A CAPOEIRA.....	34
3. METODOLOGIA: DETALHAMENTO DA PESQUISA.....	48
4. CATEGORIA I. A CAPOEIRA COMO MERCADORIA, TRABALHO E SUA CONDIÇÃO FRENTE AO ESTADO.....	58
5. SÍNTESE DAS ENTREVISTAS.....	62
5.1 Categoria I: A Capoeira como mercadoria, trabalho e sua condição frente ao Estado.....	62
6. CATEGORIA II: O SER CAPOEIRISTA.....	67
6.1 Síntese das Entrevistas.....	69
6.1.2 Categoria II: O ser capoeirista.....	69
7. ANÁLISE DAS CATEGORIAS.....	72
7.1. A Capoeira como Mercadoria.....	73
7.2. A Capoeira como Trabalho/laboral.....	77
7.3. A prática da Capoeira e o Estado.....	81
7.4. A Capoeira como educadora.....	85
7.5. A relação com a Capoeira.....	89
7.6. O futuro da Capoeira.....	93
CONCLUSÃO.....	97
REFERENCIAS	100

INTRODUÇÃO

O presente texto traz como objeto de estudo a Capoeira e suas configurações na sociedade contemporânea levando em consideração que sua permanência e subsistência é determinada diretamente pelo sistema vigente, o capitalista. Partindo do ponto em que a Capoeira é uma manifestação brasileira, mesmo com discussões acerca da sua originalidade, apresenta-se nacional e internacionalmente como uma das propulsoras da cultura brasileira – tal qual o samba, o candomblé, dentre outras manifestações genuinamente brasileiras (BRITO; GRANADA, 2020).

Fazendo uma menção sucinta ao que se refere à Capoeira enquanto fenômeno sociocultural, é necessário expor que a prática é oriunda da diáspora e tem seu surgimento no cenário brasileiro ainda na época escravista em que o povo negro foi sequestrado de sua terra natal e escravizado pelo mundo. A Capoeira surgiu como uma prática de autodefesa (ABIB, 2004) para se contrapor as violências sofridas pelos corpos negros durante o cárcere e logo após a dita libertação, a Capoeira passou por vivências que envolvem episódios de lutas, roubos e assassinatos (especialmente na cidade do Rio de Janeiro) e que a levou para o Código Penal no período republicano (NATIVIDADE, 2012), saindo somente algumas décadas depois – em meados da década de 1940 (IPHAN, 2007)¹.

Desde então, a Capoeira passou por diversos processos adaptativos (REGO, 1968) que garantiram sua sobrevivência, sendo essas transformações e fazes a base para lhe considerar herança de antepassados, assim como símbolo de resistência. São justamente esses processos de subsistência, aos quais à mesma foi submetida, que serão tratados aqui sob a égide de que o sistema vigente (o capital) dita as regras de quem vive e quem morre e para a Capoeira (e/ou qualquer prática) não foi diferente.

Nesse sentido, foi utilizado e exposto o pensamento marxiano, que descreveu e explicou como o sistema capitalista configura-se enquanto determinante para o desenvolvimento das ações no ambiente social. Para isso utilizou-se a própria perspectiva de Marx, e parte de suas produções, assim como Mészáros, para mostrar que o modo de funcionamento do capital identificado por Marx à sua época ainda reverbera na sociedade vigente e é determinante nas ações protagonizadas pelos sujeitos em seus modos de sobrevivência.

¹ A Capoeira adentrou ao Código Penal no período republicano em decorrência das Maltas, originadas no Rio de Janeiro, que exerciam ataques e saques interferindo na ordem urbana (NATIVIDADE, 2012). Entretanto, a Capoeira saiu da condição de crime, não oferecendo mais perigo à sociedade, em virtude da luta dos capoeiristas em busca de legitimidade de sua prática, o que a colocou nos mais variados espaços (caso do Mestre Bimba e sua respectiva escola e também do Mestre Valdemar e seu Barracão, por exemplo) (IPHAN, 2007).

Também foi exposto nesse escrito as razões pelas quais a Capoeira mantém-se na atualidade – referindo-se a sua capacidade de resistência atrelada ao seu caráter plural, que permitiu que esta se metamorfosear-se junto as mudanças e demandas que lhes foram impostas ao longo de sua trajetória. Essa realidade configurou a sua presença hoje em academias, escolas, clubes e universidades (SILVA, 2008; FALCÃO, 2004).

Quando exposto acerca do sistema capitalista e suas demandas, foi levando em consideração que sua inalterabilidade (MESZAROS, 2005) e sua contundência transcendem os mais diversos campos, sejam eles culturais e/ou de qualquer natureza. Assim, para se manter viva em determinado segmento uma prática precisa obedecer a uma ordem originada no capital, uma vez que seu caráter incontrolável (MESZAROS, 2005) faz com que essa adaptação aconteça sob pena de desaparecimento.

Foi exposto também como funcionam as mercadorias na sociedade levando em consideração os condicionamentos do capital, que faz com que as mesmas sejam consumidas e resposta em um processo interminável. Nesse cenário, traz-se a Capoeira e como essa prática foi imposta em um encaixe dessa lógica e como mantém sua essência (características próprias e demais subjetividades) enquanto prática cultural secular.

Ao trazer as mercadorias e suas respectivas funções, expõe-se também o funcionamento e os parâmetros nos quais o capital está ancorado, assim como age para obter o êxito contínuo presenciado ao longo das eras. Por esse prisma é preciso pontuar que abordar a Capoeira por essa lógica materialista é expor seu modo de funcionamento, que garante sua subsistência, mas não é uma restrição e/ou tampouco uma deturpação de seu simbolismo enquanto cultura e saber ancestral.

Realizados esses apontamentos iniciais, espera-se que a exposição contemple ao propósito que foi pensado, pois assim como demais práticas, a Capoeira é uma ferramenta de abrangência nos mais diversos cenários, desde sua atuação no seu viés educacional e pedagógico (CAMPOS, 2001; KOHL, 2014) até sua atuação esportiva e socializadora (responsável por resgates sociais através de projetos voluntários, dentre outras ações), assim como seu caráter de resistência e todas as suas múltiplas facetas – que dentro da sua pluralidade interferem na vida de sujeitos proporcionando saberes diversos.

No que tange ao problema da pesquisa, este consistiu em conhecer as configurações que a Capoeira detém na atualidade, que justifiquem sua condição de prática secular longa fazendo-se presente na sociedade vigente e levando em consideração sua exposição aos aspectos deletérios do sistema capitalista. Nesse sentido, esse estudo teve como questão estruturante saber: de quais maneiras uma prática secular mantém-se até a atualidade?

Levando-se em consideração o caráter da sociedade capitalista condicionadora das práticas em sociedade, objetivou-se conhecer os pensamentos de mantenedores(as) da prática (os/as capoeiristas) acerca das várias configurações que a Capoeira (em especial, sua condição enquanto mercadoria e sua função enquanto trabalho, no seu sentido laboral) vivencia, seja frente as estruturas determinadas pelo capital, com atenção especial ao Estado, ou como símbolo dessa estruturação da sociedade. Em síntese: buscou-se entender o que levou a Capoeira a ser uma mercadoria, trabalho/função laboral e como ela se comporta frente as diretrizes estatais que materializam as regras do capital.

No que se refere à organização e exposição desse estudo, logo após esses aspectos introdutórios foi apresentada a definição do que se entende aqui como os elementos necessários para a composição de uma mercadoria, bem como quais os parâmetros nos quais a mesma circula. Em seguida, na segunda seção, versou-se acerca do trabalho e seu sentido ontológico, assim como sobre sua configuração na sociedade contemporânea. Nesse intento, foram resgatados, de maneira sucinta, marcos históricos que definiram como o trabalho foi atingindo os conceitos atuais.

Vale destacar que tais conceitos foram expostos para poder dialogar com o objeto aqui estudado, entendendo que a Capoeira não foge dessas duas condições e sim que a mesma depende dos mesmos para sua permanência ao longo de sua trajetória (REGO, 1968). No ponto seguinte, foi demonstrado acerca de qual olhar metodológico está sendo observado neste objeto e quais os parâmetros base para a descrição do mesmo ao longo desse texto. Assim, fez-se uma exposição acerca do materialismo histórico dialético e algumas de suas respectivas categorias, sendo esse entendido aqui como elemento necessário para se entender o fenômeno aqui estudado.

Após a exposição sobre a escolha do materialismo histórico dialético, também foram delineados os passos procedimentais desse estudo, destacando-se como foi à ida ao campo, o contato com os(as) entrevistados(as) e como foram tratadas as informações colhidas, bem como a que tipo de análise foram submetidos os dados/informações. Finalmente, a apresentação das entrevistas através da exposição de recortes de falas através de tabelas em suas respectivas temáticas. trazem as inquietudes desse estudo. Antes, no entanto, foram resgatados os conceitos aqui abordados para poder dialogar com as falas e se finalizou esse trabalho com uma conclusão dos resultados obtidos entendendo que dada a complexidade do tema e os objetos envolvidos, ainda se tem muito a ser esmiuçado.

1. A Mercadoria Capoeira no Sistema do Capital

Em conectividade com a apresentação já realizada acerca da Capoeira, no que tange ao seu surgimento e permanência até a atualidade, considera-se relevante aqui pontuar, de modo sucinto, mais uma informação acerca da mesma. Só então será iniciado o objetivo desta seção, que é expor que a Capoeira, como qualquer outra prática, tornou-se um produto de compra e venda, mas que não poderia ser diferente, pois o sistema vigente dependente das mercadorias (MÉSZÁROS, 2005). Em seguida, objetiva-se trazer os parâmetros de configuração acerca de mercadoria, segundo Marx (dentre outros autores) e logo que explicitado como se entende aqui os aspectos formadores em relação à mercadoria, será finalizado (por ora) e dado seguimento ao próximo propósito.

Assim, logo neste início, a título de contextualização e informação, Brito e Granada (2020) trazem que a adesão pela população brasileira e posteriormente estrangeira à Capoeira (mais especificamente a Regional, como já exposto acima) acontece por volta dos anos de 1970 e 1980, endossada pelo viés turístico protagonizado mais explicitamente por capoeiristas baianos, que em busca de reconhecimentos (inclusive financeiros), passaram a agir cada vez mais no sentido desportivo, estético e artístico da prática.

A partir da notoriedade angariada neste segmento, ocorreu um processo de emigração de capoeiristas, o que Falcão (2011) apresenta como processo de expansão e/ou expulsão da Capoeira, pois para o autor (em busca não só de requisitos financeiros, mas também de reconhecimentos), tais indivíduos desbravaram fronteiras geográficas e culturais buscando, através da Capoeira, a possibilidade de viver em outros países utilizando a prática como mercadoria a ser vendida como meio de sobrevivência. Vale chamar atenção que tal fenômeno aconteceu não só com a Capoeira, mas com outras práticas, mas o destaque aqui é que “o capoeirista brasileiro torna-se um produto de exportação, assim como a mulata dançarina de samba, o músico e o jogador de futebol” (BRITO; GRANADA, 2020 p. 15).

A afirmação acima expôs, de forma explícita e até estigmatizante², como a Capoeira mercantilizou-se, passando de uma simples prática de vadiagem³ para algo a ser disseminado em espaço fechado com a realização do ensino e aprendizagem. Campos (2009) mostra que a partir do momento em que Mestre Bimba colocou esta prática em um espaço específico,

² Faz-se necessário evidenciar que não se concorda ou compactua com esta visão estereotipada e estigmatizante pela mesma ser tipicamente capitalista e desrespeitosa com os sujeitos mencionados, mas que foi necessária para se entender como essas práticas são encaradas no ambiente cotidiano do capital.

³ Práticas realizadas na rua como opção de lazer dos povos ex-escravizados, ou descendentes, que realizavam danças e demais ações em coletivo, sendo a Capoeira parte destas. Ver detalhadamente em Araújo (2006).

confeccionou-se um método, delineou-se os parâmetros e se impôs um valor a ser pago para obtenção das aulas. Deu-se, assim, o processo de venda de uma mercadoria.

Assim, apresentadas as premissas informativas de como o texto que segue pretende se desenvolver, se faz necessário explicar também que se optou aqui por trazer Marx como teórico principal sob a justificativa de que o mesmo é o mais indicado quando se aborda a complexidade do sistema capitalista, dada sua contribuição no processo de entendimento de tal sistema. Contudo, serão trazidos, também, os pensamentos de outros autores a título de subsidiar a explanação acerca das mercadorias e suas nuances, bem como expor que tais parâmetro tem a intenção não de completude, mas de explicitar sob que aspectos foi construída a escrita aqui apresentada

Entretanto, ancorando-se na ideia de Antunes (2009), entende-se aqui que o sistema do capitalismo metamorfoseou-se ao longo do tempo e sofreu mutações determinantes para os indivíduos pertencentes a tal sistema, pois “[...] as mutações em curso são expressão da reorganização do capital com vistas à retomada do seu patamar de acumulação e ao seu projeto global de dominação” (ANTUNES, 2009, p. 52). Corroborando este pensamento, Moraes (2001), evidencia aqui que o que não se perde é a essência do capital, pois independente da época e das ações desenvolvidas, são mais do mesmo, ou seja, são velhas práticas com nova roupagem, destacando-se, assim, uma *alma anciã*.

Assim, inicia-se acerca de entender como funciona o processo de composição de uma mercadoria e quais os parâmetros obedecidos. Para isso serão utilizadas as próprias palavras de Marx em O Capital, pois:

As mercadorias vêm ao mundo na forma de valores de uso ou corpos de mercadorias, como ferro, linho, trigo etc – Essa é sua forma natural originária. Porém, elas só são mercadorias porque são algo duplo: objetos úteis e, ao mesmo tempo, suportes de valor. Por isso, elas só aparecem como mercadorias ou só possuem a forma de mercadorias na medida em que possuem esta dupla forma: a forma natural e a forma de valor (MARX, 2008 p. 105).

De acordo com essa percepção, a relação de trocas, valores, dinheiro e demais elementos que compõem a tessitura que forma as relações do capital na sociedade, constituem um universo cheio de complexidades e no qual passa a ser necessário um olhar apurado para que se possa discorrer acerca de cada elemento. Assim, é possível perceber que o nível denso das relações não pode ser exposto de maneira simplista, pois se necessita de uma sensibilidade para cada elemento, uma vez que os mesmos se relativizam e criam suas próprias correlações,

o que obriga a existência de um olhar minucioso acerca de tais relações e suas constituições, como segue:

[...] o processo de troca das mercadorias inclui relações contraditórias e mutuamente excludentes. O desenvolvimento da mercadoria não elimina essas contradições, porém cria a forma em que elas podem se mover. Esse é, em geral, o método com que se solucionam contradições reais (MARX, 2008, p.141).

Destaca-se aqui também como se dá o processo relacional do homem nas suas práticas cotidianas acerca de como proceder frente à sociedade do capital. É necessário discernir que quando mencionadas as ações do sujeito, refere-se de pronto a sua sobrevivência e os meios aos quais este elencou (ou foi obrigado) para garantir sua subsistência.

É neste aspecto que se pontuam aqui os primórdios das mercadorias como fundamental influência nas práticas cotidianas, evidenciando que tal condição não se restringe à contemporaneidade, mas sim tem sua implantação desde os primórdios do sistema capitalista, com ênfase especial para os primórdios de formação da burguesia que, oriunda de uma classe subserviente da Idade Média (MARX, 2005), sua ascensão sustentou-se nos modos capitalistas de acumulação.

É a partir dessa informação que pode ser inserido aqui que as mercadorias são historicamente a mola propulsora do sistema capitalista vigente, pois se Marx afirmou que a partir da formação emergente dos então burgos foram utilizadas as explorações expansionistas colonizadoras, principalmente as realizadas pelas expedições náuticas, a história corroborou que tais ações foram impulsionadas não só pela conquista de outros territórios, mas principalmente para a obtenção de mercadorias e expropriação de terras, como pode ser visualizado nas palavras de Marx e Engels em Manifesto Comunista (2005):

A descoberta da América, a circunavegação da África abriram um novo campo de ação à burguesia emergente. Os mercados das Índias Orientais e da China, a colonização da América, o comércio colonial, o incremento dos meios de troca e das mercadorias em geral imprimiram ao comércio, à indústria e à navegação um impulso desconhecido até então; e, por conseguinte, desenvolveram rapidamente o elemento revolucionário da sociedade feudal em decomposição (MARX; ENGELS, 2005, p.41).

Ao passo em que se traz o papel crucial das mercadorias e sua intervenção na sobrevivência do homem, faz-se necessário aqui fazer algumas ponderações que delineiam sob que aspectos o processo formativo das mesmas aconteceu, pois mesmo que já evidente historicamente que as mercadorias permearam relações até mesmo expansionistas, ainda assim é pertinente compreender como estas se constituem. Nas palavras de Marx, é possível

visualizar seu pensamento acerca de como funcionavam o processo de obtenção das mercadorias e como estas se configuravam, reiterando que esse é o modo como estas se apresentavam ainda nos dias atuais, uma vez que Marx traz que:

O processo de troca da mercadoria se consuma, portanto, em duas metamorfoses contrapostas e mutuamente complementares: conversão da mercadoria em dinheiro e reconversão do dinheiro em mercadoria. Os momentos da metamorfose das mercadorias são simultaneamente transações dos possuidores de mercadorias – venda, troca da mercadoria por dinheiro; compra, troca do dinheiro por mercadoria, e a unidade dos dois atos: vender para comprar (MARX, 2008, p. 142).

Após expostas no âmbito literal as palavras de Marx, julga-se necessário aqui fazer algumas considerações que visam dialogar com o que foi trazido acerca de mercadorias e suas composições. Ao mostrar as mercadorias como fator determinante e atemporal, uma vez que elas fazem-se presentes na atualidade, apresenta-se, também, de maneira subliminar o sistema capitalista como pano de fundo, sendo este determinante para a existência das mesmas assim como responsável pelo seu protagonismo.

Na medida em que se apresenta as palavras de Marx em relação aos desencadeamentos de valor, produto e a mercadoria em si, um fator faz-se preponderante: o dinheiro. Cabe aqui trazer que tal fator faz-se necessária em decorrência do sistema capitalista ditatorial dos parâmetros de subsistência do homem logo que instalado o sistema supracitado e é sob este aspecto que se reitera a necessidade do pensamento marxiano para entender as nuances de tal sistema.

A compreensão da teoria de Marx acerca do modo de funcionamento do capital faz-se mais fácil nos tempos atuais em decorrência dos rumos aos quais tal sistema tomou ao longo dos séculos (HARVEY, 2018). Isso permitiu que esse sistema fosse analisado em diferentes realidades, pois a globalização, assim como a expansão geográfica do mesmo, coloca-o sob a luz do mundo podendo ser visualizados seus mínimos detalhes e suas especificidades.

Assim, quando trazido que é necessário tratar sobre o assunto das mercadorias, valor, dinheiro e demais componentes determinantes do capital com cuidado e minuciosidade, é justamente naquilo que representam as obras de Marx, que buscam a compreensão do sistema e seus modos de atuação na sociedade real. Então, no que se refere a definição de mercadoria e suas nuances, é necessário entender que não há uma fórmula fidedigna de como ela porta-se ao longo da história humana, a não ser nos seus pilares básicos: produto/mercadoria, oferta, compra e dinheiro.

Eis um dos segredos de sustentação do capital, pois dentre outros diversos elementos fundantes para o funcionamento do sistema, um dos pilares centrais é a mercadoria, como segue:

A circulação de mercadorias é o ponto de partida do capital. Produção de mercadorias e circulação desenvolvida de mercadorias – o comércio – formam os pressupostos históricos a partir dos quais o capital emerge. O comércio e o mercado mundiais inauguram, no século XVI, a história moderna do capital (MARX, 2008 p. 168).

Ao passo em que se apresenta aqui as características de formação de mercadorias e sua função determinante para a vida em sociedade, é possível perceber também que ao mesmo tempo em que se expõe especificamente de pano de fundo, nota-se o *modus operandi* do capital e como ele age nas práticas cotidianas (como já mencionado). Reitera-se que mostrar a complexidade, mas também a concretude de como a mercadoria integra a engrenagem da máquina capitalista, é um elemento informativo básico para se entender como se constrói este processo, pois como traz Marx “O processo inteiro, que começa com o recebimento de dinheiro em troca de mercadoria, conclui-se com o dispêndio de dinheiro por mercadoria” (MARX, 2008, p. 169).

Logo, na sociedade capitalista a mercadoria precede o dinheiro, que garante mais mercadoria e que, em síntese, correlaciona-se com os meios de subsistência do homem, colocando-o em um eterno ciclo de compra e venda, quebrado essa realidade somente com a presença da mais-valia (MARX, 2008). Harvey (2018) traz que tal sistema em sua ascensão, foi responsável pela divisão entre valor e mais-valor, ou seja, não bastasse o valor até então atribuído naquilo que Marx enfatizou como referente à dedicação (de tempo e técnica) na confecção de tal produto e sua aplicabilidade, somou-se a isso a mais-valia: o excedente.

Quanto a este item, percebe-se a necessita de uma explicitude mais aprofundada, mas, de início, traz-se aqui superficialmente que o *mais valor* e/ou a *mais-valia* refere-se ao lucro. Ou seja, o valor excedente que é colocado em cima de um produto que tinha um preço determinado e que é alterado na medida em que é colocado 10% em cima. Por exemplo, nas palavras de Marx: “O valor originalmente adiantado não se limita, assim, a conservar-se na circulação, mas nela modifica sua grandeza de valor, acrescenta a essa grandeza um mais-valor ou se valoriza. E esse movimento o transforma em capital” (MARX, 2008, p. 170).

Por este viés, a questão do valor torna-se parte pertinente para se entender a mercadoria, uma vez que, de acordo com o pensamento de Marx (2008), o valor está imbricado na composição de mercadoria, como segue: “Ora, se tomarmos as formas

particulares de manifestação que o valor que se autovaloriza assume sucessivamente no decorrer de sua vida, chegaremos a estas duas proposições: capital é dinheiro, capital é mercadoria” (p. 172).

Harvey (2018), fundamentado nas ideias do próprio Marx, explica a correlação das mercadorias com o dinheiro trazendo que, de modos diversos, ele é necessário para o sujeito. Este caminho é permeado pelo trabalho dispendido na fabricação de tal mercadoria, que será trocada por dinheiro e, por fim, trocada novamente por outra mercadoria. Dentre estes processos entra outro elemento preponderante: o tempo. Segundo o supracitado, “O tempo de trabalho que é gasto fabricando bens para outros comprarem e usarem é uma relação social” (p. 18).

Entendendo o tempo de trabalho e não só a técnica imbricada como parte do processo intrínseco a confecção de mercadorias, visualiza-se que essa produtividade envolve muitos elementos e um caminho cheio de etapas até o resultado final: a mercadoria. Partindo da premissa da complexidade da confecção de mercadorias, suas várias fases e sua apresentação no mercado, ainda há algo a ser observado: o valor.

É possível inferir que a questão do valor está imbricada diretamente no quesito de formação da mercadoria e sua utilização e que, como traz o autor, é ao mesmo tempo uma relação social. Relação esta constituída na base da existência da mercadoria e das necessidades do sujeito, que atrelados aos significados constituídos socialmente delineiam o intitulado valor. Harvey (2018), ainda enfatiza que, segundo a visão de Marx, o valor é uma atribuição a fenômenos que o capital tornou notórios, tais como a cultura e suas especificidades, caráter identitário, lealdade dentre outros segmentos, mas que em essência é imaterial. Contudo, o dinheiro modifica essa noção, pois:

Dada essa condição, surge uma necessidade gritante de algum tipo de representação material – algo que se possa tocar, segurar e mensurar – do que seja o valor. Essa necessidade é satisfeita pela existência do dinheiro como expressão ou representação do valor. O valor é a relação social, e todas as relações sociais escapam à investigação material direta. O dinheiro é a representação e expressão dessa relação social (HARVEY, 2018, p. 19).

O dinheiro torna-se preponderante pela sua capacidade versátil de se adaptar as demandas. Ou seja, o dinheiro é sinônimo da possibilidade de aquisição de mercadoria e é justamente neste ponto que Harvey (2018) mostra que o capitalista, de posse desse subsídio, adquire dois tipos de mercadoria fundamentais: força de trabalho e meios de produção.

Harvey (2018) argumenta que os meios de produção são as mercadorias, que são provenientes da natureza (na sua forma material/bruta), e quem as detém tem o poder de negociação do valor a elas atribuído, uma vez que de posse dos meios de produção o capitalista pode obter também a força de trabalho. Ou seja, por um determinado período de tempo o dono do capital é também dono do seu prestador de serviço. Logo, um valor é atribuído a este indivíduo mediante o desempenho de sua ação, que por sua vez atende a uma demanda do capitalista.

Necessário pontuar que, sob este aspecto, o dono do capital tem um subsídio duplo, pois mesmo que em sua posse ele tenha a mercadoria na sua forma natural, sem nenhuma lapidação, ele também detém os meios para isso, que é justamente a força de trabalho configurada em ferramenta para a confecção do produto final. Assim, entende-se que os donos de produção transformam mercadoria (nesse caso a força de trabalho) em mais mercadoria, o que coaduna perfeitamente com o que o sistema capitalista espera deste indivíduo.

Contudo, para compreender a circularidade que Harvey delineou para entender as práticas capitalistas é preciso visualizar como ocorrem tais processos e como se materializam. Entender como o dinheiro transforma-se em mercadoria e depois novamente em mercadoria, bem como isso se concretiza na realidade. Para uma visão panorâmica, segue a fala do autor:

Uma vez que a força de trabalho e os meios de produção estejam devidamente reunidos sob a supervisão do capitalista, eles são postos para funcionar num processo de trabalho que visa produzir uma mercadoria para venda. E aqui que o valor é produzido pelo trabalho na forma de uma nova mercadoria. O valor é produzido e sustentado por um movimento que vai de coisas (mercadorias) a processos (as atividades de trabalho que cristalizam valor nas mercadorias) a coisas (novas mercadorias) (HARVEY, 2018, p.22).

Dentro deste cenário a questão do mais valor torna-se preponderante, pois concede ao dono do capital seu tão almejado lucro – uma vez que a mais-valia, discriminada por Marx, tem na sua conjuntura o valor excedente como ponto crucial nesta produção. Harvey (2018) utiliza a metáfora da lagarta e a crisálida para delinear as mercadorias, enfatizando que antes de qualquer coisa há a matéria-prima – que passa pelo processo de lapidação/produção –, mas logo vem o trabalho – que se materializa na mercadoria/produto em si. O autor argumenta que até mesmo o dinheiro é uma mercadoria e possui um preço/valor que é o juro – o que configura uma relação dúbia, pois o capitalista ganha tanto na produção em si como no valor excedente proporcionado pelo trabalho no processo de confecção/lapidação da mercadoria.

Ainda sobre este seguimento, mantem-se a perspectiva de Marx destacando a relação que ocorre entre vendedor e comprador como uma relação, acima de tudo, de necessidade. De

um lado, um sujeito que possui determinado produto, mas necessita de outro e ele só consegue este outro produto se tiver dinheiro para adquirir o que ele almeja. Já do outro lado, mesmo que haja a mesma situação, esta ocorre através de uma relação de conveniência na qual ambos vendem suas mercadorias, conseguem o dinheiro e dão continuidade ao ciclo com outros sujeitos.

Segundo Harvey (2018), essa realidade só acontece porque, independente do tempo dispendido para a confecção de um produto/mercadoria, se ela não tiver procura não será levada em consideração tal produção. Logo, de forma simples, entende-se a máxima de que para que exista venda é necessário que haja procura. Isso pode ser corroborado com as palavras de Marx em O Capital:

Em todo caso, no mercado de mercadorias confrontam-se apenas possuidores de mercadorias, e o poder que essas pessoas exercem umas sobre as outras não é mais do que o poder de suas mercadorias. A variedade material das mercadorias é a motivação material para a troca e torna os possuidores de mercadorias dependentes uns dos outros, uma vez que nenhum deles tem em suas mãos o objeto de suas próprias necessidades, e que cada um tem em suas mãos o objeto da necessidade do outro. Além dessa diferença material de seus valores de uso, existe apenas mais uma diferença entre as mercadorias: a diferença entre sua forma natural e sua forma modificada, entre a mercadoria e o dinheiro. Assim, os possuidores de mercadorias se distinguem simplesmente como vendedores, possuidores de mercadoria, e compradores, possuidores de dinheiro (MARX, 2008, p. 176).

Sob este prisma é possível depreender que ao mesmo tempo em que o sujeito é vendedor é também comprador e também o inverso. Contudo, algo ainda mais preponderante e crucial são as mercadorias, pois ao passo em que se observa o modo de funcionamento do sistema capitalista (como Marx o fez), é percebido que elas acompanham as mudanças condicionantes do sistema e se (re)configuram na medida em que as demandas sociais surgem. Logo, as mercadorias não são restritas a produtos concretos, mas sim atendem as necessidades deste homem (mesmo na contemporaneidade) – como apontado acima.

Em continuidade ao aqui proposto de esmiuçar as nuances acerca da mercadoria, julga-se relevante continuar utilizando as noções de Marx, mas dessa vez no que ele chama de Fetichismo da Mercadoria. Para isso serão trazidos alguns excertos na íntegra, que visam auxiliar este escrito e deixar explícito o pensamento aqui materializado acerca de mercadoria.

No que se refere especificamente ao que Marx chama de fetichismo, argumenta-se que na sua lógica isso acontece em decorrência do desdobramento das ações impulsionadas pelo trabalho (categoria a ser trabalhada posteriormente) ao enfatizar que o mesmo, em consonância com a lógica do capital, também se transforma em mercadoria sob as condições

de ser ora como oferta/venda, ora como consumo/compra. Contudo, ainda assim se configurando como mercadoria e segue o excerto que explicita o porquê de tal concepção:

Esse caráter fetichista do mundo das mercadorias surge, como a análise anterior já mostrou, do caráter social peculiar do trabalho que produz mercadorias. Os objetos de uso só se tornam mercadorias porque são produtos de trabalhos privados realizados independentemente uns dos outros. O conjunto desses trabalhos privados constitui o trabalho social total (MARX, 2008, p. 123).

Quando versado aqui acerca da mercadoria, é ancorado que sua composição contém elementos determinantes e o trabalho (e todas as suas etapas envolvidas no processo de constituição) é um desses elementos. Em outro momento será esmiuçado melhor esta categoria, mas se faz necessário aqui trazer como o trabalho está conectado a mercadoria e sob quais aspectos e ao falar do viés fetichista da mercadoria em Marx, este traz que, *a priori*, a mercadoria poder ser vista com simplicidade se esta for encarada como valor de uso – ou seja, na sua utilização como forma de sanar uma necessidade:

Uma mercadoria aparenta ser, à primeira vista, uma coisa óbvia, trivial. Sua análise resulta em que ela é uma coisa muito intrincada, plena de sutilezas metafísicas e melindres teológicos. Quando é valor de uso, nela não há nada de misterioso, quer eu a considere do ponto de vista de que satisfaz necessidades humanas por meio de suas propriedades, quer do ponto de vista de que ela só recebe essas propriedades como produto do trabalho humano. É evidente que o homem, por meio de sua atividade, altera as formas das matérias naturais de um modo que lhe é útil (MARX, 2008, p. 121).

Após essas palavras de Marx, é possível afirmar que a mercadoria é parte fundamental para os meios de subsistência humana por suprir, de alguma maneira, uma necessidade e que a partir disso justifica-se a confecção de produtos e demais elementos que, transformados em mercadorias e com valor atribuído, são passíveis de troca e/ou venda – isso se for pensado que a venda é troca por dinheiro e que este será trocado por mercadoria posteriormente, o “M-D-M” (MARX, 2008, p. 143)⁴.

Ao passo em que se expõe sob que aspectos a categoria mercadoria constitui-se, é possível compreender que essa se forma a partir do dispêndio do trabalho. Ou seja, é resultante da dedicação do indivíduo acerca de uma determinada atividade que irá resultar em um produto que não necessariamente deve obedecer de imediato ao valor de uso, como traz Marx:

⁴ Dinheiro para comprar mercadoria, em seguida vender mercadoria para ter mais dinheiro. O D-M-D significa em síntese, uma das bases centrais do sistema capitalista: dinheiro + mercadoria + dinheiro, configurando, assim, o pilar central do capital: a mais-valia, valor excedente e/ou lucro. Ver mais em Marx (2008).

O caráter místico da mercadoria não resulta, portanto, de seu valor de uso. Tampouco resulta do conteúdo das determinações de valor, pois, em primeiro lugar, por mais distintos que possam ser os trabalhos úteis ou as atividades produtivas, é uma verdade fisiológica que eles constituem funções do organismo humano e que cada uma dessas funções, seja qual for seu conteúdo e sua forma, é essencialmente dispêndio de cérebro, nervos, músculos e órgãos sensoriais humanos (MARX, 2008, p. 122).

Mediante exposto, a mercadoria é proveniente da ação do homem em busca da subsistência, dada a imposição capitalista de ser produtor e consumidor concomitantemente – o que mantém a continuidade do ciclo que se repete constantemente. Ancorado neste aspecto, a sociedade do capital mantém a mercadoria como fator principal e determinante na vida do sujeito, como aponta a visão contemporânea de Mészáros (2005).

Em se tratando de expor, mesmo que de forma sucinta, as questões que delineiam o capital e, por conseguinte, a vida dos sujeitos sociais, traz-se aqui a visão de Sánchez Vásquez (2011), que no seu pensamento aponta o caráter utilitarista das condições de tal sistema. O autor comunga com o pensamento exposto de Mészáros (2005), quando expõe que na sociedade capitalista e/ou na *sociedade das mercadorias*, tudo que é produzido pelo homem automaticamente é atribuído um valor e, como visualizado umas linhas acima no pensamento de Harvey (2018), desse modo nenhum tipo de ação desenvolvida pelo indivíduo passa despercebido aos olhos do capital.

Reitera-se que não é intenção aqui propagar visões fatalistas e/ou qualquer outra conotação atrelada ao caos social, mas sim mostrar, como bem faz o materialismo histórico dialético de Marx, a realidade e suas especificidades surgidas na maioria das vezes por um condicionamento das práticas humanas, que obedecem, de um modo ou de outro, as diretrizes de um sistema – neste caso, o capitalista.

Nesse viés, ao mesmo tempo quem que se vai retornando a ideia de Vásquez é preciso colocar em foco a questão das mercadorias e suas implicações através da realidade da Capoeira e suas plurais conotações. É sobre essa prática que se trata esse texto e esta seção visa, dentre outros objetivos, mostrar como ela é absorvida pelo sistema de reprodução sócio metabólico do capitalismo e passou a reproduzir em seu sistema de valores, os valores do processo de reprodução do capital. Vásquez (2011) aponta que:

Em um mundo regido pelas necessidades práticas imediatas – em um sentido estritamente utilitário – não só as atividades artísticas e a política, particularmente a revolucionária, são improdutivas ou impráticas por excelência, uma vez postas em relação com os interesses imediatos, pessoais, carecem de utilidade já que seus atos

só produzem prazer estético ou em um caso, ou fome, miséria e perseguições no outro (p. 36).

Neste aspecto, de pronto é necessário expor o pensamento de Mészáros (2005) acerca do capitalismo como sistema incorrigível, incontrolável e irreformável. São sobre estes três pontos que as linhas a seguir farão uma conexão com o pensamento de Marx, isso ao delinear o capital como fadado ao fracasso dadas suas condições formativas baseadas em crises cíclicas estruturais. Assim, quando Mészáros (2005) afirma ser o sistema capitalista incorrigível, baseia-se na perspectiva de que não importam os meios aos quais possam ser criados, pois sempre terão que atender a lógica do capital sob o viés instrumentalista de que tudo na sociedade do capital deve servir a algo ou alguém.

Dito de outro modo, o sistema capitalista é etnocentrista, pois pode ser visto em analogia ao buraco negro das teorias espaciais nas quais sua gravidade puxará quaisquer elementos para seu inevitável centro. Assim são as ações na sociedade do capital, pois “o capital é irreformável porque pela sua própria natureza, como totalidade reguladora sistêmica, é totalmente *incorrigível*” (MÉSZÁROS, 2005, p. 27). No que se refere ao seu caráter incontrolável, faz-se uso aqui do mesmo argumento acima citado e até mesmo da mesma analogia, adensando a questão de que, por não ter controle é que, por este prisma, tudo vira produto na sociedade do capital e até mesmo a educação e a cultura passam a se transformar em mercadoria – por não conseguirem abster-se de tal lógica.

O sistema metabólico do capital, na sua conjuntura, envolve crises cíclicas que não o enfraquece, mas sim dão continuidade a sua função – que é a exploração exacerbada sem precedência e realizada nas mais diversas maneiras. Isso ocorre porque o que prevalece é a sua continuidade como sistema e sua sobreposição a todo custo (MÉSZÁROS, 2015). Destaca-se também que o modo preponderante do capital e suas formas de atuação encontram no Estado um suporte primordial que subsidia suas ações, pois o viés estatal permite sua condição dominante e determinante no tocante ao êxito dos lucros e a exploração ilimitada.

Esse pensamento é confirmado quando Mészáros (2015) traz como os Estados lançam mão de armas nucleares, invasões a territórios de povos inferiores em poder bélico dos grandes Estados (por conseguinte, genocídio) e demais mecanismo coercitivos para não parar sua lógica mercantilista de exploração. A título de exemplo, o mesmo aponta que o capital deve obedecer:

[...] a reprodução metabólica universal e social. Consequentemente, em seus parâmetros estruturais fundamentais, o capital deve permanecer sempre *incontestável*, mesmo que todos os tipos de corretivo estritamente marginais sejam

não só compatíveis não só com seus preceitos, mas também benéficos, e realmente necessários a ele e no interesse da sobrevivência continuada do sistema (p. 27).

Reitera-se a necessidade de expor alguns parâmetros do sistema do capital para que fique explícito aqui sobre quais perspectivas estão sendo levadas em consideração e a exposição tenha o máximo de transparência. Feito tal ressalva, segue o último aspecto que delinea o sistema capitalista segundo a visão de Mészáros – o caráter irreformável do capital. Quando abordada esta perspectiva, fala-se sobre o sistema do capital não ter conserto ou mesmo outros modos de atuação, uma vez que seu desempenho consiste na exploração global e com isso se está dizendo que o capitalismo extrai recursos naturais em nome de sua lógica consumista e as mercadorias são sua matéria (MÉSZÁROS, 2015).

Assim, uma correção e/ou uma reforma torna-se impossível, pois serão suplantadas as formas de atuação do capital. Além disso, para que ocorra uma destituição de tal sistema, seria necessária uma substituição das estruturas que o sustentam e isso só seria possível com a ascensão de novos sujeitos e um novo modo de pensar – esse, baseado na perspectiva gramsciana de coletividade (MÉSZÁROS, 2005).

Uma nova perspectiva de sujeito exige uma postura descompromissada com as demandas capitalistas, pois o homem jamais terá uma consciência real se não se libertar das amarras da cotidianidade e alçar voos até consciência reflexiva. Nas palavras de Sánchez Vásquez (2011): “A consciência com o mundo da *práxis* tem de ser abandonada e superada para que o homem possa transformar de forma criadora isto é revolucionariamente a realidade” (p. 35). Ou seja, essa mudança necessita de um grau de comprometimento e uma constituição complexa do ser.

Visto a partir dos parâmetros que estão sendo pensados aqui sobre o sistema vigente, em continuidade com as noções de Mészáros (2005) acerca das mercadorias, a razão pela qual estas são determinantes para o sujeito na sociedade contemporânea diz de que:

Vivemos sob condições de uma desumanizante alienação e de uma subversão fetichista do real estado de coisas dentro da consciência (muitas vezes também caracterizada como "reificação") porque o capital não pode exercer suas funções sociais metabólicas de ampla reprodução de nenhum outro modo. Mudar essas condições exige uma intervenção consciente em todos os domínios e em todos os níveis da nossa existência individual e social (MÉSZÁROS, 2005, p. 59).

Esta é a realidade vivenciada pelo indivíduo que está à mercê da lógica capitalista estruturada na produção desenfreada de riquezas e no consumismo, que garante a inalterabilidade das ações cotidianas adensada pelo viés conformista implantado através da

doutrinação. É essa realidade que garante a ordem social do capital sob a égide de *ordem natural* (MÉSZAROS, 2005).

Desse modo, cabe aqui inferir que mediante tais condições e sob os parâmetros apresentados é possível afirmar que no sistema capitalista todos são vendedores e compradores. Isso instala uma dualidade e quem não se encaixa em tais determinações está fadado às intempéries da vida social. Necessário aqui expor que se está falando do estranhamento do trabalho, da condição a qual o mesmo é reduzido e como este se apresenta na sociedade, uma vez que:

[...] no interior do sistema capitalista, todos os métodos para aumentar a força produtiva social do trabalho aplicam-se à custa do trabalhador individual; todos os meios para o desenvolvimento da produção se convertem em meios de dominação e exploração do produtor, mutilam o trabalhador, fazendo dele um ser parcial, degradam-no à condição de um apêndice da máquina, aniquilam o conteúdo de seu trabalho ao transformá-lo num suplício, alienam ao trabalhador as potências espirituais do processo de trabalho na mesma medida em que a tal processo se incorpora a ciência como potência autônoma, desfiguram as condições nas quais ele trabalha, submetem-no, durante o processo de trabalho, ao despotismo mais mesquinho e odioso, transformam seu tempo de vida em tempo de trabalho, arrastam sua mulher e seu filho sob a roda do carro de Jagrená do capital (HARVEY, 2018, p. 37).

Tal explanação leva ao ponto seguinte, na vertente de que no capital tudo vira mercadoria passível de compra e venda e até mesmo o ser humano torna-se mercadoria, pois lhe é subtraída a humanidade. Cabe aqui trazer um exemplo explícito desta condição, pois neste quesito o Brasil, juntamente com as américas adjacentes, protagonizou de maneira explícita o ser humano enquanto mercadoria no seu sentido denotativo através da escravização de pessoas. Nesse contexto, não só a força de trabalho em si, mas corpos negros foram responsáveis pela expansão econômica e potencialização das práticas capitalistas no mundo moderno através dessas novas rotas comerciais, uma vez que: “O mercado de carne humana para o trabalho, no tráfico negreiro, contribuiu de forma decisiva para o crescimento do poder absoluto do homem sobre o homem no mundo liberal” (BOTELHO, 2019, p. 174).

Dessa maneira, vidas humanas foram reduzidas a simples condição de mercadoria agudizado pelo processo de obtenção desta, que foi o tráfico negreiro. Esse fenômeno foi exacerbadamente exposto na literatura dada sua problemática execução e destacando os inúmeros mecanismos determinantes que lesaram um povo não só pelo viés condicionante de violência física, mas também através da colonização das mentes dos indivíduos, que expropriou até mesmo seu modo de ser (MIGNOLO, 2008).

Vale destacar aqui que a transformação do negro em escravizado e sua captura em sua terra natal pode ser comparada com o que Marx (2013) traz na “A Chamada Acumulação Primitiva”, gênese do sistema capitalista. Houve a expropriação de terras livres e pequenas propriedades e até mesmo trabalhos artesanais, que no processo de escravização do povo africano também ocorreu de maneira semelhante, pois a matéria prima (os corpos negros) já estavam produzidos esperando somente a colheita da safra.

Assim, aproximadamente três séculos de escravização (ANDRADE, 2021) garantiram ascensão econômica brasileira, pois o Brasil foi (até a atualidade, inclusive) um país ruralista e detentor de produções que dependiam de mão de obra qualificada – que nesse caso, quer dizer conhecedora do ambiente, algo que o povo negro vivenciou por séculos através do acesso a terra e suas nuances. Eis então uma força de trabalho dotada de experiência e contingente mais que suficiente.

Neste cenário, o negro foi colocado na condição de escravizado e assumiu duas funções estruturantes na execução econômica do sistema do capital: valor de uso e valor de troca⁵. No caso do primeiro, são justamente os trabalhos desenvolvidos pelo escravizado nas mais variadas funções e o caso de valor de troca, consiste no seu valor enquanto mercadoria a ser vendida no mercado como forma de obtenção de dinheiro – o ciclo do M- D-M.

As exposições acima trazem como o negro foi um exemplo literal do homem como mercadoria no sistema capitalista. Carvalho e Santos (2021) explicitam exatamente isso quando mencionam que o sistema de produção/reprodução e a metamorfose capitalista têm como exemplo explícito de exploração, na sua amplitude, o período escravista. Nele, escancarou-se o modo pelo qual a classe dominante ditou o lugar destinado aos menos favorecidos – escravizados e sujeitos a morte eminente.

Portanto, quando mencionado no decorrer desta sessão acerca dos desdobramentos do processo de formação das mercadorias, julgou-se relevante trazer constantemente o pensamento de Marx quando o mesmo evidenciava que a mercadoria é, antes de tudo, o trabalho materializado do homem. Com a exposição acima foi possível visualizar que não só o trabalho e/ou a expropriação da força de trabalho, mas até o próprio corpo do sujeito.

A partir desta perspectiva, fica evidente que Marx traz como dispêndio de força de trabalho, tempo e dedicação na materialização de um produto – que é o processo pelo qual se constitui a mercadoria. Visto de outro modo, se a mercadoria, para ser configurada como tal e

⁵ Dito de forma simplificada: valor de uso refere-se a algo para utilização na satisfação das próprias necessidades. Já valor de troca exerce esta mesma função, de atender uma demanda, mas de outrem. Essa, sendo passível de venda/troca – ver mais detalhadamente em Marx (2008), O Capital – Livro I, Sessão I: Mercadoria e Dinheiro; Capítulo I: A Mercadoria.

passível de venda no mercado, passou por um processo até que finalmente ela fosse exposta no mercado – ou seja, houve um caminho a ser percorrido para que chegasse ao resultado almejado.

Quando mencionado que a mercadoria é precedida de um percurso, resultado de um processo, parece pertinente conhecer que elementos são estes. Assim, lançando mão de Marx que explica como isso ocorre, identifica-se que o grande responsável por tudo isso é o homem e sua busca de modificação da natureza em busca de conforto e condições ideais de sobrevivência. Contudo, os meios pelos quais o homem realiza tais ações é que merecem atenção especial, podendo ser realizado de uma única forma: através do trabalho.

Sem adentrar ainda nos componentes que constitui a complexidade do trabalho e suas múltiplas facetas, traz-se aqui como o mesmo aparece no referente processo de constituição de mercadoria. Nas palavras de Marx:

Sob quaisquer condições sociais, o tempo de trabalho requerido para a produção dos meios de subsistência havia de interessar aos homens, embora não na mesma medida em diferentes estágios de desenvolvimento. Por fim, tão logo os homens trabalham uns para os outros de algum modo, seu trabalho também assume uma forma social (MARX, 2008, p. 122).

Ao ser visualizado que o trabalho é o meio pelo qual o homem materializa seus objetivos de melhoramento de suas condições de vida e ao passo em que protagoniza este processo o mesmo se configura ou mesmo o torna determinante, faz-se relevante trazer que o próprio trabalho se tornará posteriormente mercadoria através da venda da força de trabalho (MARX, 2008). Contudo, a travessia para tal condição tem sua gênese na confecção da mercadoria como meio essencial de subsistência. Para uma compreensão desta afirmação, segue um excerto onde Marx mostra como ocorre:

De onde surge, portanto, o caráter enigmático do produto do trabalho, assim que ele assume a forma-mercadoria? Evidentemente, ele surge dessa própria forma. A igualdade dos trabalhos humanos assume a forma material da igual objetividade de valor dos produtos do trabalho; a medida do dispêndio de força humana de trabalho por meio de sua duração assume a forma da grandeza de valor dos produtos do trabalho; finalmente, as relações entre os produtores, nas quais se efetivam aquelas determinações sociais de seu trabalho, assumem a forma de uma relação social entre os produtos do trabalho (MARX, 2008, p. 122).

Assim, é possível perceber que no sistema capitalista, mas especificamente na “sociedade das mercadorias” (MÉSZÁROS, 2005), o trabalho foi transformado em produto e

sua utilização para suprir as demandas desencadeadas pela conjuntura social assumiu essa característica em plena coerência com o sistema supracitado. Marx insiste:

O caráter misterioso da forma-mercadoria consiste, portanto, simplesmente no fato de que ela reflete aos homens os caracteres sociais de seu próprio trabalho como caracteres objetivos dos próprios produtos do trabalho, como propriedades sociais que são naturais a essas coisas e, por isso, reflete também a relação social dos produtores com o trabalho total como uma relação social entre os objetos, existente à margem dos produtores. É por meio desse quiproquó que os produtos do trabalho se tornam mercadorias, coisas sensíveis-suprassensíveis ou sociais (MARX, 2008, p. 122)

Por tanto, cabe aqui fazer uma explanação simples e breve sobre como se mesclam as ações do homem sob a forma de trabalho que, por conseguinte, promove forma às mercadorias e isto desemboca na relação venda-troca e demais subsídios determinantes da sociedade do capital. Contudo, é preciso pontuar que o recorte feito aqui acerca de mercadoria e sua relação com o trabalho não tem intenção de abarcar as complexidades desta (que é a temática que envolve as nuances presentes na sociedade capitalista), mas sim, trazer duas visões – uma nos primórdios do capital (MARX, 2013) e outro no apogeu do capitalismo (MÉSZÁROS, 2005; 2015).

Esta última versa acerca de como a mercadoria e o trabalho estão imbricados e como a tríade homem–trabalho–mercadoria são elementos fundamentais da reprodução da sociedade vigente. Assim, mesmo delineado que quando se trata de mercadorias a ideia de pronto se remeta a concretude em si, será possível visualizar que não é necessariamente desta maneira que ocorre, pois até mesmo no âmbito abstrato é possível se ter um produto, como a força de trabalho, que nas palavras de Marx (2007) indicam que “O trabalho produz ao mesmo tempo mercadorias e o operário enquanto mercadoria” (p. 12-13).

Harvey corrobora com esta ideia quando traz que mediante esta divisão surge um novo segmento baseada na relação social e que este consiste basicamente em colocar o homem também enquanto mercadoria. Nesse viés, “A ascensão do capitalismo realizou uma separação entre a produção de valor e mais-valor na forma de mercadorias, por um lado, e atividades de reprodução social, do outro” (HARVEY, 2018, p.27).

Portanto, mediante a exposição aqui realizada, faz-se necessário explicitar que quando trazido o intuito de apresentar as composições acerca do que se configura enquanto mercadoria no sistema capitalista é objetivando abordar acerca da mercantilização da Capoeira. Talvez tendo trazido explicitamente de início os conceitos, seja possível compreender sob quais parâmetros esta prática é dependente.

De acordo com o que foi posto, para que uma determinada ação e/ou produto seja configurado como mercadoria é necessário que haja dispêndio de força de trabalho na confecção/constituição, o trabalho em si – que segundo Marx o seu sentido ontológico configura-se como atividade transformadora da natureza em prol do conforto do homem. Assim, somente a partir da divisão do trabalho começa o processo de transformação deste, que vai culminar, em última instância, na condição do estranhamento do trabalho – que, por sua vez, desencadeia nas etapas que subsidiam venda e, por conseguinte, compra.

Após este entendimento, e partindo do princípio de que a Capoeira configura-se enquanto mercadoria na sociedade capitalista, surgem determinados questionamentos para se compreender se ela obedece aos parâmetros aqui utilizados para definir mercadoria. A Capoeira enquanto mercadoria necessita de: a) dispêndio de força de trabalho; b) o trabalho em si e; c) a venda.

Após os apontamentos realizados do que se entende aqui enquanto mercadoria, e sob que aspectos as mesmas se desdobram frente as práticas cotidianas tendo como delineador o capital como fator determinante, nesta seção será apresentada como a Capoeira chegou nesse patamar de mercadoria e como a mesma se porta frente as suas raízes ancestrais afros (que em sua gênese são antagônicos às práticas capitalistas eurocêtricas). Assim, esta parte segue sob o questionamento: a) como ocorre a prática da Capoeira enquanto mercadoria? b) quais os mecanismos que a sustentam enquanto prática de resistência, liberdade e insurgência da cultura negra ao passo em que é também instrumento disciplinador/docilizador e age na atualidade em consonância com as práticas capitalistas?

Sob estes questionamentos, percebe-se como a Capoeira é entendida enquanto mais uma prática que não escapou do capital e das moedas de sua máquina (DARCY RIBEIRO, 2006) que tritura tudo e transforma em matéria prima ao seu dispor/propósito. Nesse sentido, antes de adentrar sobre os subsídios que fazem da Capoeira mercadoria, traz se aqui um condicionante determinante para que a mesma seja visualizada por tal prisma. Explicita-se a questão das funções sociais infligidas aos indivíduos na sociedade – em especial, como são delineadas as ações desses sujeitos baseadas nos aspectos estruturalista e instrumentalista a qual o capital determina. Em outras palavras, qual a função que cada indivíduos desempenha na sociedade vigente que garante sua subsistência, com ênfase especial para a função do trabalho.

Em continuidade, traz-se a questão de como se apresenta a sociedade brasileira e seus postos de trabalhos, assim como a função que cada indivíduo desempenha na mesma. No entanto, mesmo que não seja aprofundada neste momento essa problemática, vale evidenciar

que para se entender como a Capoeira faz-se presente hoje é necessário visualizar o que Magalhães e Araujo (2020) trazem, que consiste em como a sociedade brasileira é movida em um sentido dual na sua característica enquanto sociedade baseada em práticas capitalistas destrutivas. Especificamente de como a sociedade brasileira é assentada em práticas escravagistas e que é a dualidade na divisão social e técnica do trabalho que determina a vida do sujeito, uma vez que a sociedade brasileira é dividida em duas classes: dos capitalistas (donos de produção) e da trabalhadora (os que vendem força de trabalho).

Tal determinismo é subsidiado pelo formato social e educacional protagonizado pela sociedade brasileira, que institui explicitamente e/ou implicitamente quem deve integrar os meios de produção e quem vive no do trabalho. Isso implica em uma divisão imposta que estrutura a qual função os filhos da classe trabalhadora devem se integrar – na sua maioria, na venda da força de trabalho ensejada na prestação de serviços, pois:

A educação profissional no Brasil, nasce assentada na divisão social do trabalho e consequentemente na divisão da sociedade em classes, fundamentalmente de duas classes: os capitalistas e a classe-que-vive do-trabalho, portanto ela surge com caráter dual, fragmentada, com a finalidade de atendimento de demandas de formação de mão de obra para o capital, nasce assentada na ideia de que os filhos dos trabalhadores não necessitam de uma educação intelectual, ampla, mas de uma educação instrumental e manual, que os direcione para o emprego.(MAGALHÃES; ARAÚJO, 2020, p. 11).

Sob esta percepção é que se entende aqui necessário iniciar-se pelo delineamento de como a Capoeira transformou-se, na verdade como foi transformada, em mercadoria. Um fator que explica a condição da Capoeira sob os parâmetros que a mesma se encontra na atualidade ocorreu a partir do modo como foi pensada a constituição da sociedade brasileira assim como a mesma foi desenvolvida, pois basta uma consulta sucinta aos históricos de formação do Brasil para se inteirar que o país foi construído sob parâmetros eurocêntricos com vários mecanismos condicionantes e moldadores de um modo específico de população que se queria para integrar o país. Como exemplo, cita-se a política do branqueamento⁶ (VEIGA, 2019) e o famigerado Mito da Democracia Racial⁷ (NASCIMENTO, 1978).

Um desses mecanismos foi à indústria cultural que se instalou a partir de um pensamento nacionalista protagonizado principalmente na Era Vargas, que foi responsável por instalar uma onda identitarista que visava instituir uma identidade nacional para o povo

⁶ Segundo o autor, a formação da sociedade brasileira foi objetivada para o desaparecimento do negro enquanto etnia, suas tradições e crenças. O padrão desejado: homem branco e sua cultura. Ver mais em Veiga (2019).

⁷ O autor condenou veementemente como o povo negro foi (e ainda é) enganado ao acreditar que o racismo e suas estruturas não existem e que a formação da sociedade brasileira foi realizada de maneira tranquila e passiva. Ver detalhadamente em Nascimento (1978).

brasileiro. Sob este aspecto foram realizadas várias ações que brazilizavam determinadas práticas e a Capoeira foi uma dessas (FONSECA, 2008).

Sobre esse pensamento, Silva (2021), destaca que a cultura foi mercantilizada e imbuída de servir ao regime vigente como meio de controle da população, sendo a mídia parte fundante deste objetivo – por esta possuir em sua composição um conteúdo raso, circundante, conformista e repetitivo que fez com que a classe trabalhadora se conformasse com sua própria condição, impedindo qualquer reflexão ou aprofundamento de pensamento acerca de sua própria realidade. Nas palavras do autor: “A fábrica retira a mais-valia da massa de trabalhadores negros, o Estado os mata ou os encarcera e a Indústria Cultural busca legitimar tais práticas” (SILVA, 2021, p. 239).

Expostos estes condicionantes, entende-se sob quais parâmetros a Capoeira foi (e ainda é) submetida e adquiriu sua condição de mercadoria – partido do pressuposto de que, como mencionado ao longo deste escrito, a mesma detenha um valor. Contudo resta saber, baseado nos aspectos marxianos, que valor seria este: quando a Capoeira é valor de uso e quando é valor de troca. Partindo da premissa de que para se ter valor de troca é necessário antes ter valor de uso, o viés histórico do surgimento da Capoeira precisa ser resgatado aqui, pois apenas assim será possível entender seu valor de uso e seu desdobramento para posterior valor de troca como mercadoria, uma vez que só existe mais-valia⁸ quando há valor.

Nessa perspectiva, a Capoeira teve que produzir um valor (nos vieses capitalistas) para si para só então ser colocada à venda. Assim, para se compreender este percurso, é necessário lançar mão, mais uma vez, do arcabouço histórico que descreve as nuances específicas a que a Capoeira foi exposta – determinando seu processo de formação e viés na atualidade, a saber.

A Capoeira surgiu como necessidade de se contrapor a um sistema opressor (a escravização) assim como de exploração não só da força de trabalho, mas também de extremas violências e maus tratos sofridos pela população escravizada surgindo assim uma maneira de autodefesa/proteção (ABIB, 2004). Neste momento surgiu o que Soares (2001) denominou de *capoeira escrava*, com ênfase especial para a cidade do Rio de Janeiro⁹. Neste aspecto, entende-se aqui tal prática como valor de uso, uma vez que a mesma surgiu para atender uma necessidade destacando sua utilidade.

⁸ Subsidiada pelo valor de troca, a mais-valia, e/ou valor excedente, consiste no lucro ou valor acrescentado ao valor real (valor de custo) da mercadoria. Ver mais detalhadamente em Marx (2013) O Capital: Livro I; Sessão I Mercadoria e Dinheiro; Capítulo I: A Mercadoria.

⁹ A literatura da Capoeira traz a cidade carioca como um dos locais onde a capoeiragem assumiu um caráter de luta e um viés político, não só por sua participação explícitas em comícios (com brigas e arruaças, pois eram contratados por partidos rivais para isso) como por sua participação nos levantes negros – como a pernada carioca, por exemplo (REAL, 1967) e até a criação de partidos políticos. Ver mais em IPHAN (2007).

Avançando na história, logo após a extinção oficial da escravidão no Brasil a Capoeira teve seu caráter marcial/bélico comprovado devido as lutas e demais rebeliões e fugas, assim como formação de quilombo, dentre outras insurgências. Fato este que foi de extrema relevância para o futuro da mesma, pois segundo Araújo (2006) logo após a extinção escravagista uma das funções que a Capoeira assumiu foi seu caráter efetivo de luta contundente. Esse aspecto foi utilizado como subsídios para negros recém libertos serem contratados como seguranças particulares e/ou, como denomina o autor, como *leões de chácara* – Eis então os primeiros indícios da Capoeira passando de valor de uso (autodefesa) para valor de troca (a venda da força de trabalho).

Em sua definição, Araújo (2006) aponta uma característica preponderante para se entender o processo de constituição da Capoeira como se conhece na atualidade e o mesmo consiste em expor os modos diferentes de Capoeira levando em consideração os três estados de surgimento da mesma – Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco, os três grandes portos de desembarque de escravizados (IPHAN, 2014). Essa realidade delineia o perfil destes praticantes dizendo que a Capoeira carioca tinha um caráter bélico/luta e de arruaças (não por acaso o surgimento das Maltas e posterior proibição da prática surgiram lá), já a da Bahia foi identificada enquanto viés folclórico/lúdico e a de Pernambuco, por fim, foi pautada em disputas individuais e encarada como prática de valentões.

Em decorrência dos transtornos que a sociedade apontou, em especial a carioca, que a Capoeira trouxe (arruaças, brigas, disputas de territórios, assassinatos e demais desordens para o período republicano), a mesma foi inserida no Código Penal e lá permaneceu por décadas. Importante destacar que mesmo proibida, era notória sua permanência nos mais variados locais, especialmente na Bahia, como em: festas de largos, botequins e cais. Outras formas de resistência foram à criação de espaços específicos para práticas afros (candomblé e Capoeira, dentre outros) na qual Mestre Valdemar foi um dos pioneiros; e a sua exposição da capoeira em locais como universidades, o que mostra(va) que a prática já não ofertava perigo a civis como antes (IPHAN, 2007).

Contribui para essa mudança a figura do próprio Mestre Bimba e sua nova Capoeira, iniciando assim um período em que posteriormente sua expansão iria ultrapassar as fronteiras nacionais (FALCÃO, 2011). Por este parâmetro, ancorado no pensamento de Araújo (2006), a Capoeira tornou-se de fato uma mercadoria a partir do século XX, posteriormente a suas fases enquanto escravagista, recém liberta, pós proibição e como se conhece na atualidade.

Neste sentido (e em conectividade com o início desta seção, que traz sob que formato constitui-se a sociedade brasileira), foi neste ponto que a Capoeira sofreu um processo

entendido aqui como aculturação, pois mesmo que essa prática tenha mantido seu caráter efetivo enquanto luta e demais nuances que a tornam única, a mesma sofreu adaptações desde sua gênese influenciada principalmente pelo sistema dominante – o capitalista e seu modo nato de exploração.

Araújo (2006) aponta que Mestre Bimba logrou êxito por utilizar de sua sagacidade e criar condições propícias através da Luta Regional Baiana (CAMPOS, 2009) para se diferenciar da Capoeira praticada a época e presente no Código Penal – o que propiciou um ressurgimento do que se conhece hoje como Capoeira Regional. Contudo, as especificidades de como isso ocorreu tem na conjuntura social da época o grande segredo, pois a dita luta do Mestre Bimba passou a ter notoriedade e visibilidade não só pelo seu formato até então apresentado, mas em decorrência da sua entrada no ambiente universitário.

Essa entrada fez-se importante historicamente, porque foram justamente esses praticantes, então alunos de Mestre Bimba, que vão coloca a Capoeira no seio da elite da época, pois os mesmos eram acadêmicos do primeiro curso de Medicina em execução no Brasil, ofertado pela Universidade Federal da Bahia (ARAÚJO, 2006). O autor menciona que a Capoeira de Mestre Bimba logo caiu nas graças desses indivíduos, que imbuídos do imaginário acerca da prática (seu caráter místico), acabaram por tornar esse objeto de desejo e, por conseguinte, de apropriação de um público burguês que, na sua empáfia, compra tudo – até a cultura. Por sua vez, Mestre Bimba que precisava de dinheiro – carvoeiro, estivador, trabalhador braçal – e, por necessidade, vendia sua força de trabalho através dos saberes que dispunha a época.

Entretanto, a Capoeira aculturada/adaptada, como mencionado antes, configurou-se assim por ter atendido as demandas sociais da época entendendo que a mesma passou de valor de uso (autodefesa) para valor de troca (primeiramente através de sua condição de guarda-costas e posteriormente através das aulas de Capoeira e seu consumo para fins estéticos culturais). Parte desse sistema de adaptação ocorreu através de: metodologias definidas, uniformes, execução em espaços próprios e até mesmo uma disciplina militarizada aprazível ao momento vivido a época (década de 1930) – na qual se necessitava de trabalhadores viris e aptos ao trabalho duro, mas disciplinado/moldados/docilizados (ARAÚJO, 2006).

Frente a essa realidade, veio a calhar essa Capoeira institucional organizada, mas, em síntese, a Capoeira iniciou sendo oriunda de uma necessidade, seu caráter bélico e marcial na época repressiva escravagista, mas logo após a abolição ela se mostrou como arma forjada na época repressiva e apta a ser vendida e comprada como tal – ao passo em que se mostrava eficaz e até letal. Por começar a atrapalhar o desenvolvimento social, foi circundada e

reprimida com a intenção de sua exclusão, uma vez que não havia mais uso e/ou finalidade e é então que passa por um período de metamorfose e ressurgir de outra maneira. Mantem sua característica bélica, mas como mercadoria a ser comprada, tal qual uma arma de guerra não mais necessária, mas muito cobiçada por colecionadores – neste caso os adeptos/praticantes.

Ainda utilizando desta analogia, para que a Capoeira sobrevivesse e voltasse a ser vista em público e não causasse nenhum transtorno social, a mesma teve que se adaptar (a arma ganhou novos adornos e nem toda hora está carregada com projétil real, somente pólvora para divertir os pagantes). Esta foi a Capoeira que saiu da ilegalidade em meados da década de 1940 na Bahia e que logo depois se espalhou por todo território nacional e internacional (FALCÃO, 2011; IPHAN, 2014) com sua eficácia de antes (períodos de repressão), mas com o controle das eras modernas – pois mesmo que ainda forjassem exímios guerreiros, suas performances não poderiam ultrapassar as rodas e/ou as paredes da academia.

Ancorada nessa informação, a Capoeira fez-se notória devido sua expansão e demais configurações, pois como já mencionado, tal prática ainda na ilegalidade não deixou ser exercida, expandida e reconfigurada – como foi o caso dos mestres mais citados, como Bimba e Pastinha, por exemplo (sendo o último até hoje um dos mais conhecidos nomes da Capoeira Angola – se não sua grande referência). É preciso citar também Mestre Waldemar, Canjiquinha e outros que aos seus modos, respectivamente, pois insiram metodologias e estabeleceram modos de conduta, dentre outras especificidades, que não só retiraram a Capoeira da ilegalidade como a impulsionaram para novos cenários (REGO, 1968).

Por este prisma a Capoeira foi ressignificada e transformada em *novas capoeiras*, possuindo caráter burguês porque atendiam a um modo de agir e pensar instrumentalista pautado na lógica capitalista. Segundo Araújo (2006), até mesmo a questão hierárquica e os treinos (realizados na sua maioria em filas) passaram a ser pautados na lógica militarista/tecnicista e, por conseguinte, capitalista.

Assim, a Capoeira que adentrou os mais diversos espaços (a escola, inclusive) atendia a uma lógica burguesa voltada para a classe dominante e nunca para o trabalhador (quem poderia pagar?). Além disso, cada vez mais suas exigências/capacitações respondiam a demandas de uma sociedade pautada no capital e a própria pauta da expansão da Capoeira pelo mundo deu-se pelo modo como a mesma se adaptou a globalização e passou a atender a lógica mercadológica, pois desde os métodos de ensino até o modo como se realiza(va) uma aula passou a ser oriundo de metodologias militares e tudo começou com Mestre Bimba e a Luta Regional Baiana (ARAÚJO, 2006; FONSECA, 2009).

Realizada esta exposição sucinta sobre que parâmetros visualiza-se na Capoeira e de qual sociedade esta faz parte, aqui se retoma a questão de como a mesma se apresenta enquanto mercadoria no cenário cotidiano. Entretanto, é importante entender que dentro dessa exposição cabe não só apresentar a Capoeira em si como produto materializado/lapidado, mas também como esta se constitui, enfatizando quais os mecanismos/matéria-prima que compõe esta mercadoria.

Assim, logo que a Capoeira tornou-se nacional e internacional ocorreu à formação de várias escolas de Capoeira, (os ditos grupos – BRITO; GRANADA, 2020). Esses foram os responsáveis pela inserção e permanência da Capoeira em seus respectivos países, mas também nos mais diversos continentes (inclusive o asiático) e subsidiaram uma característica hoje comum no cenário capoeirístico: os super e/ou megagrupos de caráter internacional (FERNANDES, 2014).

É neste cenário que se torna preponderante adentrar sobre o viés da Capoeira enquanto mercadoria, pois em um ambiente no qual o sistema capitalista dita as regras, o formato em que a prática é difundida e se mantém (não só no exterior, mas até mesmo aqui no país) é através de uma organização gerencialista de cunho empresarial (promoções, hierarquias dentre outros aspectos que denotam que cargo o indivíduo ocupa na organização). Ou seja, a docência é a venda (ARAÚJO, 2006) e as aulas são o produto final desta mercadoria, mas até lá existe um caminho pavimentado por uma organicidade pautada nos aspectos empresariais.

Os então grupos-empresas expandem sua prática utilizando um viés empresarial que, em sua maioria utiliza o esquema piramidal¹⁰ e tem nas franquias¹¹ fator principal para sustentabilidade desta prática. Esse modo de ação é mais visível nos grupos/escolas internacionais, e por este prisma a Capoeira é uma mercadoria vendida nos mais diversos países e cenários e se indaga: que é o vendedor? Como essa figura se constitui?

Essa indagação interage com o formato sob o qual a Capoeira apresenta-se, oscilando em caráter piramidal e enquanto franquia. Nesse sentido, o sistema de pirâmide na Capoeira, consiste no fato de que para que um indivíduo torne-se um docente responsável pela venda dessa mercadoria há a necessidade de uma capacitação ofertada através da escola/grupo, que é a própria formação do sujeito na medida em que este se torna adepto/praticante e vai galgando degraus dentro da prática.

¹⁰ Define-se como sistema de pirâmides por necessitar de um recrutamento constante para sustentabilidade do empreendimento em curso. Ver detalhadamente em Andrade (2018).

¹¹ Embora existam várias modalidades de franquias (MERLO, 2000), em síntese esse fenômeno significa a obtenção do direito de representar uma marca/empresa e seus produtos para a comercialização – balizada pela lei 13.966/2019 (BRAZIL, 2019).

Cada grau alcançado é reconhecido enquanto processo de ascensão até chegar à condição de docente, neste caso o vendedor da mercadoria. Neste ponto faz-se presente a questão das franquias, que se concretizam a partir da própria formação da escola/grupo que se consolida com um nome/marca estabilizada no cenário capoeirístico através da performance de seus alunos, organização de eventos, simpósios, seminários, campeonatos (FONSECA, 2009) e demais ações que corroboram a qualidade técnica daquela organização.

Para se fazer parte de tal organização (no caso a escola/grupo) o indivíduo associa-se enquanto praticante e passa a representar esta marca no cenário supracitado. Logo, para que o indivíduo torne-se um vendedor da sua prática é necessário um vínculo do mesmo com uma plataforma de ensino, neste caso as franquias. É a partir deste prisma que a Capoeira configura-se enquanto mercadoria e sua venda é realizada de acordo com os parâmetros que lhes foram estabelecidos que, por sua vez, consistem na utilidade concreta e sua aplicabilidade na vida real do indivíduo – É exatamente este um dos pilares questionadores que impulsiona esta pesquisa no seu intento ao campo e o contato direto com os indivíduos/praticantes.

Em continuidade, outra característica a ser observada com mais afinco é a questão da formação dessa Capoeira enquanto matéria prima até produto final, pronta para venda. É preciso levar em consideração que até o destino final a mesma passou por uma série de fases que foram responsáveis pela sua construção. Foi neste processo que acontece sua lapidação e demais ações que visam garantir a qualidade do produto final – eis então onde entra uma categoria determinante na vida em sociedade, o trabalho.

Assim, por todo o exposto, visualiza-se que a prática detém em sua composição uma gama de saberes engendrados e aprimorados através das décadas e que ao passo em que os condicionantes sociais (economia e viés ideológico) foram se apresentando, a Capoeira foi adaptando-se e se moldando as condições que lhe era atribuída. Contudo, quando se traz seu formato atual, mostrando como funciona sua permanência no cotidiano social vigente, não se está vilipendiando seus saberes/valores consolidados ao longo de sua constituição, mas sim colocando a mesma a luz dos aspectos condicionantes das práticas capitalistas normatizadas e endossadas na sociedade em curso.

É mediante essa realidade que se expõe que a prática da Capoeira faz-se em uma contradição tal qual o materialismo histórico dialético de Marx aponta nas suas respectivas categorias, pois ao passo em que a prática pode ser benéfica, também pode ser deletéria. Isso é semelhante ao que trazem Magalhães e Araújo (2020) quanto apontam a escola sob a perspectiva de uma arena de disputa, sendo um instrumento também de dominação da sociedade burguesa.

Não diferente, mostra-se que a Capoeira, mesmo comungando com as práticas capitalistas em curso, possui uma trajetória repleta de insurgências, resistências e demais ações que demonstra insistência da prática em se manter viva – independente da configuração e/ou adaptação necessária. Então, quando se fala de abordar a mesma sob o prisma do trabalho como fator determinante é também entendendo que ela detém na sua conjuntura tal categoria intrínseca a sua formação.

O trabalho visto por este viés, que o traz enquanto produto, aponta que a mercadoria é a materialização do resultado do trabalho. Logo, o mesmo foi restringido a um gerador de produtos e, sob este aspecto, surge uma nova problemática a ser explicada que consiste em entender sobre o que se configura o trabalho. Pensando a partir de que a Capoeira tornou-se enquanto mercadoria para se manter na sociedade vigente, esta detém os elementos necessários para se configurar enquanto trabalho, mas versar sobre o trabalho e suas complexidades, bem como as especificidades acerca de educação e até mesmo o viés artístico da mesma, é uma tarefa para a próxima seção – que terá em seu escopo noções acerca do trabalho, educação e as contradições que a Capoeira carrega enquanto arte/cultura e mesmo enquanto esporte, luta e sua presente na sociedade capitalista mercantilista.

2. O Trabalho e a Capoeira

O objetivo desta seção é apresentar a categoria trabalho e algumas especificidades que se desenvolveram ao longo das épocas, chamando atenção principalmente para seu desdobramento frente ao capital e sua relação com o objeto de estudo aqui abordado: a Capoeira. É preciso contextualizar, no entanto, que quando escolhido o fenômeno trabalho, levou-se em consideração que o mesmo é condição inerente ao ser humano e tem na sua composição complexidades determinantes para as práticas do ser pertencente a sociedade.

Logo neste início, faz-se relevante apresentar algumas fases do trabalho, apontadas por algumas literaturas, que trazem como se delineou o trabalho na história da humanidade, bem como sua condição atual. Para esta exemplificação inicial, as exposições de Borges e Yamamoto (2014) mostram, de maneira simplificada, as facetas do trabalho e suas significações ao longo da história, *a priori* através da cultura grega, pois a filosofia clássica o identificou como indigno (desgastante e degradante – *tripalium*) ao homem, sendo um empecilho para uma constituição formação e plena.

À visão de que o trabalho seria parte da formação humana e, portanto, necessário para a constituição do ser em sua condição altruísta, no entanto, era sustentada por Hebreus, Caldeus, orientais e primeiros cristão. Esses últimos, entretanto, durante a idade média resgatam o pensamento de que o trabalho seria uma forma de punição e que pessoas abastadas seriam livres de pecados e, por isso, não precisariam executá-lo. Posteriormente (mas ainda na visão cristã, só que dessa vez a protestante) o trabalho passou a fazer parte da formação moral do homem através da sua conexão com o divino: o protestantismo ascético – outro resgate de percepção, apresentado no começo desse parágrafo (BORGES; YAMAMOTO, 2014).

Finalmente, com a realidade das revoluções industriais observou-se o advento da concepção marxista do trabalho como campo de contradição – ora edificante ao ser humano, por garantir o seu sustento e formação humana, ora alienante e perverso – voltando-se para a condição do ser pensante. É essa última concepção que será desenvolvida aqui através de uma exposição acerca da compreensão do trabalho na atualidade, pois é neste cenário que o objeto de estudo aqui abordado (a Capoeira) se faz presente com suas complexidades e especificidades – e na medida em que for sendo apresentada, concomitante as noções acerca do trabalho, será exposta sua materialização na prática.

Considera-se pertinente aqui apresentar que o sentido do trabalho abordado nesse escrito é pautado na concepção Lukásiana trazida por Lessa (2012), quando o mesmo diz:

Na investigação ontológica de Lukács, o conceito de trabalho comparece em uma acepção muito precisa: é a atividade humana que transforma a natureza nos bens necessários à reprodução social. Nesse preciso sentido, é a categoria fundante do mundo dos homens. É no trabalho que se efetiva o salto ontológico que retira a existência humana das determinações meramente biológicas. Sendo assim, não pode haver existência social sem trabalho (p.25).

Contudo, o autor citado aponta que a vida social não se restringe ao trabalho (mesmo sendo este uma categoria social), mas uma série de composições complexas que formam a conjuntura a qual se conhece como sociedade. “Por isso, além dos atos de trabalho, a vida social contém uma enorme variedade de atividades voltadas para atender às necessidades que brotam do desenvolvimento das relações dos homens entre si” (LESSA, 2012, p. 25) e se expressa plena concordância com a perspectiva, inclusive em decorrência do objeto em estudo.

Necessário trazer aqui que Lessa (2012) chama atenção que dada a imbricação das formas de sobrevivência do homem juntamente ao sistema capitalista, o trabalho apresenta-se na maioria das vezes de modo abstrato e que sua composição de inerência a vida pauta-se em um processo formativo. Este, de acordo com o pensamento marxiano, é invisibilizado e sempre que mencionado o trabalho destaca *a priori* seu caráter exaustivo/problemático. “Trabalho e trabalho abstrato passam, assim, equivocadamente a ser tomados como sinônimos no caso da sociabilidade contemporânea” (LESSA, 2012, p. 26).

Nesse sentido, o pensamento marxiano entende que o trabalho diz respeito a necessidades humanas – ou seja, tudo que é produzido e tem uma aplicabilidade, uma materialização, e que de algum modo ajuda o ser humano em alguma necessidade é considerado trabalho útil. Max chama atenção ao fato de que o que se instalou e se normatizou/naturalizou nos padrões das sociedades capitalistas foi o trabalho abstrato, o estranhado, no seu viés utilitarista e alienador, mas “A força de trabalho nem sempre foi uma mercadoria. O trabalho nem sempre foi trabalho assalariado, isto é, trabalho livre” (MARX, ENGELS, 2011, p. 31).

A partir disso, é preciso depreender que o trabalho na sua conotação atual não representa seu sentido originário de existência na sua função principal, a qual era justamente garantir a sobrevivência do ser – muito embora haja quem advogue que a venda da força de trabalho e a condição utilitarista atribuída a ele consista na fórmula mais apropriada de garantia da sobrevivência. “Adam Smith proclamou o trabalho em geral, e, além disso, sob seu aspecto social total de divisão de trabalho, como a única fonte de riqueza material ou dos valores de uso” (MARX, 2004, p. 88) e eis aí a grande condição defendida pelos capitalistas,

que Max já denunciava logo que percebeu os labirintos formados pelo capital, pois a mesma ainda se distancia exorbitantemente das finalidades do seu surgimento.

A concepção de trabalho em Marx transcende a questão da venda da força de trabalho, pois de acordo com seu pensamento o trabalho humano estende-se desde suas ações aparentemente de lazer, descompromissadas (pescar, por exemplo) até a realização de uma função específica (a fábrica, por exemplo). Tal perspectiva faz-se relevante por explicitar que as ações do homem estão imbricadas pela transformação da natureza para benefício próprio e que mesmo as ações mais supérfluas ainda denotam sua peculiaridade em relação a sua sobrevivência. Percebe-se, então, “que a vida física e mental do homem está interconectada com a natureza [e] não tem outro sentido se não que a natureza está interconectada consigo mesmo por isso o homem é uma parte da natureza” (MARX, 2008, p. 84), onde o trabalho tem papel determinante.

Para exemplificar, aponta-se Marx quando o mesmo traz o exemplo de um cidadão comum que desenvolve diversas ações em nome de sua subsistência, pois “Apesar de seu caráter modesto, ele tem diferentes necessidades a satisfazer e, por isso, tem de realizar trabalhos úteis de diferentes tipos, fazer ferramentas, fabricar móveis, domesticar lhamas, pescar, caçar etc. (MARX, 2008, p. 67)”. Estes apontamentos expõem que mesmo o trabalho assumindo várias conotações, nesse momento o mesmo ainda se constitui em valor de uso – ou seja, sua função atende as necessidades primárias de quem o detém e, na medida em que vão surgindo as demandas, sua função vai se ramificando, mas:

Apesar da variedade de suas funções produtivas, ele tem consciência de que elas são apenas diferentes formas de atividade do mesmo Robinson e, portanto, apenas diferentes formas de trabalho humano. A própria necessidade o obriga a distribuir seu tempo com exatidão entre suas diferentes funções (MARX, 2008, p. 68).

Logo, o que se está enfatizando aqui é o trabalho no seu caráter ontológico e sua primordialidade para o ser humano enquanto sobrevivente frente as condições naturais, pois para Marx o trabalho é uma alteração direcionada para os produtos existente na natureza na sua forma bruta sendo refinamento e ressignificação desta matéria-prima. Este fenômeno é subsidiado pelas necessidades humanas, o que remonta ao pensamento de Marx acerca de que o homem modifica a natureza de acordo com suas necessidades de sobrevivências.

Em continuidade a apresentação do trabalho em sua gênese, é fator primordial entender que o surgimento do mesmo tem um caráter fundante para a humanidade por se

tratar exatamente das ações que homem foi levado a exercer frente as suas necessidades básicas. Assim:

O trabalho, cuja utilidade se representa, assim, no valor de uso de seu produto, ou no fato de que seu produto é um valor de uso, chamaremos aqui, resumidamente, de trabalho útil. Sob esse ponto de vista, ele será sempre considerado em relação a seu efeito útil (MARX, 2008, p. 20).

Em síntese, o trabalho tem como finalidade ontológica suprir as necessidades do homem frente as dádivas da natureza e sua função primordial acontece através do valor de uso – que consiste em prover o bem estar de si e dos seus. O valor de uso do trabalho foi determinante na formação das primeiras sociedades e na emancipação do homem enquanto ser pensante e mesmo que nos primórdios não fosse denominado desta maneira, o fato é que o trabalho é a materialidade da consciência humana e o que o difere dos demais animais (MARX, 1983).

Contudo, o trabalho é intrínseco a vida e não se restringe ao homem, pois Braverman (1974) aponta que mesmo um passarinho na construção de seu ninho é considerado trabalhador. O que o difere dos seres humanos é a capacidade de planejamento e, neste caso, o trabalho no seu sentido ontológico simboliza o pensamento humano e a capacidade que o mesmo tem de projetar – independe do instinto ou pré-disposição. Logo, essa característica vai ser preponderante na história da humanidade até mesmo pelos desdobramentos que tal fenômeno subsidiará no decorrer das eras – e na medida em que vão modificando-se as práticas humanas, assim também o acontece com o trabalho e suas conotações.

Assim, seja o trabalho no seu formato ontológico e/ou visto como valor de uso, entende-se que “Os valores de uso são, de modo imediato, meios de existência (MARX, 2004, p. 53)”, pois o mesmo contém em sua composição processos que vão delinear sua utilização frente as diversas demandas sociais. É nesse ponto que o mesmo passa a ser influenciado pelos estímulos de cada sociedade e ocorre a divisão social do trabalho – que *a priori* consistia somente na divisão de tarefas de um coletivo visando maximizar recursos da melhor maneira, garantindo assim sua sobrevivência e conforto.

Entretanto, mesmo sob este formato, o trabalho detém na sua composição o dispêndio de força de trabalho no qual corpo, cérebro e nervos (MARX, 2013) são direcionados para uma única finalidade: a execução e construção do objeto almejado – forjado a partir da matéria-prima bruta e natural. Antunes (2005) e sua concepção do trabalho aponta relações de *primeira e segunda ordem* que se pautam na relação do homem com a natureza e no processo

de transformação dela em decorrência de suas necessidades, que ocorrem de maneira natural, pois são garantias de sobrevivência do homem frente às hostilidades ambientais as quais ele é desprovido de qualquer dom natural – diferentemente dos animais selvagens, uma vez que os mesmos são dotados do instinto além dos atributos corporais naturais (venenos, garras, etc).

A esta conectividade do homem e natureza, seus processos de transformação da mesma e sua utilização como meio de sobrevivência Antunes (2005) atribuiu a nomenclatura de *os sistemas de primeira ordem*. Estes são exatamente o já delineado trabalho entendido como valor de uso – o que evidencia que a relação do homem com o trabalho, desde sua gênese, foi algo crucial não só para sua sobrevivência, mas também enquanto fator determinante para o próprio planeta.

Contudo, como apresentado por Mészáros (2015), seu formato de exploração exacerbado conduzido pelo sistema capitalista está sendo responsável pelas catástrofes naturais visualizadas na contemporaneidade. Assim, fica evidente que o fator determinante não é somente o trabalho em si, mas sim a maneira com que o mesmo é utilizado e, principalmente, os propósitos a que o mesmo será submetido – assim como seu condicionamento frente as demandas impulsionadas pelo capital. É justamente nessa conexão com as demandas capitalistas que Antunes (2005) denomina como “*mediação de segunda ordem*”.

No que tange a isso, o autor exemplifica que o contato ocorre mediante ao distanciamento do trabalho do seu cerne originário, passando a depender de outrem para suprir suas necessidades básicas. Inicia-se então uma relação mediada pela compra, venda e troca de mercadorias já sob a égide e diretriz das práticas capitalista onde a mais-valia faz-se presente inerentemente por se tratar da forma com o trabalho passa a se configurar. Dito de outro modo: quando o trabalho passa de valor de uso para valor de troca subsidiada pela tríade capital, trabalho e Estado.

Antunes (2005), advoga que *os sistemas de primeira ordem* são completamente capazes de garantir a vida sem a necessidade de transição para a mediações de *segunda ordem*, uma vez que utilizar dessa seria iniciar a fragmentação do trabalho e a instauração de um sistema que atende não as necessidades humanas, mas as vontades minuciosas e sórdidas do capital global. Essa ação seria atrelada ao consumismo, pois o capital detém microcosmos variados que agem em favor do mais forte em detrimento ao mais fraco, obrigando a adaptação ou perecimento, pois o mesmo não leva em consideração o valor de uso e sim de troca e a mais-valia é a propulsão máxima que desencadeia diversos processos de exploração da vida humana e da natureza.

Realizada essa exposição acerca do trabalho e sua função vital para a sobrevivência da espécie humana, inicia-se aqui a explanação acerca do caráter formativo do mesmo. Necessário evidenciar que o surgimento do trabalho impôs em seu código genético experiências e aprendizados protagonizados pelo ser humano ao longo das eras e que a partir disso insere-se aqui o trabalho como princípio educativo.

Visualizando por este aspecto, o trabalho desempenha então uma função delimitadora do ser humano que vai ser responsável não só pela sua sobrevivência, mas também pela sua consciência acerca da vitalidade do trabalho frente as condições ambientais as quais ele faz parte. Este processo educativo tornou-se responsável então pelo surgimento dos avanços tecnológicos (ainda em curso), que antecedem o estranhamento e expropriação do trabalho, pois a partir do momento que homem saiu da sua condição de caçador e/ou coletor (COSTA, 2012) iniciou-se o processo gradativo de refinamento do trabalho – que adensado pela divisão do mesmo foi responsável pelas transformações visualizadas historicamente, o que se deu antes do seu estranhamento através do seu princípio formativo/educativo.

Entendendo aqui o trabalho como processo e princípio educativo, sua constituição é formada a partir das ações humanas e por suas eleições do quão adequados são as construções e transformações da matéria para sua utilização. Levando em consideração que este processo educativo ocorreu por eras e foi agudizado pela divisão do trabalho:

Com efeito, desde o momento em que o trabalho começa a ser repartido, cada indivíduo tem uma esfera de atividade exclusiva que lhe é imposta e da qual não pode sair; é caçador, pescador, pastor ou crítico e não pode deixar de o ser se não quiser perder os seus meios de subsistência (MARX; ENGELS, 2011, p. 28).

A divisão do trabalho é fator crucial no que diz respeito ao viés educativo do supracitado, uma vez que a partir do momento em que cada função era creditada a um determinado indivíduo exigiu-se dele sua dedicação/dispêndio assim como lhe era impelida uma transformação através do trabalho. Marx e Engels (1999) mostram que ao passo em que o homem se dedica ao mundo do trabalho, transforma não só a natureza, mas a si mesmo, reiterando aqui que o trabalho é (trans)formador no sentido educativo/formativo.

Baseado nos pensamentos do próprio Marx em sua convicção acerca do homem em total conectividade com a natureza e utilizando o trabalho também como parte de sua formação integral do sujeito através da omnilateralidade, Manacorda (1991) aponta que o posicionamento de Gramsci frente a esta questão era fomentado na ideia de que o trabalho era parte fundamental para a completude deste ser através de uma relação recíproca.

Por este viés, Manacorda (1991) evidencia que o pensamento gramsciano, ancorado em Marx, defende uma conexão e uma integralidade do indivíduo a partir de uma postura madura e desenvolvida no tocante a divisão do trabalho – ou seja, uma possível efetivação do trabalho manual e intelectual desenvolvido pelo indivíduo através da *práxis*. Contudo, é necessário pontuar a problemática que envolve a divisão do trabalho, uma vez que tal ação desencadeou a divisão social do trabalho como traz Marx e Engels (2011) quando pontuam as consequências, a saber:

A divisão do trabalho numa nação obriga em primeiro lugar à separação entre o trabalho industrial e comercial e o trabalho agrícola; e, como consequência, a separação entre a cidade e o campo e à oposição dos seus interesses. O seu desenvolvimento ulterior conduz à separação do trabalho comercial e do trabalho industrial (MARX; ENGELS, 2011 p. 26).

O que pode ser visualizado é que a divisão do trabalho, por este prisma, acarreta uma fragmentação do mesmo e esta desencadeia rupturas no processo de conexão do homem e com a natureza impedindo uma constituição completa do mesmo. O que vale destacar no pensamento de Gramsci (2006), é que o mesmo uma formação completa do ser com seus pensamentos em plena harmonia com suas práticas, formando assim o que ele denominou como *intelectual orgânico*. Tal consiste em um indivíduo que detém conhecimentos e técnicas acerca de suas ações, pois conhece o processo por inteiro sendo capaz, por tanto, de intervir e modificar a conjuntura a qual pertence.

Nesse ponto é que o pensamento gramsciano apoiou-se na concepção marxista de que o trabalho é pilar central na formação do ser humano. Entra, então, no cenário, em continuidade a inevitável divisão social do trabalho potencializada pelo sistema capitalista, a escola. Esta tornou-se a instituição que tensiona essa fragmentação ao passo em que, de outro ponto, ela poder ser aliada para formação do ser – não em uma re-conectividade com a natureza, mas em um aspecto emancipador.

Contudo, Marx e Engels (2011) chamam atenção sobre o ensino, pois desde seus primórdios este foi percebido como instrumento ideológico capaz de servir a propósitos dominantes, mas especificamente a manutenção e consolidação de poder. Nesse viés, a escola ratifica que a alienação é parte dos pré-requisitos para um trabalhador padrão – ou seja, a sociedade não pensante e alienada é parte da estratégia do capitalismo para controlar os meios de produção e garantir a manutenção dos mesmos tendo a escola como ferramenta de garantia deste objetivo. No entanto, o pensamento gramsciano defende que é na escola que se

materializaria o objetivo marxiano de formação do ser em sua completude através de uma formação onilateral, pois:

A escola, por não ser socialmente qualificada ou discriminante, deve educar de modo que todo cidadão possa tornar-se dirigente. Pensa, portanto, num tipo de ensino e preparação ao trabalho que conserve ao máximo o caráter marxiano da onilateralidade [...] (MANACORDA, 1991, p. 138).

É também sob esta perspectiva de pensar a escola como local de preparação para o trabalho na sua forma consciente que Pistrak (2009) aponta em sua *Escola Comuna* como o pensamento marxista acerca do trabalho poderia ser útil na formação do ser se o ensino fosse direcionado sob os parâmetros socialistas. O autor visualizou que a escola, se pensada nos moldes apresentados, poderia subsidiar uma formação de uma nova sociedade baseada principalmente na autogestão e autonomia do ser.

A escola pensada por Pistrak é uma escola da classe trabalhadora que, portanto, deve conter o ensino, o trabalho, a cultura, a política e os anseios das demandas do trabalho e suas possíveis soluções, pois o autor entende a mesma como local de educação além do ensino em si, sendo necessário um ensino para a *práxis*. Assim, o trabalho como princípio educativo e processo responsável pela formação do ser de uma sociedade consciente em suas funções e nestas sendo alinhadas com suas aspirações – ou seja, faz-se fundamental o trabalho no seu sentido ontológico em perfeito alinhamento com seu princípio educativo de formação humana em antítese a divisão do mesmo, pois

O trabalho na escola, enquanto base da educação, deve estar ligado ao trabalho social, à produção real, a uma atividade concreta socialmente útil, sem o que perderia seu valor essencial, seu aspecto social, reduzindo-se, de um lado, à aquisição de algumas normas técnicas, e, de outro, a procedimentos metodológicos capazes de ilustrar este ou aquele detalhe de um curso sistemático. Assim, o trabalho se tornaria anêmico, perderia sua base ideológica (PISTRAK, 2000, p. 30).

Portanto, pensar o trabalho em seu sentido formador desde sua gênese e seu desdobramento em princípio educativo, bem como sua função como determinante para a sobrevivência, é perceber sua finalidade essencial para a subsistência humana. Independentemente de sua relação com a escola e/ou outros condicionantes, o que se sobressai é sua permanência enquanto elemento característico na formação do homem e inerente a sua existência (LESSA, 2012).

Já visualizado o sentido ontológico do trabalho assim como mencionado seu sentido educativo formador, serão realizadas agora considerações acerca do trabalho enquanto alienador, nocivo, em seu formato estranhado e destrutivo da vida humana. Neste ponto cabe até o questionamento acerca de como o trabalho pode assumir tal característica se, como mostrado até agora, foi um viés benéfico ao ser? Esta pergunta será respondida ao passo em que os desdobramentos do trabalho ocorreram e sob quais influências o mesmo sofreu pra chegar nesse estágio, mas se faz necessário nesse princípio apontar que a gênese do estranhamento do trabalho ocorreu com a instalação do sistema capitalista e o estabelecimento da propriedade privada – que através da expropriação garantiu a acumulação de riquezas (MARX, 2013):

[...] a divisão do trabalho e propriedade privada são expressões idênticas - na primeira, enuncia-se relativamente à atividade o que na segunda se enuncia relativamente ao produto desta atividade” (MARX, ENGELS, 2011, p. 28).

Essa realidade inseriu uma disparidade econômica determinante para a vida em sociedade. Esta condição só foi possível porque a divisão social do trabalho foi concomitante a instalação do sistema capitalista e a perspectiva da propriedade privada (fator determinante na vida em sociedade). Nesse viés, algo preponderante para a sobrevivência foi à venda da força de trabalho, e/ou o trabalho transformado em valor de troca. Logo a mercadoria, que no entendimento de Marx (2004) aponta que “Cada um é vendedor da mercadoria particular que produz, mas é comprador de todas as demais mercadorias, das quais necessita para sua existência social” (p. 162).

Necessário evidenciar que o trabalho passou a ser associado ao valor de troca e não mais de uso, sendo reduzido e/ou simplificado. Marx aponta com precisão o porquê quando diz que “Essa redução apresenta a aparência de uma abstração; mas é uma abstração que ocorre todos os dias no processo de produção social” (MARX, 2004, p. 55-56). Assim, os condicionantes que levaram o trabalho a esta condição de expropriador das forças dos sujeitos são atribuídos ao viés de como foi desenvolvida a sociedade capitalista – em trazer a mais-valia como elemento primordial na construção econômica social. Tornar o trabalho como mercadoria passível de venda e compra foi um passo determinante para sua continuidade, mas foi o que acarretou um golpe profundo no seu caráter ontológico formador e as consequências e desdobramentos são visualizadas até a atualidade, como segue:

O valor de troca parece ser assim uma determinação dos valores de uso na sociedade, determinação que lhes corresponde por sua qualidade de objetos e graças

à qual suprem-se no processo de troca em proporções quantitativas determinadas e formam equivalentes, do mesmo modo que as substâncias químicas simples se combinam em proporções quantitativas determinadas e formam equivalentes químicos (MARX, 2004. p. 60).

O valor de troca tornou-se determinante para a sociedade, mas Marx e Engels (2011) ponderam que “a força de trabalho nem sempre foi uma mercadoria e o trabalho nem sempre foi trabalho assalariado, isto é, trabalho livre” (p. 31). Os autores trazem esse alerta pelos rumos aos quais o trabalho tomou e suas respectivas proporções, que culminaram com as condições que lhe foram atribuídas tendo a mais-valia como elementos fundante, e é neste cenário que os autores reconhecem a necessidade frente as novas formas de sobrevivência determinadas/impostas pelo capital e que obrigam os indivíduos a ceder aos condicionamentos do mesmo quando mencionam:

Mas o operário, cujo único recurso é a venda de sua força de trabalho, não pode abandonar toda a classe dos compradores, isto é, a classe capitalista, sem renunciar à vida. Não pertence a tal ou qual patrão, mas à classe capitalista e cabe-lhe encontrar quem lhe queira, isto é, tem de achar um comprador nessa classe burguesa (MARX, ENGELS, 2011, p. 32).

É neste contexto que o trabalho passa a ser objetivado e seu caráter estruturalista explorado, pois ainda que mantenha seu caráter fundamental de garantir a sobrevivência do indivíduo, seu modo fragmentado/objetivado/estranhado (MARX, 2008) é sua forma mais constante de presença no ambiente cotidiano. Há quem argumente que essa é sua única forma de sobrevivência, mas isso só se concretiza em virtude da lógica do sistema capitalista incontrolável que a sua maneira conduz as práticas sociais e Marx (2004) já apontava que o trabalho estava tornando-se apenas “[...] um objeto, do qual o trabalhador só pode se apossar com os maiores esforços e com as mais extraordinárias interrupções” (p. 81).

Assim, quanto mais o trabalhador imerge nesse trabalho estranhado, mais seu tempo e força são expropriados e seu desgaste dá lugar à exaustão e ao distanciamento de si próprio – uma ação inevitável (MARX, 2008). O teórico alemão chama atenção quando aponta que se engana quem pensa que o estranhamento do trabalho restringe-se ao produto, pois o processo/ação é compilado e faz parte desse estranhamento. É nesse ponto que se chama atenção para o que se tornou o trabalho nos moldes capitalistas, uma vez que retira seu sentido formador educativo e a completude do ser não é mais possível frente aos condicionantes da política capitalista. Assim,

O indivíduo desprovido desses meios não tem como reproduzir sua existência. Essa situação, que põe de um lado o dono do capital e, de outro, os detentores da força de trabalho, não é um fato natural, mas resultado de um processo histórico. É essa condição “livre” e desprovida dos meios de produção do trabalhador que proporciona a venda da força de trabalho como uma mercadoria – a única que o trabalhador detém. Ser mercadoria significa representar um valor de uso (quando sua utilidade é acessível ao ser humano) e um valor de troca. Em outras palavras, a situação socioeconômica tornou necessário ao indivíduo, desprovido de tudo, vender seu trabalho, e, ao capitalista, adquiri-lo, como meio de dar prosseguimento à produção de outras mercadorias, o que, sendo valor de troca, permite crescer seu capital. Nessa realidade, fundou-se a noção de contrato de trabalho, recriando-o na forma de emprego assalariado, como referido anteriormente (BORGES, YAMAMOTO, 2014, p. 29).

A questão aqui levantada acerca do estranhamento do trabalho, bem como seu distanciamento do homem, delinea o tipo de sociedade que se foi constituindo a partir desses parâmetros. Destaca-se, no entanto, que se entende por estranhamento do trabalho a obrigatoriedade de exercer funções somente buscando a sobrevivência, sob pena de perecer, pois “O seu trabalho não é, portanto, voluntário, mas forçado, trabalho obrigatório. O trabalho não é, por isso, a satisfação de uma carência, mas um meio para satisfazer as necessidades fora dele. [...] O trabalho externo, o trabalho no qual o homem se exterioriza, é um trabalho de auto sacrifício, de mortificação” (MARX, 2008, p. 83).

Eis que o trabalho perdeu seu sentido ontológico e o homem passou a experimentar o trabalho não como edificador, mas como destoante, à parte, e a consequência disso foi/é uma condição de vida alienada frente aos condicionamentos diários que fazem com que este indivíduo somente exista enquanto peça da máquina capitalista. Essa realidade leva a condição do ser humano a sua forma mais animalesca, quando:

Chega-se, por conseguinte, ao resultado de que o homem (o trabalhador) só se sente como (ser) livre e ativo em suas funções animais, comer, beber, procriar, quando muito ainda habitação, adornos, etc., e suas funções humanas, só [se sente] como animal. O animal se torna humano, e o humano, animal (MARX, 2008, p. 83).

Em resumo, Max mostra na sua ideia acerca do trabalho objetificado que em meio ao capital a abstração do trabalho nega a humanidade do sujeito e o afasta da natureza colocando-o em um local impróprio e longe de si. Desse modo é possível inferir que o trabalhado estranhado reduz o homem a um mero reproduzidor preocupado somente com sua subsistência e não mais com sua essência. Assim, transforma o homem em algoz do seu semelhante e de si mesmo, na medida em que frente as necessidades que lhe são impostas, suas ações, concentram-se somente no limiar da sobrevivência.

Nesse contexto a luta de classes protagoniza e estrutura a vida dos indivíduos, pois levando-se em consideração que o capital conduz as práticas sociais via seu sistema metabólico (MÉSZAROS, 2015), o acirramento dessa disputa tem como fator comum o trabalho na sua forma abstrata/objetivada/instrumentalizada e os vários problemas desembocados por esta forma de trabalho. Esses interferem nos modos de sobrevivência do proletariado – o trabalhador, que desprovido de capital, renda e/ou posses, dispõe somente de sua força de trabalho como garantia de sua subsistência através do trabalho abstrato, unilateral (MARX, 2008) –, mas, principalmente, impedem a vida na sua integralidade, pois o objetivo principal do capitalista é suprimir o tempo livre do trabalhador em prol da mais-valia (MARX, 1983).

Ou seja, a busca incessante de aumento dos seus lucros explora até o último suspiro da força de trabalho e mediante essa realidade vale enfatizar que se soma a gama de problemas desenvolvidos pela venda da força de trabalho, a divisão técnica do trabalho e seu aspecto alienador. Além disso, o conforto dos donos de produção embasa-se na oferta farta da venda da força de trabalho por terem a sua disposição o então conhecido exército industrial reserva (SANTOMÉ, 1998), que ainda na atualidade se mantém catalisado pelas novas formas de exploração e com o infoproletariado¹² (ANTUNES; BRAGA, 2009).

A título de entendimento, o exército industrial reserva consiste em um contingente de pessoas dispostas a vender sua força de trabalho sob condições degradantes, pois são exotadas pela luta pela sobrevivência restando unicamente a venda de seu próprio corpo para a máquina capitalista. Historicamente o trabalho, neste viés objetivado e corrosivo, vem sendo determinado pela classe dominante dado os aspectos capitalista preponderante que delineiam a relação trabalho-homem (MARX; ENGEL, 1981). No entendimento de Santomé (1998), o exército industrial reserva perpetua-se porque:

Esta depreciação dos conhecimentos necessários para fazer funcionar uma máquina faz com que qualquer operário ou operária possa ser facilmente demitido, quando se tornar ‘incômodo’ para os donos dos meios de produção. A substituição não causa nenhuma dúvida, pois muitas outras pessoas podem realizar esse mesmo trabalho. Conseqüentemente, a divisão do trabalho dentro de modelos econômicos capitalistas facilita o controle e a dominação de trabalhadores e trabalhadoras (p. 13).

Assim, as condições a que foi exposto o trabalho e o caráter que o mesmo desempenha na sociedade capitalista fazem com que a ideia que se tenha acerca do homem intrínseco ao

¹² O termo protagonizado por Ricardo Antunes, refere-se a pauperização das relações de trabalho bem como as condições deletérias as quais o trabalhador é submetido em decorrência da flexibilização/fragmentação do trabalho em virtude do sistema dominante, o capital. Ver mais em Antunes e Braga (2009).

trabalho seja aquela mostrada no início deste texto: de que o trabalho é um preço a ser pago para garantia mínima de sobrevivência. Entretanto, amparado pelo pensamento marxiano, o trabalho detém caráter dúbio, uma vez que, como o próprio Marx aponta, na sua conjuntura social o mesmo é contraditório, pois ao passo em que aliena também emancipa fazendo deste campo uma categoria complexa e repleta de especificidades que necessitam de um olhar cuidadoso e sensível.

Mais precisamente: a função que o trabalho exerce no interior da reprodução social, ele o faz enquanto um processo global, unitário, pois internamente contraditório (suas contradições internas são as mediações pelas quais, em suas inter-relações, se constitui a totalidade do processo de trabalho), e apenas nesta sua dimensão de totalidade exerce plenamente sua função de categoria fundante do mundo dos homens (LESSA, 2012, p. 35).

Quando abordado o trabalho nos sentidos ontológico, educativo e abstrato, foi baseando-se na perspectiva de que tais características são encontradas frente as ações do homem em sua constituição histórica, que culminou, em última instância, na venda da sua força de trabalho em nome da sobrevivência – através do trabalho assalariado. Esse viés supracitado “[...] é determinado mediante o confronto hostil entre capitalista e trabalhador” (MARX, 2008, p. 23).

Trazendo o objeto de estudo aqui escolhido, a Capoeira, percebe-se que a mesma detém em sua composição o trabalho com todas essas três características apontadas acima. Nesse sentido, seguem algumas menções de como grupos foram levados, e/ou optaram por, a se aliar ao viés capitalista coadunando com a conjuntura social. Assim, partindo o princípio de que a Capoeira na contemporaneidade não escapa do fetichismo da mercadoria (nos dizeres de Marx), ela se apresenta enquanto tal frente à sociedade capitalista e para que se mantenha presente na sociedade atual precisa atender algumas demandas.

É nesse entendimento que entra o trabalho no seu sentido ontológico de valor de uso, mas prevalece seu valor de troca – ou seja, a venda. Para que esta ocorra há a necessidade da confecção a partir da matéria-prima, que é o processo pelo qual surge o dispêndio de força de trabalho e as demais etapas para a confecção do produto até seu destino final. Eis então os processos aos quais a Capoeira passa até chegar no então indivíduo, que vai se interessar e, por conseguinte, consumir tal prática.

Contudo, faz-se relevante aqui mostrar como isto ocorre e se utilizando da visão de Silva (2008), destaca-se que quando se traz que a Capoeira, na atualidade, pode ser encontrada nos mais variados locais destaca-se também que suas diversas abordagens fazem

da mesma uma prática plural no sentido de que suas funções dependem do que o indivíduo está procurando e/ou com que esta se identificando. Isso ocorre devido as composições que a Capoeira detém no seu escopo, uma vez que ao mesmo tempo em que é dança, é luta, é folclore, é música e é esporte. Dentro dessa gama de possibilidades o interesse em fazer parte da prática acontece quase que de forma espontânea (levando em consideração os vieses estéticos e culturais característicos e subjetivos da cultura brasileira) e é nesse contexto que aparece o vendedor desse produto. No caso, o docente responsável por essa aula.

Este sujeito é um trabalhador, que atende a todas as especificidades elencadas anteriormente sobre as exigências acerca do trabalho, o que faz da Capoeira uma mercadoria que passa a ter seu valor de uso (treinar por diversão ou lazer, por exemplo) ao mesmo tempo em que passa a ter valor de troca (ministrar aulas e cobrar por isso). Visualizando-se desta maneira, o trabalhador da Capoeira pode ser comparado aos artistas de modo geral (desde o músico, que se apresenta na rua, ao bailarino clássico, que exerce sua profissão em teatros, mas, levando em consideração o contexto brasileiro, o capoeirista assimila-se aos jogadores de futebol – os quais podem estar no ápice de seu viés profissional, e vivem exclusivamente do profissionalismo do futebol, a realidade do peladeiro (amador¹³).

Tal analogia faz-se pertinente uma vez que, tais quais os músicos e os próprios jogadores de futebol, a realidade dos capoeiristas não é diferente, pois ambos nem sempre conseguem viver de sua prática mesmo vendendo sua força de trabalho. Desse modo, a Capoeira pertence a este campo porque está exposta as mesmas condições que as modalidades exemplificadas, pois tem como pano de fundo um fator determinante: o trabalho – tanto no seu aspecto formador, quanto alienador. Colocado desta maneira, argumenta-se aqui que a Capoeira, com todo seu arcabouço peculiar, trilha um caminho de resistência em caráter dubio – tanto quando forma de luta ancestral (que representa o legado de um povo e toda sua busca por liberdade) quanto como prática – que se moldou as demandas da época a qual pertencia, percorrendo, assim, um caminho que a trouxe até a atualidade.

Percebe-se, mediante exposto, que a Capoeira construiu uma trajetória em similaridade com o trabalho, uma vez que a mesma, tal qual o supracitado, foi reificada quando passou de valor de uso, na sua gênese (como autodefesa), para valor de troca (a venda das aulas e, por conseguinte, a presença da mais-valia intrínseca a este processo). As adaptações, em ambos os fenômenos, não restringiram somente seu formato, mas também o tipo de sujeito que passou a

¹³ O termo peladeiro é atribuído ao indivíduo que não joga futebol profissionalmente. Ou seja, não tem a prática como profissão e participa de jogos aleatoriamente, seja com amigos e/ou demais círculos afetivos. Isso ficou conhecido como *pelada* (termo explicitamente referência à bola) e/ou *jogar uma partida de pelada*.

usufruir dos fenômenos. Destaca-se que, tal qual a instrumentalização do trabalho, com a Capoeira ocorreu o mesmo, principalmente levando-se em consideração como a mesma se apresenta na atualidade sob a égide de escolas/grupos nacionais e internacionais que a tratam como produto a ser exposto – vivenciando os mecanismos que a colocam na rota da exploração do capital.

As similaridades com o trabalho existem não só no seu aspecto dispendioso e objetivado, mas também no seu caráter formador, pois como argumenta Campos (2001), Kohl (2014) e Abib (2018), a Capoeira transcende os condicionamentos das práticas sociais estruturalistas/funcionalista e consegue manter seu viés pedagógico e seu cerne educativo. Tal caminho, segundo Falcão (2004), aponta um marco histórico que consiste em uma prática afro de transgressão, através de origem subalternizada, mas que se tornou uma ferramenta educacional presente nos mais variados ambientes – com ênfase para os de educação formal.

Dentre as peculiaridades da Capoeira, uma em especial sobressai-se por mostrar seu característico viés cultural: a arte. A mesma esta presente em seu arcabouço e a coloca em um patamar diferenciado das demais ditas artes marciais, pois seu objetivo transcende o instrumentalismo impulsionado pelo capital e se sobressai em não se restringir a um exercício físico direcionado somente ao corpo (no seu sentido mecânico). Essa possibilidade só acontece, segundo Magalhães e Araújo (2020), porque a arte é uma atividade que caracteriza o ser humano e sua capacidade de recriar realidades e (re)existir de maneira que projeta, através da mesma, seus próprios contentamentos e descontentamentos, realizando assim uma metamorfose constante responsável pela continuidade, permanência e fidedignidade com seu cerne natural – em síntese, a eterna busca da omnilateralidade.

Assim, Capoeira e trabalho intercruzam-se por dividirem praticamente os mesmos condicionantes (o sistema capitalista e seu metabolismo social), assim como também o mesmo objetivo (a sobrevivência do ser em sua busca incessante de não se deixar corromper pelos vieses alienadores que tiram o sentido da vida e visam tornar o indivíduo somente mais um soldado do exército industrial de reserva). Corroborando esse pensando está toda a trajetória escrita até aqui.

3. Método: detalhamento da pesquisa

O objetivo desta seção é apresentar o método que foi utilizado nessa pesquisa, bem como os parâmetros contidos nele – que buscaram, como objetivo final, captar as informações necessárias para complementar a exposição aqui desenvolvida acerca da Capoeira e sua permanência na sociedade capitalista. Para tal, faz-se necessário neste início expor, de maneira objetiva, que este trabalho tem como objeto de estudo a Capoeira e suas adaptações frente ao sistema capitalista e são especificamente esses mecanismos que se buscou conhecer a partir dos sujeitos indagados.

Além disso, buscou-se conhecer como eles percebem tais mudanças, uma vez que os mesmos são agentes dessa prática, mas é pertinente deixar explícito que se considera aqui o sistema capitalista como fator determinante para o formato que a Capoeira tem na atualidade. Nesse interim, os participantes também foram indagados sobre como imaginam a prática da Capoeira em um futuro próximo, levando em consideração as mudanças estruturais que a mesma sofreu desde seu surgimento – pois foi justamente em decorrência dessas circunstâncias que sua composição e essência foram modificando-se ao longo do tempo.

No que se refere a utilizar o sistema capitalista como fator condicionante/determinante para essas transformações, leva-se em consideração que o tal sistema interfere nas mais diversas práticas atraindo-as para o seu labirinto – acumulação, exploração, consumismo e mais-valia, por exemplo. Nesse aspecto, é possível afirmar que o sistema citado é responsável pela sua autossustentabilidade através da retroalimentação provocada pelo consumismo implantado por ele – o que no entendimento de Cury (1989) quer dizer que: “O capitalismo se mantém porque gerou uma cultura da acumulação [pois ...] O capital produz capital mediante a exploração do trabalho” (p. 28).

Assim, o cenário que esta pesquisa levou em consideração, é o de que:

[...] o capital é contradição em movimento, não é possível compreender a sociedade na forma do capital sem um método que possibilite captar tal contradição, já que a realidade não se dá a conhecer de uma vez por todas, ou seja, está além da sua forma aparente (MASSON, 2007, p. 107).

A partir desse pensamento, o método aqui escolhido teve como base o viés materialista por entender que “A concepção materialista funda-se no imperativo do modo humano de produção social da existência” (FRIGOTTO, 1997, p. 75). Portanto, trabalhar a partir de uma abordagem tão complexa requer o cuidado e a sensibilidade em tratar com ferramentas disponíveis a realidade e suas peculiaridades, levando em consideração que:

O materialismo histórico e dialético origina-se dos fundamentos metodológicos hegelianos, ou seja, da dialética como método, a qual supera a lógica formal por incorporação, portanto não se reduz à lógica e também não se reduz a método de investigação. Marx busca desenvolver um método que possibilite captar a essência do objeto a ser investigado [...] (MASSON, 2007, p. 107).

Neste segmento, o materialismo propõe-se a destrinchar os parâmetros sociais e compreender a dinâmica dos mesmos, assim como por trazer, através de uma exposição detalhada e rigorosa, como se dá a realidade e quais as leis que a mesma segue. Mediante exposto, é correto apontar que “O homem é o sujeito histórico-social que, pela sua *práxis* objetiva, produz a realidade (e também por ela é produzido), o que possibilita o conhecimento da mesma” (CURY, 1989, p. 37).

Assim, quando Marx utilizou de suas observações para mapear, identificar e esmiuçadamente como ocorriam as relações econômicas sociais de sua época, bem como suas mudanças, estabeleceu, portanto, ali uma metodologia capaz de fornecer um diagnóstico (FRIGOTTO, 1997). Este traz, inclusive, o caráter provisório, uma vez que constatou que a sociedade possui, intrinsecamente na sua composição, a necessidade da mudança. Nas palavras do autor:

“[...] a dialética materialista, ao mesmo tempo como uma postura, um método de investigação e uma *práxis*, um movimento de superação e de transformação. Há, pois, um tríplice movimento: de crítica, de construção do conhecimento “novo”, e da nova síntese no plano do conhecimento e da ação” (FRIGOTTO, 1997, p. 79).

Mas trabalhar com o concreto é em si dispêndio, pois

Esse detour implica necessariamente ter como ponto de partida os fatos empíricos que nos são dados pela realidade. Implica, em segundo lugar, superar as impressões primeiras, as representações fenomênicas destes fatos empíricos e ascender ao seu âmago, às suas leis fundamentais (FRIGOTTO, 1997, p. 79).

Após as argumentações expostas acerca do porquê se optou pelo método marxiano (por sua abordagem frente ao capital, em continuidade e coerência), nas próximas linhas serão trazidas as categorias que compõe a metodologia a ser empregada, bem como sínteses com explicações sucintas do que são tais categorias – assim como elas podem contemplar e ajudar a descrever o objeto aqui estudado. Desse modo, faz-se relevante expor que a opção por se adotar as categorias clássicas do pensamento marxiano é voltada ao fato de que as mesmas que “[...] ajudam a entender o todo, cujos elementos são os constituintes da realidade [...]”

(CURY, 1989, p. 27), permitindo compreender o capital nos moldes que o marxismo conseguiu detectar e que permanece até a atualidade, pois o sistema capitalista não foi suplantado.

Assim, a *primeira categoria* a ser minimamente apresentada é a *contradição*, sendo ela entendida assim: “A contradição não é apenas entendida como categoria interpretativa do real, mas também como sendo ela própria existente no movimento do real, como motor interno do movimento, já que se refere ao curso do desenvolvimento da realidade” (CURY, 1989, p. 30). Dito de outro modo, essa categoria contempla a complexidade da realidade cotidiana, na qual não há uma linearidade e/ou uma coerência e, por mais que a mesma seja condicionada e constituída por parâmetros elencados por outrem e obedeça a uma lógica, ainda assim a mesma destoa e surpreende a lógica social, mesmo no sistema capitalista. Além disso, levando-se em consideração as mutações que a Capoeira sofreu frente a sociedade regida pelo capital, assim como por trazer o trabalho como fator intrínseco a esta prática, entende-se aqui que “A contradição não se limita, então, a ser uma categoria que melhor compreende a sociedade. Ela compreende também todo o mundo do trabalho humano e seus efeitos e se estende a toda atividade humana” (CURY, 1989, p. 31).

Outra categoria pertencente ao pensamento marxiano e escolhida aqui para dialogar com o objeto observado é a *totalidade*. Quando trazida essa abordagem, é sob o pensamento de que “Totalidade não quer dizer todos os fatos e nem soma de partes. O conhecimento de todos os fatos e o exaurimento de todos os aspectos é algo que o conhecimento humano não atinge e nem é tal o sentido da totalidade” (CURY, 1989, p. 36). Em consonância com esse pensamento, a totalidade não tem intenção de dar conta da complexidade e da pluralidade da Capoeira, mas sim de se debruçar sobre a mesma e observar minuciosamente como suas ações foram precisas para sua longevidade – além de que, a combinação dessas (propositalmente ou não) foi responsável pela preservação de suas especificidades assim como pela construção de novas, mas sob a égide da sobrevivência. Assim, entende-se que “A totalidade não é um todo já feito, determinado e determinante das partes, não é uma harmonia simples, pois não existe uma totalidade acabada, mas um processo de totalização a partir das relações de produção e de suas contradições” (CURY, 1989, p. 35), sendo que este não tem nenhuma intenção de rotular a Capoeira, muito menos menosprezar sua pluralidade na tentativa de contemplar sua abrangência total. Assim, “A realidade, então, só pode ser conhecida na sua totalidade concreta quando se conhece a mesma na dimensão social e histórica, compreendendo a unidade dialética da estrutura e superestrutura, onde o homem é reconhecido como sujeito da práxis” (CURY, 1989, p. 38).

A *categoria seguinte* é a *reprodução*, entendida aqui como uma das mais adequadas para explicar as ações do capital na sociedade, pois aponta que:

Como uma totalidade histórica superável, o capitalismo busca a reprodução de suas relações de produção a fim de garantir, pela ampliação da produção, a acumulação. A reprodução de suas relações implica mais do que uma (re)produção de coisas. Implica a tentativa de reproduzir o movimento do capital social como um todo. Assim, essas relações não se produzem e se reproduzem apenas na empresa, mas também no mercado, no dia-a-dia, na família, na arte, na ciência, na Igreja, no exército e na educação” (CURY, 1989, p. 39).

Quando trazida essa categoria para entender a questão da Capoeira, faz-se isso se ancorando na convicção de que ela, dada as suas metamorfoses historicamente mostradas, acaba por reproduzir as práticas sociais de um determinado ambiente. Assim, levando em consideração os condicionamentos provenientes do capital, a prática citada obedece a essa lógica, mas somente a reprodução não contempla a complexidade da prática junto aos ambientes as quais a mesma foi exposta, bem como à conjuntura social de cada época. Por isso, quando se expõe a Capoeira a esta categoria é sob o pensamento de que:

A reprodução é uma categoria que se dá no interior de um movimento contraditório cujo sentido, ainda que busque confirmar antagonismos existentes, também os empurra para sua superação. Essa reprodução, pois, não se dá de modo mecânico ou meramente reflexo. As condições que possibilitam a reprodução do capitalismo não se encontram apenas e tão-somente na reprodução dos meios de produção. Elas se imbricam na reprodução das relações de produção. Ora, estas últimas se dão no âmago das relações de classe, cujas contradições possibilitam o desenvolvimento de antagonismos e, portanto, da transformação social (CURY, 1989, p. 42).

Logo, pensar a prática da Capoeira sob este prisma atende a demanda contida nas especificidades que a prática dispõe, bem como sua relação intrínseca com os vieses capitalistas das práticas cotidianas. Ou seja, a mesma não se furta a exercer um papel de reprodução, muito embora à sua própria maneira e sob a égide da sobrevivência.

A *categoria seguinte*, a *mediação*, consolida a necessária condição de como a Capoeira lida com essa questão observando que “O conceito de mediação indica que nada é isolado. Implica, então, o afastamento de oposições irreduzíveis e sem síntese superadora” (CURY, 1989, p. 43). Ou seja, a Capoeira, sendo uma prática coletiva em essência, corresponde a sua maneira de atuação mostrando como realiza essa mediação e quais os mecanismos utilizados por ela para que se mantenha no seio das mais variadas sociedades – uma vez que ela não se restringe ao território nacional e fazendo parte, inclusive, de sociedades a partir da realidade dos países orientais. “Em suma, a mediação rejeita relações de

inclusão ou exclusão formais e expressa relações concretas, que remetem um fenômeno ao outro” (CURY, 1989, p. 44).

Realizada a apresentação, de maneira resumida, das categorias marxianas escolhidas aqui para dialogar, dada extensão e complexidade das mesmas, foi possível compreender do que se trata cada categoria e como se pretende relacionar as mesmas com o objeto aqui estudado. Pondera-se, no entanto, que o materialismo não se restringe necessariamente a uma metodologia (tampouco somente as categorias apresentadas), pois se constitui enquanto uma postura e modo de conhecer a realidade na sua concretude observando que “A realidade é um todo aberto, no interior do qual há uma determinação recíproca das partes entre si e com o todo” (CURY, 1989, p. 44).

Assim, a partir das categorias expostas coloca-se a Capoeira frente a elas de maneira explícita, quando se indaga: o que é totalidade na Capoeira? A Capoeira que emancipa é a mesma que aliena? E a mediação? Através da análise das informações produzidas, pretende-se entender a *práxis* capoeirana (FALCÃO, 2004) e como essa prática mostra-se na atualidade, levando em consideração uma trajetória subsidiada pelas influências de uma sociedade em construção e se constituindo de elementos plurais de outras culturas.

Em relação a ida ao campo e sobre o procedimento adotado para conhecer a realidade dos sujeitos, optou-se aqui por utilizar a pesquisa-ação de Thiollent (1997). Tal decisão ocorreu frente a circunstância de que o autor desse estudo também faz parte da prática pesquisada, configurando assim que o mesmo não é um indivíduo a parte da mesma – ou seja, por mais que seja obedecido um distanciamento do objeto pesquisado, ainda assim o mesmo não pode ser colocado separado. Logo, a proposta de Thiollent (1997) contempla e se mostra eficaz quando se trata de conhecer o pensamento dos sujeitos e transpor essas informações para este. Nas palavras do autor:

[...] a pesquisa ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (THIOLLENT, 1997, p. 14).

Ressalta-se ainda que a escolha por esse tipo de abordagem foi por considerar um alinhamento deste com o viés dialético contido no materialismo – uma vez que será obtido através do diálogo com os atores, informações que transcendem os objetivos desse estudo, mas que também são suas vivências, crenças e demais saberes. Acerca desse mesmo pensamento, visualiza-se que tal modo de abordagem demonstra um respeito e uma

sensibilidade para com os indivíduos pesquisados, uma vez que eles não têm não estão ali prontos para dar informações e/ou compartilhar seus pensamentos e saberes, mas sim através de uma troca de pensamentos e, para tal, é necessário algum pertencimento ou proximidade do pesquisador com seu campo e sujeitos (THIOLLENT, 1997).

Outro ponto que foi levado em consideração à escolha da abordagem para a produção de informações e/ou coleta de dados, foi a questão do campo e sua estrutura em si. Essa observação faz-se necessária em decorrência dos sujeitos pensados para participarem desse estudo serem pessoas heterogêneas em suas ações cotidianas – Logo, antecipou-se essa preocupação buscando deixá-los tranquilos e resguardados. Nesse sentido, e utilizando o pensamento de Thiollent (1997), chama-se atenção ao fato de que pesquisas que trabalham com públicos em periferias, associações e demais espaços de atuação popular necessitam de uma interação prévia e um cuidado para não se desvincular dos objetivos da pesquisa.

Nesse quesito resgata-se aqui a pontuação realizada anteriormente acerca da necessidade de uma interação e até mesmo troca com os participantes, mas sem deixar de extrair as informações que são pleiteadas pelo estudo. Ainda no que se refere a esse tipo de pesquisa, Thiollent (1997) faz questão de enfatizar que nas ciências sociais a produção de informação faz-se necessária através da cientificidade, mas não de forma a circundar saberes e demais características dos atores interpelados, até por que:

[...] as populações não são consideradas como ignorantes e desinteressadas. Levando a sério o saber espontâneo e cotejando-o com as "explicações" dos pesquisadores, um conhecimento descritivo e crítico é gerado acerca da situação, com todas as sutilezas e nuances que em geral escapam aos procedimentos padronizados. (THIOLLENT, 1997. p.14).

Assim, fica evidente a preocupação com os participantes desse estudo na sua condição de colaboradores e até mesmo produtores, pois mesmo que se tenha todo um arcabouço teórico que sustenta esse trabalho, são as falas e as respectivas vivenciadas por eles que expõem a realidade outrora abordada através da teoria. Assim, configura-se a necessidade de teoria e empiria como *práxis* necessárias para o entendimento do objeto estudado.

Quando mencionado acerca do objeto desse estudo, faz-se relevante explicitar a complexidade do mesmo uma vez que a prática da Capoeira tem atuações plurais no entendimento dos teóricos que a estudam. Além disso, as questões imputadas a ela seguem uma complexidade que precisa de atenção e sensibilidade para não simplificar suas questões e/ou colocar no sentido da busca de soluções e ações precipitadas. Dito de outro modo, mesmo que esse estudo tenha suas indagações e objetivos a serem respondidos, ainda assim se

preza pelo cuidado ao abordar os assuntos. Nesse ponto, a pesquisa-ação de Thiollent (1997), mostra-se mais uma vez condizente com o que está sendo buscado aqui, pois:

A pesquisa-ação seria um procedimento diferente, capaz de explorar as situações e problemas para os quais é difícil, senão impossível, formular hipóteses prévias e relacionadas com um pequeno número de variáveis precisas, isoláveis e quantificáveis. É o caso da pesquisa implicando interação de grupos sociais no qual se manifestam muitas variáveis imprecisas dentro de um contexto em permanente movimento (THIOLLENT, 1997, p. 33).

Nesse quesito, vale destacar que a pesquisa tem caráter qualitativo e sua construção é alicerçada por este viés entendendo que para esse tipo de abordagem, na qual são observadas e analisadas as falas de sujeitos e suas respectivas visões subjetivas, algo no sentido quantitativo não seria a abordagem mais satisfatória. Deixa-se explícito, assim, que a opção pelo caráter qualitativo é o mais adequado para suprir os propósitos aqui buscados. Além disso, Aires (2011) argumenta, dentro da sua busca frente aos métodos de investigação, sobre os percursos que a pesquisa qualitativa percorreu, evidenciando que esse modo de abordagem possui seus críticos e seus adeptos, mas que se sustenta por performar junto as demais maneiras de pesquisar consolidando-se ao demonstrar que o relevante são os conhecimentos produzidos.

A autora ratifica essa afirmação quando traz que esse tipo de pesquisa “Não possui um conjunto fechado de metodologias próprias; os investigadores qualitativos recorrem à narrativa, aos métodos e técnicas etnográficas, à entrevista, psicanálise, estudos culturais, observação participante, etc.” (AIRES, 2011, p. 13). Assim, fica evidente que as escolhas para a confecção desse estudo foram preocupadas com a eficiência na produção de conhecimento e as abordagens escolhidas visaram atender a demanda do mesmo obedecendo ao rigor científico, mas sem ferir quaisquer que sejam os vieses, pois o relevante é a confecção de um material satisfatório que “Através da pesquisa qualitativa registramos não só a ocorrência de determinados fenômenos como também estabelecemos relações que nos encaminham para o porquê das coisas” (AIRES, 2011, p. 49).

Ainda descrevendo o caráter da pesquisa, mas nesse ponto direcionando-se para o modo como as falas dos indivíduos foram expostas e analisadas em conexão com o trazido por Thiollent (1997), destaca-se que através da pesquisa-ação os indivíduos são observados e é captado deles as informações necessárias para responder as inquietações do estudo. Entretanto, é imprescindível que a análise desses dados seja tratada de forma a contemplar o que se busca mediante uma abordagem condizente e satisfatória e é nesse ponto que se

expostas algumas informações do tipo de análise pensada para esse estudo a partir da proposta de Bardin (2016).

A autora chama atenção para o fato da construção de um material construído a partir de entrevistas não diretivas ou semidiretivas (abordagem com entrevistas semiestruturadas ou guias e/ou temas) impor ao pesquisador uma sensibilidade e um cuidado frente ao modo como serão expostas essas informações. Isso ocorre porque, uma vez que tais ações são provenientes de um ambiente espontâneo, passasse a requer do pesquisador(a) uma atenção para não fugir do propósito e extrair as informações desejadas. Quanto à análise, a orientação diz que é necessária uma organização das ideias de como serão os procedimentos de exposição e uma pré-análise também se faz necessária, sendo essa seguida do modo como se pensou a exposição dos dados e quais os critérios selecionados que estruturarão a amostra.

Desse modo optou-se aqui pela exposição a partir de categorias, segundo o direcionamento da autora mencionada, quando a mesma traz:

As categorias são rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos (unidade e registro, no caso da análise de conteúdo) sob um título genérico, agrupamento esse efetuado em razão das características comuns desses elementos. O critério de categorização pode ser semântico (categorias temáticas: por exemplo todos os temas que significam a ansiedade ficam agrupados na categoria "ansiedade", enquanto que os que significam a descontração ficam agrupados só título conceitual "descontração"), sintático (os verbos, os adjetivos), léxico (classificação das palavras segundo o seu sentido, com emparelhamento de sinónimos e dos sentidos próximos) e expressivo (por exemplo, categorias que classificam as diversas perturbações da linguagem) (BARDIN, 2016, p. 148).

Adotado esse entendimento acerca de como foram expostas as informações obtidas através das entrevistas e o modo de tratamento definido (o qual será melhor detalhado no decorrer do texto), ratifica-se que o estudo pretende, além de entender a problemática, materializar as vivências dos indivíduos frente as questões suscitadas, realizando assim não só uma exposição, mas uma valorização dos saberes dos atores. No referente ao público, a opção desse estudo foi ouvir capoeiristas ativistas – entendido aqui como pessoas que contribuem de alguma maneira para a manutenção, preservação e perpetuação da prática. Assim, o perfil buscado e entendido aqui como qualificado para proferir falas pertinentes ao objeto estudado, foram indivíduos que já não são somente praticantes e sim mantenedores, a seu modo, da prática. Ou seja, são pessoas que possuem uma relação com a Capoeira além roda e buscam, de algum modo, salvaguardar sua existência frente aos condicionamentos sociais de cada ambiente. Em suma, guardiões da prática.

Ainda em relação ao perfil buscado, foram consultadas pessoas que tem uma experiência de prática (em média 10 anos como capoeirista) e que de alguma maneira contribuíram, e assim permanecem, para a manutenção da mesma – seja como docente ou discente. O fato é que este indivíduo dispõe de saberes que contribuem para o entendimento do processo de (re)existência da Capoeira frente o sistema capitalista. De maneira explícita, esses sujeitos foram interpelados sob as seguintes questões: que tipo de relação eles mantêm com a Capoeira; que funções esses sujeitos exercem para a continuidade da Capoeira; qual as suas contribuições no processo de (re)existência da Capoeira; como esses sujeitos veem a Capoeira, como mercadoria ou como trabalho; e quais suas expectativas para o futuro da Capoeira.

Vale destacar que as primeiras indagações tiveram por objetivo visualizar um perfil do sujeito consultado para que fosse possível entender que tipo de pensamento essa pessoa possui(a) acerca da prática e como ela responder as últimas questões, sendo estas sim a problemática central do trabalho aqui exposto. Contudo, nessa abordagem teve-se o cuidado de analisar que ao trazer a Capoeira como mercadoria e trabalho, deixa-se evidente que a mesma só pode ser percebida enquanto mercadoria em virtude do *modus operandi* do capital, que a forçou a se tornar mercadoria para conseguir sua existência. Quanto ao trabalho, esse é o modo pelo qual a prática materializa-se.

Assim, adentrando ao campo, aos sujeitos descritos acima foi apresentado um panorama de que tipo de trabalho estava-se realizando e sob que pensamentos foi percebida a Capoeira nesse estudo. Após essa pequena explanação, com o intuito de lhes situar acerca do que se estava produzido, foram expostas as questões disparadoras. Tais questões tiveram na sua essência o objetivo de conhecer o pensamento do sujeito acerca da temática utilizando a Capoeira como mercadoria. Logo, saber do sujeito quais os pensamentos e suas convicções em relação a esse modo de encarar e saber, mediante sua vivência e experiência – se o trazido, o modo como foi abordado, ocorre, de fato, no seu cotidiano.

Quanto ao contato em si, este foi realizado virtualmente através da plataforma *google meeting* e se optou por esse formato em busca de abranger mais territórios, o que possibilitou o acesso a participantes nacionais e internacionais. No primeiro caso, contactou-se capoeiristas de estados como: Ceará (três participantes); Maranhão (2 participantes); São Paulo (um participante) e Piauí (dois participantes). Já âmbito internacional, foram apenas dois, sendo um do Chile e o outro da Inglaterra.

Ainda referindo-se ao procedimento da entrevista, a intenção foi obter uma conversa e lhe gravar para posterior transcrita. Após a realização dessa etapa, a transcrição foi submetida

à análise no intuito de expor as partes mais relevantes do encontro. Tal análise teve como instrumento fundante a análise de conteúdo proposta por Barndin (2016), já explicitado anteriormente e que consiste em recortes das falas literais dos participantes sobre questionamentos a eles direcionados.

Tal contato também contou com um sociodemográfico, que constituiu o perfil fidedigno dos sujeitos e visou conhecer, objetivamente, suas respectivas: formação escolar, idade, ocupação laboral, profissão, renda individual e familiar, moradia, locomoção/transporte, pertencimento religioso, estado civil, gênero, identidade sexual, bem como sua integração com a Capoeira, desde sua condição hierárquica/graduação/título à sua relação com a mesma – tempo de prática. Realizados esses questionamentos, foram produzidas informações relevantes que culminaram no conhecer a dinâmica que permite a Capoeira manter-se enquanto prática desportiva e cultural em meio aos parâmetros deletérios do capital.

Foi parte dos anseios desse estudo construir uma amostra que trouxesse um consenso entre os pensamentos dos fazedores de cultura e mantenedores de uma resistência, pois é preciso conhecer os seus anseios e materializar seus pensamentos para que sirvam de orientação ampla, tanto para seus pares contemporâneos (em luta constante), quanto para os admiradores e estudiosos preocupados com o viés cultural de um povo ameaçado pelo *modus operandi* do capital, pois “a finalidade da produção capitalista é a manutenção e a reprodução da relação que satisfaz o interesse do capital. Este fim, por contradição, estranho ao trabalho, realiza-se pela coação e/ou persuasão” (CURY, 1989, p. 61).

Em síntese, essa parte do estudo teve como objetivo expor sob que perspectiva está sendo tratado o objeto aqui observado para poder descrevê-lo com uma completude satisfatória no referente as inquietações do pesquisador. Reiterando também que tais questionamentos são oriundos não só de um levantamento teórico histórico, mas também de dúvidas que perpassam no cotidiano do proponente do trabalho, uma vez que o mesmo circula nos dois âmbitos – pesquisa com educação, sendo Pedagogo, e enquanto capoeirista, que vivencia o aspecto laboral de subsistência através da prática da Capoeira.

Mediante exposto, pontua-se que o materialismo histórico dialético foi à lâmina que se utilizou para observar e descrever o objeto estudado e se destaca, com já apresentado anteriormente, que o materialismo transcende a simplificação do método e se concentra em entender um fenômeno a partir da realidade estrutural. Assim, estudar e entender a prática da Capoeira é um desafio que requer subsídios eficientes e se entende aqui o materialismo histórico dialético como adequado.

Finalmente, também se exposto acerca de como o estudo desenvolveu-se em campo utilizando então a pesquisa-ação como estratégia e levando em consideração a pluralidade dos sujeitos, pois se buscou a melhor forma de captação das informações emitidas por esses indivíduos assim como o melhor caminho de exposição de como foi tratado o material coletado e quais os crivos que foram utilizados para obter os objetivos do estudo. Além disso, delineou-se o perfil dos entrevistados através de uma amostra composta por 10 sujeitos, sendo quatro mulheres e seis homens sendo os mesmos possuidores de distintas graduações, mais especificamente: de contramestres, mestrados, treineis e mestres, pertencentes aos seguimentos da Capoeira Regional, Angola e Contemporânea (segundo afirmação dos próprios).

A faixa etária apontou uma variância entre 38 e 60 anos com ocupação laboral distinta, desde professores (somente de Capoeira), funcionários públicos e prestadores de serviços (formais e informais), perfazendo uma renda que variou do valor dois salários mínimos à 10. Todos são docentes de Capoeira responsáveis por escolas/grupos ou ministrantes de aulas, projetos e/ou demais ações em prol da Capoeira. É justamente essa variedade que justifica o argumento acerca do modo de tratamento peculiar para com os entrevistados como o intuito de valorizá-los.

4. Categoria I. A Capoeira como mercadoria, trabalho e sua condição frente ao Estado

Essa sessão apresenta a análise propriamente dita desse estudo, utilizando-se do material coletado/produzido em campo e as respectivas interpretações e explicações. O texto também traz o que se entende acerca de mercadoria e do trabalho no pensamento marxiano e se ressaltava que, como já pontuado, o objeto desse estudo é plural e complexo, entretanto o mesmo é tratado a partir de um olhar que leva em consideração as influências do sistema capitalista na subsistência da prática – o que influenciou sua trajetória desde sua gênese imbricada na sociedade brasileira em formação.

A partir disso, mediante o referencial teórico, que mostra como é entendida o conceito de mercadoria e trabalho no pensamento de Marx, após observação e constatação acerca da realidade da Capoeira e sua trajetória, evidencia-se que sua permanência e longevidade deve-se a sua aderência às práticas capitalistas – performando o que Marx delineou como sendo o processo através do qual são formadas as mercadorias. Nesse sentido, entende-se aqui que a Capoeira passou a ser mercadoria, pois passou de valor de uso para valor de troca quando deixou de ser uma prática utilizada para as revoltas e aquilombamentos e passou a ser uma prática desportiva (no sentido de lazer e/ou vadiagem).

Assim, quando tratada a Capoeira enquanto mercadoria aqui é por entender-se que esse foi um dos caminhos, se não o principal, através do qual a mesma foi condicionada pelo capital e suas influências na sociedade para resistir – como ocorreu com várias práticas de origem afro (RAMOS, 2021). É mediante essa exposição que se ratifica a questão do valor de uso e valor de troca exposto por Marx, pois o mesmo diagnosticou como a mercadoria é tratada no sistema capitalista, imbricado no sistema de produção, o que faz com que a mais-valia (MARX, 2018) seja criada e o estranhamento do trabalho passe a ser uma constante nas sociedades.

Pensamento este corroborado por Mészáros (2005) na contemporaneidade, quando ressaltava que diante do labirinto do capital tudo vira mercadoria e, neste mesmo segmento entende-se aqui a existência de outro elemento crucial para a subsistência da prática, o trabalho. Como apontado em outros momentos neste escrito, entende-se o trabalho, nesse sentido laboral, como pavimento responsável pela longevidade da Capoeira, mas se faz necessário enfatizar que aqui entende-se o trabalho através do conceito marxiano nos seus vieses ontológicos e estranhado.

Quando Marx categoriza o trabalho como princípio educativo e necessário para uma formação omnilateral (MARX; ENGELS, 2011) é justamente no seu sentido formativo. Isso faz do mesmo mais do que uma prática laboral de subsistência, pois se torna intrínseco da

própria consciência. Assim quando o trabalho torna-se estranhado, apenas venda de força de trabalho e exploração da mais-valia da classe trabalhadora, é por consequência da sociedade burguesa que funciona como mantenedora do capital.

No pensamento marxiano, as bases capitalistas são: capital, trabalho e Estado – mas exposta a isso se encontra a Capoeira e sua metamorfose constante. É a partir dessa perspectiva que se entende o trabalho como princípio educativo (MARX; ENGELS, 2011), mas também como prática laboral de subsistência, pois Harvey (2008) enfatiza que o mesmo está a mercê dos intemperes do capital e seus sistemas de produção de mercadorias. Antunes (2005) corrobora este pensamento e adensa trazendo o esfacelamento do trabalho e os aspectos deletérios do mesmo, que são agudizados a cada mudança das práticas capitalistas.

Nesse viés, apesar da sociedade brasileira pertencer, nas últimas décadas, a um regime democrático, isso pouco implica na influência capitalista de exploração. Nesse aspecto influenciador do *modus operandi* do capital, apresenta-se um elemento também de grande influência: o Estado. Esse se mostra como responsável, por ser a estrutura que materializa as ações em sociedade (assim sob quais parâmetros as práticas cotidianas são moldadas), pois subsidia determinadas ações que interferem diretamente na vida das pessoas – isso através de ações e demais diretrizes que fomentam (ou não) as ações na vida em sociedade e dentre essas ações estão as políticas públicas.

Por políticas públicas entende-se o que Rosa, Lima e Aguiar (2021) mostram: um conjunto de ações que visam fomentar uma específica reivindicação de uma classe e/ou nicho, pois o impulso para que essa ação aconteça é devido a demanda e necessidade de amparo. Em suma, o papel das políticas públicas é prover subsídio necessário para que determinadas ações sejam concretizadas em benefício social, mas para tal o Estado precisa estar presente como provedor e organizador das ações sociais, pois deve atender a tais demandas.

Assim, resgatadas essas três categorias já explicitadas no aporte teórico, sendo somente a questão do Estado não abordado esmiuçadamente, mas que o mesmo surgiu imbricado quando tratado nos modos como a Capoeira faz-se presente na atualidade. Foram essas as temáticas as levadas aos entrevistados para expor minimamente o olhar que se estava sendo tratando a Capoeira. Assim, as falas a seguir versam e se conectam as três matrizes supracitadas justamente por estar a sociedade imersa em sistema que determina quais são as práticas que podem ser exploradas ou não, pois no regime capitalista a sobrevivência é intrínseca a exploração.

5. SÍNTESE DAS ENTREVISTAS

5.1 Categoria I: A Capoeira como mercadoria, trabalho e sua condição frente ao Estado

Falas sobre as temáticas abordadas:		
A Capoeira como Mercadoria	A Capoeira como trabalho/laboral	A prática da Capoeira e o Estado
<p>P1: “A capoeira já vem dialogando com o capital há muito tempo, né?! Ela inclusive... Enfim. Tem alguns teóricos que não gostam, mas eu penso que ela vem gerada a partir de um processo dialético desse escravismo criminoso, né?! Houve um processo de escravização e a capoeira surge dessa oposição, né?! Até seria a opressão do branco europeu colonizador a antítese, né?! Que é a resistência do negro, africano, escravizado, né?! Aí tem como síntese, a Capoeira, né?”.</p> <p>P2: “Minha concepção acerca da capoeira enquanto uma mercadoria. [...] eu acho que em certo sentido muitos mestres clamam por isso. Na verdade, lutam por isso. Lutam por terem direitos, inclusive trabalhistas”.</p> <p>P3: “[...] quando a gente fala assim da Capoeira, como mercadoria, as vezes gera assim um... Não sou assim tão legal aos ouvidos do capoeirista, né? Porque a gente começa a ver assim: ‘ah, capoeira é uma mercadoria. É objeto, né?!’”. Mas a certo ponto ela está correta. A gente sempre observa que na vida tudo tenho um valor, tenho um significado, e a gente sabe que dentro da capoeira a gente observa que existe várias ramificações e que tem pessoas que se atraem por determinada parte da capoeira e não se sente muito à vontade em outra”</p> <p>P4: “Eu vivo até hoje essa venda. Eu só faço capoeira. Agora sim [...], a capoeira é vendável! Totalmente</p>	<p>P1: “[...] eu acho que todos nós somos de algum modo, profissional da capoeira, né?! Claro, alguns vivem, né?! Tem que ter o seu sustento a partir da capoeira. E o que eu acho muito válido, parabenizo, né?! Inclusive, eu comecei a dar aula de capoeira, como eu falei no início, com 17 anos e eu sonhava ser um profissional da capoeira. Não era nem mestre de capoeira, não. Era pra ser profissional de capoeira. Então, eu acho que o profissional da capoeira somos todos nós, né?! Jogamos capoeira e passamos a desenvolver um trabalho. Estamos em algum local que colabora com a formação das pessoas, né?!”.</p> <p>P2: “E nesse caso, o trabalho talvez esteja mesmo conectado com a mercadoria, porque o trabalho do capoeirista é, em certo sentido, vender o seu conhecimento. Vender a capoeira enquanto um produto vendável. Logo, uma mercadoria [...]”.</p> <p>P3: “[...] Na realidade, nós temos profissionais na capoeira. Sempre digo assim: ‘a gente vê profissionais da capoeira’. Mas, porém, tem algo interessante: existe aquele trabalho formal e o informal. Aí quando se fala da capoeira como profissional, falta só a bendita formalidade. A legalidade da profissão capoeira”.</p> <p>P4: “É possível, mas não vou te mentir: pode ser doloroso. Pode ser cansativo, insistente. Tem que ter foco. Tem que ser guerreiro. Tem que dar aula de manhã, de tarde e de noite. Tem que se jogar daqui pra outra cidade a qualquer hora. Pode, mas tem que doar”.</p>	<p>P1: “O Estado só dá suporte logístico. E ele precisa ser provocado. O estado não tem que chegar e financiar a prática de capoeira, ou de qualquer outra. Ele tem que ser provocado, né?! Os capoeiristas, por exemplo, tem que aderir ao processo de mapeamento, né?!. Então, a gente precisa cada vez mais dialogar, né? Sair da esfera de uma democracia representativa, uma democracia participativa [...]. Mapeamentos é algo necessário, né? Seja pra capoeirista, pra comunidade LGBTQIAPN+, populações negras, crianças, enfim. Tem que ter mapeamento, né?! E isso tudo tem que ter colaboração da comunidade, né?! Então, o estado, ao meu ver, é o papel de suporte, né? E a gente tem que organizar. Isso na perspectiva de políticas culturais. Observar a capoeira é dentro de um prisma no setor cultural, né?! Porque quando a gente vai falar do estado, a gente tem os setores, né?! De onde vem as verbas. E a gente também pode pensar na capoeira no setor educacional. Ou também pensar dentro de uma perspectiva intersetorial, mas aí é algo muito avançado, muito vanguarda. Não sei se o Brasil comporta isso não. [...] Então eu acho que tudo precisa de diálogo, né?! Políticas públicas tem que ser construídas com diálogo, né?! Então, fóruns é pra capoeira especificamente. No geral, precisa de fóruns, espaços de discussões, né?! Não é cada um no seu quadrado jogando Capoeira. Você pode até jogar capoeira só na sua roda, não quer ir pra roda do outro, mas precisa jogar capoeira de outra forma, né?! Que é no espaço de discussões. Então, constitui espaço de fóruns pra organizar demandas, estreitar o diálogo com os entes estatais”.</p>

vendável. Ela te dá várias portas. Agora tem um perigo muito grande, né? E graças a Deus, eu já estudei isso sabia?! Talvez por eu não ter vício (eu não sei, eu nunca bebi uma cerveja, eu nunca fumei um cigarro, eu não gostei muito de festa), eu dediquei minha vida toda a capoeira, né?! Tudo que eu adquiri na vida foi com capoeira. Eu sempre tive aquele foco e o respeito, né?! E quando a gente ama uma coisa, a gente não se corrompe. Se você ama uma coisa, você não corrompe. E a coisa habita em mim, 100% profissional. Então, a capoeira ela é totalmente vendável, desde que você não fira a moralidade dela. A ética profissional dela, tá ok? Não, você não vai dar aula numa comunidade só se você arrancar dinheiro de todo mundo, não. Você não vai pra comunidade pra ganhar dinheiro. Você não vai vender um material pro cara, porque o cara tem muito dinheiro. Você tem que tirar muito dinheiro pra dele. [...] Você tem que ser profissional”.

P5: “Sem explorar ninguém, certo?! E digo ao aluno: ‘o valor é esse’. Não tem como questionar, porque pra mim chegar onde eu cheguei eu passei por muitos problemas. Passei por muitas atribuições, que até hoje eu passo. É preconceito, como eu mesmo falei, né?”.

P7: “Eu acredito, que assim como tudo no mercado, não é?! Você precisa cobrar daquele que tem pra te pagar, né?! No Brasil, eu morei no Brasil, a gente dá aula, né?! Pra criança que você não pode pedir. Tipo assim: ou você ensina a Capoeira da alma pra pessoa ou você fica assim, [por]que o cara não tem dinheiro pra isso. Entendeu?”.

P8: “Mas irmão, você não vive de palha e de amor. Você vive de grana. Infelizmente é o mundo que você vive. A realidade é essa! Então, se você não ganhar bem, você não consegue manter a vida do jeito que você quer – vivendo de Capoeira. Então não me venha

P5: “Cara, a minha carteira é assinada como professora de capoeira. Minha carteira está assinada desde 2005. Eu vivo de capoeira, trabalho capoeira. É por isso que eu não discuto valores. Eu falo o valor, é esse e acabou”;

P6: “[...] as portas se abrem com mais espaço aqui na Europa do que no Brasil. No Brasil ainda tem aquela dificuldade. A cultura brasileira, que é a Capoeira, ainda é marginalizada e aqui não. Aqui eles dão muito valor na arte da Capoeira, que é uma dança, uma luta, entendeu? É um folclore brasileiro. [...] é uma coisa brasileira. Então eles dão muito valor. Cara é outro nível, entendeu?!”.

P7: “É. Dou aula até hoje. Trabalho com a Capoeira, principalmente com a Capoeira. Eu tenho algumas outras coisas, mas principalmente com a Capoeira”.

P8: “Então, todo esse conteúdo que a gente traz, principalmente focado no Profissão Capoeira. [...] eu trago, acho, que quatro conteúdos no meu perfil, que é: o Profissão Capoeira, que é isso: essa questão de se entender, né?! Que é possível você viver de Capoeira e viver bem. [...] claro, você não vai ficar rico. Não vamos nos enganar. Você não vai ficar rico dando aula, mas você pode sim viver bem”.

P9: “Eu nunca vivi de capoeira. Assim, pra pagar contas, né?! [...] quando comecei, em 1996, são 27/28 anos, [...] eu viajei pra Europa, né?! (Que foram vários anos consecutivos) [...], mas viver daquilo, não. Já ganhei (isso na capoeira em geral, não foi só no grupo) brasileiros, também norte, nordeste. Conheci a Europa, passei por vários países, mas me pergunta se eu tenho uma carteira assinada com a Capoeira aqui? Aí, quer dizer: uma representante mundial dentro da sua cidade está desempregada. Então isso é uma grande falta de

P3: “Então, assim, eu vejo que tem melhorado as políticas públicas voltadas pra questão social, pra questão esportiva, pra questão cultural e a capoeira está permeando por aí. Tem muitos capoeiristas que estão conseguindo, porque estão indo atrás. Tem outros que não estão conseguindo, porque não estão indo atrás – não acreditam, tem medo, não sabem. Então assim, tem vários fatores que inibem o crescimento da capoeira, que inibem buscar esses recursos. Então assim, o que falta é uma capacitação ou uma auto-capacitação”.

P4: “Veja bem. As políticas públicas que são trazidas pra capoeira hoje, elas não existiam há 20/30 anos atrás. Elas surgiram já de dez anos pra cá. Então, nós temos muitas políticas pública que foram trazidas e que capoeira pode ser beneficiada. Só que tem uns probleminhas. O capoeirista, as vezes, ele era muito quadrado e a informação veio redonda. Ele custou se adaptar, eu fui um desses! Às vezes eu olhava uma coisa, via um edital [...], um bocado de folha. ‘Eu vou lê isso? Isso não presta’. A gente custou se adaptar”.

P5: “Temos muitos projetos aqui. A prefeitura se dispõe, disponibiliza de muitos projetos sociais. Muitos mesmo. Mas assim, o valor que é da remuneração é muito pouco pra muito trabalho”.

P8: “E aí quando você leva um berimbau pra alguém que é de escola privada, normalmente as crianças falam assim: ‘ah uma flecha’ e aí as pessoas em volta dão uma risada [...]. Eu sempre falo assim pras pessoas que tão em volta, os adultos: ‘nós estamos rindo, mas isso é preocupante [...] porque essa criança não conhece nada da cultura do país dela, mas ela sabe o que é a Disney, ela sabe um monte de coisa por esse mundo afora, mas as coisas do país dela, ela não conhece’. É triste ver uma criança falar que é um arco e flecha. Isso significa que ela não conhece e, conseqüentemente, a família

falar que do amor, que a capoeira não é só isso. Não é mesmo! Mas a primeira coisa que você vai fazer, motivar outros, é referência baseada em coisas materiais”.

P10: “[...] acho que não pode ser mais mercenário, é uma opinião minha, tá?! A gente tem que diferenciar o projeto social do trabalho, mas eu cobro o meu, mas não é uma cobrança de morrer não, porque eu sei quem trabalha e os que não trabalham. Então eu acho que dá pra diferenciar, sabe?!”.

P2: “Então, se a gente analisar do ponto de vista distanciado, daria. Obviamente que deve ter algumas nuances aí que a gente pode refletir sobre ela durante a conversa, mas daria pra entender que uma das reivindicações contemporâneas de grande parte dos mestres é poder trabalhar vendendo sua mercadoria, né?!”

P4: “Então, a capoeira, na minha visão, ela é totalmente vendável. Desde que você não fira ela em vários aspectos, né?! Emocional, ética profissional”.

P1: “Não pode deixar de dizer que não é. A gente critica e reinventa e coloca outros elementos. Dentro daquela perspectiva que eu estava falando, né?! Dialético, né?! Eu acho que não se elimina, né?! Mantém, cancela e mantém e não simplesmente. Não, isso não existe. Isso não pode. O não na dialética não é esse não que elimina, né?! É um não que gera o movimento, né?! Mantém alguns elementos, cancelam outros e dá o movimento a capoeira”.

P2: “Então, há uma espécie de narrativa que coloca o sistema como algo negativo e a capoeira como sendo oppositora ao sistema. Logo, em tese, o sistema como sendo o capitalismo, a capoeira seria oppositora ao capitalismo, mas a gente vê essa contradição, porque

respeito! É uma pessoa que todo ano traz um título”.

P10: “Eu hoje, particularmente, ganho meu dinheiro da cultura. Eu não tenho outro trabalho. Eu dou aula de Samba de Roda, Capoeira, dou aula de tudo [...]. Então, dá pra viver sim. Eu pago as minhas coisas. Eu não vivo no luxo, não ganho um monte de dinheiro, mas o que eu ganho dá pra viver legal [...]”.

P2: “[...] a gente precisaria pensar porque da necessidade de um profissional, haja vista que haja um produto, né?! Você falou: ‘não, se a capoeira é um produto, é necessário profissional’. Será? Por quê? Né?! Não sei se um produto necessita de um profissional e esse profissional seria o que? Seria o produtor? Seria o vendedor? Seria um professor? [...] E mais ainda, quando a gente fala de profissional, a gente tá querendo falar o que com isso? A gente tá querendo falar do conhecedor ou a gente está querendo falar de alguém que é institucionalizado com uma carteira assinada segundo uma rubrica específica? Então, tem várias nuances aí que antes da gente aprofundar a gente tem que definir, né?! Porque, por exemplo, quando a gente fala da atuação do capoeirista enquanto profissional, isso requer uma certa formação de uma categoria profissional, né?! De conexões e reconhecimento do estado, que aí é um outro debate que a gente precisa saber se é favorável ou não, né?! Em que sentido pode ser favorável? Pra quem é favorável? Então, essas questões... Talvez a gente consiga se aprofundar nessa conversa. [...] Às vezes algumas pessoas começam a dar aula e aí, de volta, de novo, pra aquela dimensão: isso é profissão? Isso é trabalho? Que que é isso? Um trabalho envolve remuneração? Porque tem muitas dessas pessoas que se dedicam. Como no meu caso, me dedico a capoeira, dou aula de capoeira, treino capoeira tem muito tempo. Eu não tenho nenhum título formal e não é que na capoeira Angola não exista. No meu grupo existe.

também não, porque [...] isso não é importante pra aquela família. Então, é importante pro país inteiro, porque boa parte do país não sabe o que é. Então eu acho que falta muito, cara. Falta muito”.

P2: “Eu acho que cada uma dessas instâncias tem uma perspectiva acerca da capoeira, né?! E essas instâncias estabelecem relações com a capoeira que são diferenciadas, né? Eu acho que o Estado, em certo momento, repreende [...] e sobretudo no passado, né?! Repreendeu de uma forma mais radical e nos últimos 4 anos, né?! Foi uma coisa absurda no sentido de desconsiderar, né?! Mas o Estado também tem um papel importante de validar uma prática, né?! De fomentar, de discutir, né?!”.

P1: “Então, a gente precisa cada vez mais dialogar, né?! Sair da esfera de uma democracia representativa, [para uma] uma democracia participativa [...]”.

<p>em outros momentos, grande parte da agenda dos mestres é justamente lutar pra que haja boas condições de trabalho pra ele possa vender enquanto uma mercadoria no mercado capitalista, né?! Então, há uma contradição aí que são naturais da vida social e que na capoeira não seria diferente, né?! [...] eu não penso mais nisso em relação ao mercado, né? Eu também consigo flexibilizar um pouco isso. O mercado talvez não tenha só aspecto exploratório, né? Porque o mercado também é feito de pessoas e as pessoas tem as suas agências, né?!”</p> <p>P1: “Então, eu acredito que [...] é mais comercializada, né? E atende algumas demandas do mercado. A capoeira, por ter essa essência de resistência, ela traz essa negação mesmo que esteja formatada, né?! Não dá pra negar que tem uma formatação. É vendida pra estar em outros espaços, né?! Nem capoeira Angola, né?! Como alguns batem no peito alegando: ‘minha capoeira é fora do sistema’. Não, pra cima de mim não amigo. Eu até concordo que a Angola, por exemplo, trabalha muitos elementos da africanidade, talvez mais que a nossa capoeira”.</p>	<p>Poucos, mas existem. Que é treinel contramestre, acabou. Eu não sou nem mestre, nem contramestre, apesar de ter 15 anos de grupo e 30 anos de capoeira. Então, é essa hierarquia. Ela existe, [mas] não necessariamente ela é imprescindível pra atuação enquanto o transmissor, né?! Isso que a gente não pode tá chamando de profissional, né? Ou alguém que é responsável por um grupo, ter alunos?”.</p> <p>P1: “Podem até levar assim elementos identitários da escola e tal, mas são ramificações. Eu não acredito nesse poder todo aí não, né?! Mas, infelizmente, essa marca é algo muito típico do capital, né?! Limita muito os sistemas de empresa, né?! A estandartização, né?! Comprar tudo pronto, né?! Inclusive, alguns desses grupos vendem a metodologia, né?!”.</p>	
---	--	--

Pesquisa: CAPOEIRA: sobrevivência e resistência na sociedade do capital

6. Categoria II: O ser capoeirista

Esse item é diretamente conectado ao anterior, pois se evidenciou a percepção do campo acerca da naturalização quando se trata de Capoeira, sua pluralidade e subjetividades. Assim, mesmo com a configuração da capoeira, de alinhamento com o capital e todas as mazelas provenientes de tal sistema (que resvalam em suas práticas), ainda foi percebido que, ao contrário do que Marx (2013) detectou frente ao estranhamento do trabalho e seu distanciamento do aspecto ontológico, isso não ocorreu com a Capoeira.

Mesmo inserida no capitalismo, a mesma manteve (e mantém) sua essência e ressignificou suas atuações. Importante destacar que, além de manter suas raízes ancestrais, ela inseriu novas relações, como, por exemplo, sua presença nas periferias e a construção de perspectivas de vida (a ser observado nas falas ao final dessa seção). A literatura corrobora tal perspectiva apontando a Capoeira como uma prática educativa de formação (CAMPOS 2001), juntamente como seus novos modos de atuação – que também surgiram das conexões com seus adeptos, que colaboram com suas condutas cotidianas.

Tais ações são conexões com a ancestralidade, pois evocam os valores constituídos na gênese da Capoeira e mesmo que, *a priori*, o sistema de produção e consumo da Capoeira seja percebido enquanto mercadoria, a relação Mestre-discípulo (através da necessidade de manter a prática a partir de uma doação para com a mesma) ainda permanece. Entretanto, por mais que as ações dentro da Capoeira sejam *nobres* e em busca de sua subsistência, também estão alinhadas com o capital e performam de acordo com as demandas. Com isso, ocasionam ações predatórias, que mesmo que não vilipendiam os valores ancestrais e saberes periféricos, deixam explícito como o sistema do capital determina a vida das pessoas e a condicionam, pois essa realidade impõe a sobrevivência na sociedade capitalista – que se resume em vender ou ser a própria mercadoria (MÉSZÁROS, 2005)

Precisa-se destacar, no entanto, que mesmo sendo indagados acerca das performances que a Capoeira apresenta na atualidade, as falas trazidas apontaram para o aspecto plural da Capoeira e como esta se torna subjetiva nessa relação para com os adeptos. Mais uma vez a literatura corrobora esse pensamento, pois aponta o universo da Capoeira enquanto transcendente as determinações de organizações e/ou diretrizes, destacando seu caráter livre – que se mantém em coerência com sua essência. Assim, mesmo com os grandes grupos, a elevação da mesma como prática, que adentrou vários países e culturas, apontou sua conectividade com a ancestralidade, que se mantém sendo repassada de geração a geração.

O que se percebe que transcende essa exposição da Capoeira ao capital são suas conexões subjetivas com cada sujeito, pois estes, que se preocupam com a longevidade da

mesma, lutam para manter seu sentido ontológico e fazer com que suas ações cotidianas convivam paralelamente com as outras facetas da Capoeira que comungam com o capital. Entretanto são inegáveis os vieses determinantes do capital que obrigam a Capoeira a se travestir de mercadoria – sua ancoragem no trabalho como função laboral de subsistência, mas que não é suficiente para manter os capoeiristas sobrevivendo da prática.

Isso implicando, muita das vezes, na morte em completa miséria de Mestres renomados. Essa realidade explicita um universo complexo baseado em uma dualidade que se faz presente na composição vital da Capoeira na contemporaneidade, que consiste em: a) ancestralidade/saberes *versus* mercadoria; b) trabalho no seu sentido ontológico/educativo *versus* função laboral de subsistência e; c) uma prática instrumentalizada *versus* uma prática educativa formacional. Seguem as falas que subsidiam essa categoria:

6.1 SÍNTESE DAS ENTREVISTAS

6.1.2 Categoria II: O ser capoeirista

Falas sobre as temáticas abordadas:		
A Capoeira como educadora	A relação com Capoeira	O futuro da Capoeira
<p>P1: “Cara, a capoeira ensina a gente a viver, porque você lida com todo tipo de pessoa. Todo tipo de pessoa está dentro da capoeira: o narcisista, o dependente emocional, o heterônomo, o autônomo, né?! [...]”. “Então, tem que ir abraçando aí as mudanças do mundo, esses novos elementos, e a capoeira ela traz esse pensamento crítico, né?! Eu particularmente penso que a essência é a negação, que é justamente o movimento dialético. [...] capoeira e dialética elas estão juntas, porque a capoeira é um movimento dialético. No curso de Filosofia eu vi isso. Rapaz, isso é capoeira [...]”.</p> <p>P2: “Hoje em dia, por exemplo, a gente tá tendo um movimento muito forte do branqueamento, né?! De criticar a branquitude. E isso também é oriundo desses movimentos sociais, como da Capoeira. Então essa é a minha posição atual, né?! E eu batalho a minha militância [...]”.</p> <p>P3: “A gente vê assim: que durante esse processo, muito dos capoeiristas que não davam tanto valor ao estudo foram incentivados por esses mestres a estudar. O meu mestre, por exemplo, tinha pouco estudo, mas ele cobrava que a gente fosse estudar. Ele dizia: ‘olha, capoeira se faz é com a cabeça, não é com as pernas não!’”.</p> <p>P4: “Nossa capoeira, ela vai nas maiores favelas do mundo, onde ninguém vai! Nossa capoeira, ela se mete na vida dos outros fora da academia, onde ninguém vai!”</p> <p>P5: “[...] a maioria de periferia, a galera aqui da favela mesmo e os meninos hoje em dia, a maioria, graças a Deus,</p>	<p>P1: “[...] Eu, particularmente, nunca participei desse tipo de pirâmide, né?! Situação piramidal, ou cota, enfim [...]. Meu trabalho sempre foi ali com o pessoal, né?! [...] é bem complicado você desenvolver o trabalho hoje, fora a falta de recursos. Eu trabalho com essa certeza. Como te falei: sempre foi projeto. Hoje eu estou na escola como voluntário, né?!”.</p> <p>P2: “[...] viver da capoeira, as vezes, pra algumas pessoas, não é tão interessante. O negócio é doação total. Eu tenho que a capoeira é tão sagrada que eu não posso retirar nada dela, eu só tenho que doar”.</p> <p>P3: “Hoje a minha relação com Capoeira não está mais como estava lá na década de 1990. Até porque, depois que a gente começa a pensar mais no lado profissional, mais em família, a gente vê que somente a Capoeira não dá pra lhe sustentar. No meu caso. [...] Então, eu vi que eu tava me dedicando muito tempo pra Capoeira, [mas] quando eu realmente eu precisei, eu não tive o amparo da Capoeira. Daí a necessidade da profissionalização da Capoeira”.</p> <p>P4: “E muita das vezes a gente tem que se doar pra ganhar uma coisa mais na frente. Se eu não me doasse, eu não chegaria na Europa. Eu passei a ganhar dinheiro na Europa depois, mas antes eu tive que me sacrificar. Tive que abrir o caminho e depois mandar os caras pra lá. [...] Hoje eu sou reembolsado por isso, mas se eu fosse pra lá e tirasse dinheiro de todo mundo, como é que era?”.</p> <p>P5: “Quando eu me formei eram sete homens, só eu de mulher. Na minha época, ninguém conseguiu ficar tanto tempo e eu fui a</p>	<p>P1: “Ah! Acho que dinâmico sempre, né?! Sempre vai estar mudando. Encanta a diversidade, né?! A diversidade encanta, cara. Por mais que você diga assim: ‘ah não. Eu tenho o meu direcionamento de trabalho, prefiro dialogar com tal’, Como te falei, já afirmei bastante isso, né?! Mas cara, você não tem como não se encontrar com o diverso [...]”.</p> <p>P2: “Qualquer sentido de previsão, né?! É complicado dizer sobre isso, né?! A gente sabe que a história é muito tortuosa. Assim, a gente olha pro passado tentando se preparar um pouco pra acontecimentos futuros, mas é difícil, né?! Não sabe. [...] E durante muito tempo a gente achou que a globalização acabaria com a capoeira; a globalização tornaria tudo essa discussão; [...] a globalização faria com que a capoeira se tornasse uma mercadoria e acabaria todas as relações afetivas – as relações de hierarquia: o mestre se acabaria, porque a gente tá tendo aula agora a distância, etc, etc. E a gente viu que isso não aconteceu. [...] Essa relação de grupo, de família, de política, ela se ela se fortalece, né?!”.</p> <p>P3: “[...] a capoeira ela tem passado por transformações. Não sei se a gente pode chamar isso de metamorfose, que a gente vê isso também em outras artes marciais, que elas estão passando por essas transformações. Eu não posso dizer que não seja uma evolução, que na realidade a capoeira está passando por essas transformações e essas transformações dentro da área científica de porquê ela está se adequando ao meio. Então, a gente observa que o meio mudou, as pessoas mudaram, as informações chegaram”.</p> <p>P4: “Então, essa luta, que é entre o bem e o mal, sempre vai ter,</p>

são tudo formado, tem a profissão. Tem alguns que são concursado, outros se foram, outros, infelizmente, não estão mais aqui com a gente presente, né?! Já partiram pra outra. Mas assim, o que eu puder fazer pelos meus alunos, eu fiz e faço até hoje”.

P6: “Assim, eu quando comecei a Capoeira eu tinha um sonho de morar na Europa. Eu vim de uma família humilde, né?! Minha família, de lavrador, de colher arroz, feijão. Então, sempre tive o sonho de mudar de vida. Eu vou mudar de vida. E comecei trabalhar com Capoeira. Ninguém da minha família, meus amigos, nunca acreditaram que eu ia chegar aonde eu tô. Onde eu cheguei agora, entendeu?!”

P9: “Eu creio que a capoeira é uma das maiores ferramenta do mundo, que consegue tirar mesmo, não é só afastar não, consegue tirar as crianças e os jovens da marginalidade e da evasão escolar [...]”.

P10: “Então o pessoal pensa que quem vai educar é a escola. Não cara, tem que ser um trabalho em conjunto e a Capoeira ela tem isso, né?!”.

P3: “Aí ele foi e conversou comigo e tal e de repente, pensei que não, o Mestre já tava vindo pra Caxias pra ministrar uma aula de Capoeira pra gente, pra ajudar no desenvolvimento da capoeira. E ele dizia assim pra mim ó: ‘Estude rapaz. Na capoeira o cara tem que estudar. Estudar capoeira mesmo. Enfiar a cara no livro, pesquisar. Todo capoeira tem que ser um pesquisador’. Quer dizer, [...] o mestre Traíra [...] sempre estimula o pessoal a fazer, entendeu?! Sempre conversava isso. [...] [A capoeira] tem um poder de transformação de caráter! Se eu te disser o tanto de gente... Eu tenho um dos meus professores que vai embora pro Rio de Janeiro agora, final do ano vai morar lá no Rio, em Angra. Já treina comigo quase 20 anos, mas era usuário de droga. Não aguentou, estava quase morrendo. Chegou aqui pra mim falando: ‘mestre, eu quero treinar com o senhor. O senhor vê o que eu tô passando aí. Eu sou músico, já treinei

única que consegui, firme e forte. Nunca parei a capoeira, né?! Quando eu engravidei eu dava aula de capoeira. Eu não parei em nenhum momento”.

P7: “Nunca parei com a Capoeira. Nunca tive essa vontade não. Eu adoeci, eu tive... Eu sou paciente renal, sou transplantada renal agora, mas nunca parei”.

P8: “Eu acho que hoje eu não consigo dizer que eu sou só atleta. Putz! Só atleta não, porque o atleta ele recebe pra treinar o dia inteiro. Eu não recebo de lugar nenhum [...]. Viajo, recebo o cachê. Recebo, mas é hoje. Mas por muitas vezes também eu viajei só porque eu queria ir e pus a mochila nas costas. Fui de ônibus, fui de avião, fui andando, fui de bike, dormi na praça. Aquela loucura toda, né?!”.

P9: “Ministro aula em três bairros diferentes aqui da cidade. E eu também tenho uma sede própria agora, graças a Deus, a minha casa. Eu destruí a casa e transformei na Sede da Capoeira, por ser tão louca e viciada em Capoeira. E ficar feliz por ver aqueles jovens, aquelas crianças tocando, cantando, jogando. Eu só fissurada naquilo ali”.

P4: “Eu me doeie por muito tempo da minha vida, cara. Tinha mês que eu não ficava aqui em São Luís em nenhum final de semana, pô! Eu viajava os quatro finais de semana, pô! Chegou um tempo que minha filha, hoje moça, era pequena. Ela me cobrava e aí eu botava um professor pra ir numa viagem, passava um final de semana, mas é porque foi um compromisso que eu tinha com a coisa. Era eu pra ensinar, pô. Eu ia pra esses interiores pra ensinar”.

P2: “Isso que a gente estava falando até agora, né?! Da segunda perspectiva marxista, que é o valor de troca da mercadoria. Fazia com que os planos perdessem a sua humanização, perdessem as importâncias das relações sociais. Em aspectos, mesmo trocando por dinheiro essas relações não são diluídas, elas são mantidas. [...]. Então, eu tenho uma relação muito significativa com a capoeira e eu também vivo isso na capoeira Angola, que é uma

mas e eu vejo que nós podemos sair vencedor futuramente. Por quê? Pelo fato de hoje a nossa didática está mais aprimorada. A nossa estética está mais bonita, está mais linda. Nosso processo técnico está mais efetivo, está com mais efeito. Entendeu? Tá mais eficiente”.

P5: “Eu vou falar pelas meninas, né?! Eu imagino muitas mulheres dando aula de capoeira, porque quando eu comecei a treinar, como eu disse pra você, eram poucas meninas. Eu achava que três iam se formar comigo e só ficou eu, as outras estão todas parada, nenhuma treina mais”.

P7: “Eu não consigo ver um bom caminho pra capoeira não, sabia?! Tem muita gente fazendo o que quer”.

P8: “Eu acho que ele é incerto, porque tem muita gente que não quer melhorar, como a gente vem batendo nessa tecla desde o início, né? Ele é incerto por isso! Falta referência. Se falta referência, falta a gente fazendo mais do que a gente faz e se isso não acontece, um dia acaba, né?!”.

P9: “[...] eu creio, né?! Pelo andar da carruagem, que a Capoeira vai ser só comércio. Eu creio que [...] ninguém vai se identificar como mestre, aluno, professor. [...] pra mim, vai ser uma bagunça”.

P10: “Então, eu vejo a capoeira se expandindo e estando em lugares pertencentes a nós, mas que [...] eles desmereciam né? Eles desmereciam a gente, mas agora eles estão merecendo, porque eles sabem que a gente tem valor”.

P2: “Eu acho que uma coisa que tá se fortalecendo, e que na verdade não é uma previsão, é uma constatação, é isso que você falou agora: é da capoeira se nutrir de lutas que eram marginais [...], né? E formar grupos dentro daquilo que a gente tá chama de identitarismo, né?! Por exemplo, a gente vê grupos se formando só enquanto pretos, né?! Onde brancos não tem muita vez. A gente vê grupos se formando só como mulheres. A gente vê grupos se formando só com trans. A gente vê grupos que

<p>capoeira muitos anos. Parei'. Fui lá, fiz um tratamento com ele de desintoxicação, entendeu?! Conseguir tirar o cara das drogas. O cara depois arrumou uma mulher, casou, teve filho. Infelizmente a esposa dele faleceu de câncer, cara, mas deixou uma filha linda, Ana. E o cara superou tudo, pô”.</p>	<p>prática muito militante, né? [...] então, essa minha militância tem uma pluralidade muito grande, mas é focada, sobretudo, naquilo que a gente tava falando anteriormente, numa grande oposição entre colonizadores e colonizados. E ela caba sendo uma voz pra minorias étnicas, né?! Então, a Capoeira Angola é muito racialmente marcada, talvez mais que a regional. [...] Isso que a gente tá chamando de trabalho com Capoeira: é treinar, dá aula, mas também fazer pesquisa. É também montar aula sobre Capoeira, patrimônio, política, etc. Então, isso é meu trabalho”.</p>	<p>estão se formando, se organizando como pautas ambientais”.</p> <p>P3: “[...] Essas transformações que acontecem na capoeira, essas evoluções, elas ocorrem devido a esse contato. Porque, eu tenho uma informação, você tem outra informação e aí quando a gente se encontra, vai trocando essas informações. Eu aprendo um pouquinho contigo, eu sei, e essa troca vai fazer com que a Capoeira cresça. [...] Então, a capoeira deu uma revirada de 360º graus. Quem não acompanhou é outra coisa, mas quem está dentro do processo, a Capoeira deu uma volta ó... [...] de musicalidade, instrumentação, técnica e jogo. Tudo! Então, eu vejo que futuramente vamos ter cada vez capoeirista mais aprimorados e bons. Eu comparo as três décadas: a década de oitenta, que eu comecei; a década de noventa; e essa década agora de 2000. [...] Eu posso ver a diferença nas três. [...] A gente vai, futuramente, ter professores de capoeira aí cara, desafiando é a física. Já tem, né?! Já tem”.</p> <p>P2: “Não, não sei. Assim, eu acho que o que eu posso afirmar é que ela vai permanecer, né?! Ela já passou por tantos algures aí e resistiu, né?! Eu acho que pra matar, pra acabar com a capoeira, é difícil, né?! Nenhuma guerra nuclear. Igual barata: ‘não adianta. Não cai. Não acaba’. [...] E quando eu falo de capoeira, não é só, sei lá... hidrocapoeira. Não é só a pernada. Eu falo de capoeira mesmo. De relação entre mestre e discípulo, sabe? Essas relações tradicionais. Eu acho que isso não vai acabar não”.</p>
---	--	---

Pesquisa: CAPOEIRA: sobrevivência e resistência na sociedade do capital

7. Análise das Categorias

A seção a seguir tratou de contextualizar as falas elencadas nesse estudo frente as suas representatividades. Para tanto, subseções também foram criadas e, assim, construíram-se subsídios para se entender a complexidade da permanência da Capoeira na sociedade capitalista e as diversas formas de atuação da prática citada. Nesse sentido, as páginas seguintes tem o objetivo de estabelecer um diálogo entre teoria e empiria mostrando a conexão que há entre o postulado pelos autores e a realidade vivenciada pelos indivíduos levando em consideração as suas respectivas singularidades.

Entretanto, também está contido no texto saberes do desse trabalho, a pesquisa da dissertação, uma vez que o mesmo não é alheio ao campo, mas sim pertencente à prática e é conhecedor de alguns dos problemas levantados pelos entrevistados. Contudo, será buscado discorrer acerca dos vários assuntos seccionados prezando pela transparência e rigor científico exigido pela academia, mas com olhos na realidade e nas mais diversas especificidades presente nos discursos, pois uma prática secular repleta de ramificações, tal qual a Capoeira, possui uma lógica pautada na presença de assuntos diversos.

No que tange as categorias em si, como já mencionado, são abordagens que surgiram mediante aos estímulos dos temas abordados e estes, por sua vez, conectam-se as demais nuances por estarem imbricadas na prática de algum modo. Ressaltando que os pontos trazidos e que formaram as respectivas categorias, foi entendido aqui como pertinente por complementar as indagações iniciais e fomentar as informações buscadas.

Quanto aos textos de cada categoria (as subseções já mencionadas), estes pretendem, além do diálogo com a realidade, propiciar uma reflexão mostrando a necessidade de se problematizar as ações desenvolvidas na prática da Capoeira e a relevância de se pensar nas próprias ações. Quanto aos sujeitos entrevistados, esse trabalho mostra que, apesar da complexidade, há uma organicidade mínima na Capoeira e é essa realidade que se torna base, fundamental, no processo de resistência e, por consequência, longevidade.

Assim, as linhas que se seguem trazem materializado o entendimento acerca da Capoeira e as inquietações que subsidiaram esse estudo, bem como expressam sob que pensamento está sendo observada a prática e suas configurações, respeitando os mais diversos entendimentos e discursos proferidos pelos entrevistados. Destaca-se, também, que a literatura presente na análise foi selecionada não só para contribuir com a descrição aqui realizada, mas por trazer informações que proporcionam entender a diversidade de pensamentos acerca da realidade da sociedade vigente.

7.1. A Capoeira como Mercadoria

Essa categoria já foi amplamente discutida durante esse estudo através da literatura, entretanto a seguir serão trazidas as concepções da Capoeira em sua condição mercadológica, mas não só no seu sentido objetificado e sim como uma das maneiras encontrada de garantir a sobrevivência frente aos condicionamentos sociais de uma sociedade capitalista. É necessário ponderar que não é que essa condição foi sua grande salvadora, mas sim evidenciar que permitiu construir alternativas através do se reinventar em suas respectivas épocas.

No sentido de estabelecer uma abordagem dessa categoria em ligação aos conceitos aqui tratados, resgatando que se entende aqui a mercadoria através do pensamento marxiano, voltou-se para a relação de como se formam e se transformam, no mercado, as mercadorias. Estas tem uma função de movimentar e sustentar a estrutura – ou seja, *a priori* sua função seria de subsistência. Mesmo em um sistema não capitalista seriam necessárias tais produções, mas o fator problemático e decisivo consiste no que Marx (2008) intitulou de *Fetichismo da Mercadoria* que, em síntese, consiste na hierarquia protagonizada pelos donos de produção, estabelecendo relações desiguais e desencadeando o trabalho alienado – a venda da mera força de trabalho e o distanciamento do ser de sua criação/produção.

Portanto, a mercadoria, na lógica capitalista, não é benéfica ao proletário, mas sim aos donos de produção – o que se conecta com a maneira instrumentalizada/coisificada da relação vertical piramidal existente na Capoeira, o que proporciona uma base com aspectos complexos e até deletérios. Desse modo, ao trazer que essa realidade é uma condição confortável para a Capoeira em ser uma mercadoria, explicita-se, necessariamente, sobre seu distanciamento do sujeito, sem mencionar a incoerência com sua característica expressiva apresentada na contemporaneidade, sua pluralidade.

Por outro lado, ocorre também que a partir do momento em que a mesma é entendida enquanto somente produto/mercadoria, tal instrumentalização demanda um manejo técnico e, por conseguinte, exige uma mão de obra especializada. Essa realidade encadeia-se com o próximo ponto, que é a confecção dessa matéria-prima e, como traz o próprio Marx, evidencia-se o agregar de um valor em decorrência do dispêndio e/ou trabalho estranhado, mais-valia e demais elementos inerentes ao capitalismo, exemplificado concretamente através das franquias e do sistema piramidal dos supergrupos.

Ainda nessa vertente, é importante destacar que a condição de mercadoria da Capoeira permitiu que ela obtivesse sua entrada em espaços específicos e angariasse uma conotação positiva frente à sociedade justamente porque se adaptou as demandas capitalistas (ARAÚJO, 2008). Sua adesão a condicionou a performar enquanto linha de produção, trazendo resultados

e se mostrando enquanto fonte rentável – principalmente financeira. Essa condição permitiu que a Capoeira fosse tratada nos moldes empresariais, com cursos de formação e capacitação para formar capoeiristas profissionais e estes atuarem em diversos espaços – com ênfase para os sistemas formais de educação (escolas), o que implicou na formação de um sujeito para execução laboral e venda de sua força de trabalho.

Essa condição é complexa não só pelas várias interfaces da Capoeira e suas ramificações, mas porque homogeneiza uma relação desconsiderando as diversidades econômicas, culturais e geográficas. Tal ideia pode ser observada através da exposição, pois se de um lado observou-se uma fala apresentando uma formação/preparação específica para praticantes exercerem a profissão de capoeiristas (como fonte de renda, vendendo sua força de trabalho), de outra, identificou-se uma fala que expõe ausência total de possibilidades de viver da prática.

Todavia é preciso ressaltar que, no primeiro caso, essa relação destoa do aspecto estranhado do trabalho, pois há o mínimo de identificação e sentido naquilo que está sendo confeccionado. Na outra vertente, mesmo com extrema sapiência técnica, conquistas mundiais e demais credenciais que a subsidiariam enquanto apta a desempenhar um papel relevante na Capoeira, enquanto ferramenta de subsistência laboral passível de sobrevivência, ainda assim a pessoa não usufrui de tal condição não por vontade, mas por não ter oportunidades frente ao cenário que lhe é ofertado e as condições as quais a mesma é exposta.

Mediante exposto, é possível visualizar que no mesmo país, mas em regiões diferentes (aspecto geográfico supracitado) a mesma Capoeira ora é tratada como mercadoria e negócio lucrativo, passível de sobrevivência, mas também é uma prática na qual não basta haver apenas sapiência técnica e performance satisfatória em campeonatos e/ou ações comunitárias. É aqui que se reforça, através do campo, o que muito foi discutido na literatura: é preciso alinhamento pleno com as práticas capitalistas, pertencer a um cenário estratégico propício. Nesse entendimento, coloca-se aqui, em forma de reflexão, que nas hipóteses que explicaria tais diferenças percebe-se o manejo gerencialista de precificação/venda, mas também os aspectos regionais/geográficos, pois não se trata necessariamente da qualidade da mercadoria, mas sim onde e como ela é vendida.

Essa afirmação pode ser corroborada historicamente quando a literatura traz a Capoeira expandindo-se pelo mundo em busca de valorização, mas principalmente em busca de aporte financeiro. Quando Falcão (2011) traz a expansão ou expulsão da Capoeira, menciona que os capoeiras saíram de seu país natal e desbravaram os continentes em busca de valorizações e reconhecimento, mas essa realidade ainda é atual e dependendo da região é

possível ou não buscar vivenciar a Capoeira como fonte de subsistência. Vale destacar que os exemplos supracitados exibem essa disparidade, pois de um lado há um capoeirista capacitando para o mercado de trabalho (morador sulista) e na outra ponta tem uma profissional com vasta experiência, mas que não consegue se quer cogitar a possibilidade de viver daquilo que foi sua vida inteira (moradora nordestina).

Por todo esse exposto, é preciso problematizar que não basta querer e se capacitar frente ao que o sistema vigente prega, pois não é suficiente ser um vendedor de mercadorias como traz Mészáros (2015), pois interfere diretamente o local no qual o produto será exposto. Aquilo que Silva (2021) menciona, acerca da indústria cultural e seus modos de atuação alinhados com o capital, associado com a ideia de Antunes e Braga (2009), de que a adequação precisa ser frente aos mínimos detalhes das demandas capitalistas, expondo-os à realidade de que as ações laborais são estratificadas e passam a pertencer ao inforploletariado, significando que os mesmos não conseguem ascender à classe de proletariado por estarem imersos na miséria completa, restando-lhe somente vender uma força de trabalho – sem formação adequada e engrossando as filas do exército industrial reserva (SANTOMÉ, 1998).

Nessa relação, em que todas as práticas adaptam-se ao capitalismo para garantir sua permanência na sociedade, a Capoeira assumiu, por vezes, um caráter objetificado/instrumentalizado e é preciso sim criticar, refletir e questionar quando a linha tênue é cruzada. Contudo, é interessante deixar explícito que essas questões transcendem conceitos, pensamentos e demais paradigmas, porque se trata da vida na sua concreticidade, na qual, se a única maneira de sobrevivência e garantia mínima de subsistência é ser comprador e vendedor ao mesmo tempo, como frisa Marx, torna-se até irrisório o preço frente a miséria iminente.

Como exemplo, quando mestre Bimba partiu para Goiânia, pois sua estadia na Bahia já não estava sendo positiva, foi em busca de reconhecimento, mas, fatidicamente, em pouco tempo foi a óbito. Essa percepção foi confirmada na morte de mestre Pastinha e tantos outros mestres que pereceram na absoluta vulnerabilidade econômica, sendo essa uma das realidades vivenciadas até a atualidade por muitos fazedores de cultura. A partir dessa constatação é que se evocam os planos de salvaguarda (BONATES; CRUZ, 2020) e demais tentativas que buscam amparar minimamente esses sujeitos.

A reflexão que necessita ser realizada e é perceptível nas falas dos entrevistados, diz respeito ao fato de que a Capoeira não pode perder seu sentido ontológico – como o trabalho perdeu frente à divisão social. Não pode se tornar somente mais uma opção de exploração do capital, que faça com que pessoas caiam em seu abismo. É preciso entender que, de algum

modo, existirá uma relação direta com o capital – pois, fazendo um paralelo a escola formal, é preciso compreender que a mesma escola que emancipa também serve a classe dominante, sendo uma arena de disputa (SILVA, 2019) –, mas também é preciso criticar as ações desenvolvidas para que a Capoeira não se perca nos labirintos do capital.

Essas reflexões fazem-se necessárias, porque a cada época surgem novos cenários e a complexidade destes são desafios a serem superados quando se busca a sobrevivência em uma sociedade com diretrizes específicas. Nesse caso, fala-se sobre o grande capital no comando, sempre determinando que função exerce cada prática. Realizar a crítica e reconhecer os pontos de alinhamento da Capoeira com as ações capitalistas pode ser doloroso para o praticante e até se apresentar enquanto contraditório, levando em consideração uma prática que tem sua gênese no objetivo da liberdade, mas é necessário para que se indague sobre os pontos positivos e negativos da realidade.

Vale trazer também que ao se falar sobre a Capoeira enquanto mercadoria, seu aspecto objetificado/instrumentalizado, parte dos entrevistados resistiram de pronto, discordando da definição e argumentando ter pensamento contrário. Entretanto, logo que continuado o diálogo e a exposição de como a Capoeira apresenta-se na sociedade atual, estes concordaram da função que ela desempenha, bem como sua atuação nos mais diversos seguimentos. A rejeição ao termo foi compreensível, não só pela configuração estruturalista que mostra o termo, mas também por reduzir a prática a uma só condição – restringindo uma prática da envergadura da Capoeira, comprimindo-la, e desconsiderar sua essência plural.

Não foi esse o objetivo, mas sim apontar esse lado existente, que não pode ser ignorado, pois o diálogo estabelecido entre a Capoeira e as práticas capitalistas deve ser analisado com sensibilidade, mas não a partir de julgamentos e demais compressões e sim frente aos entendimentos acerca das necessidades vivenciadas pelos sujeitos imersos na prática. Não se trata de potencializar as interferências do capitalismo, mas sim de saber lidar com as condições ofertadas com a necessária noção de que é benéfico ou não.

Assim, a partir das falas dos entrevistados acerca da condição da Capoeira enquanto mercadoria e o diálogo aqui tecido sobre essa temática, foi possível compreender que mesmo sendo essa uma questão antiga, que Rego (1968) já abordava lá na década de 1960, ainda não é bem aceito pelos capoeiristas. Entretanto, é entendido aqui como de fundamental relevância abordar esse assunto, por tratar-se de conotações que a Capoeira assumiu assim como de suas respectivas consequências.

7.2. A Capoeira como Trabalho/laboral

Essa temática representa grande parte desse escrito, isso por entender-se que o mesmo é um dos pilares para se explicar como corre o processo de permanência da Capoeira até atualidade. Necessário resgatar a conotação de trabalho que está sendo atribuída aqui enquanto categoria, que parte do pensamento marxiano do trabalho como princípio educativo (MARX; ENGELS, 2011) e não somente no seu viés laboral de subsistência. Entretanto, será levado em consideração o modo como se encara esse lado da prática enquanto função de subsistência e os diversos pensamentos proferidos pelos participantes, de como entendem o tema frente as suas respectivas interações com a prática.

Os depoimentos trouxeram pontos relevantes para se compreender a maneira adotada por cada um e como embasam suas relações cotidianas com a Capoeira. Logo, foi possível perceber que há uma aceitação unânime frente à possibilidade da Capoeira enquanto ferramenta de trabalho para subsistência, mas também foi possível perceber que não é uma realidade comum e mesmo compartilhada por todos, sendo essa condição entendida como esporádica. Entretanto, é preciso destacar que a não frequência da Capoeira como ferramenta de subsistência, não significa que não há profissionalismo e dedicação à prática, sendo essa uma das afirmações exaltadas para demonstrar que até pode ser uma condição pontual a Capoeira como função laboral de subsistência, mas o profissionalismo mantém-se presente em todas as ações desenvolvidas pelos indivíduos.

Apresentando de outro modo, e conectando com o viés entendido aqui da categoria trabalho no pensamento marxiano, os informantes mostraram que não há necessariamente a vertente econômica, mas o trabalho faz-se presente em todas as instâncias da lida com a prática – sendo incluída, por último, o fator econômico de subsistência. Essa percepção embasa-se na condição, ou possibilidade, da Capoeira enquanto fonte de renda para suprir as demandas familiares. Pode ser considerado enquanto algo contemporâneo – originado com Bimba quando o mesmo começou a inserir mensalidades pela sua prática e o viés cultural de apresentação dos diversos grupos na Bahia na década de 1930 (REGO, 1968) – mas em diálogo com as práticas capitalistas, por executar ações em consonância com as demandas sociais e passando a ser visualizada como mercadoria/produto (ARAÚJO, 2006).

O surgimento dos grupos, campeonatos (BRITO, GRANDA, 2020) e a expansão da Capoeira pelo mundo foi o que mostrou a possibilidade da Capoeira como forma de subsistência laboral, pois a cultura brasileira foi importada e exposta na vitrine mundial. No concernente aos relatos dos participantes, foi possível perceber justamente essa diferenciação em relação a trabalhar com a Capoeira no Brasil e no exterior, quando trazem que são

situações diferentes, mas que ainda assim as condições são melhores no cenário internacional. Essa afirmação conecta-se com outras seções desse texto, quando trazido a ausência de efetividade de fomento do Estado e que quando ocorre, faz-se de maneira pontual e sem impacto para a prática.

É por este viés que os discursos dos entrevistados mostram-se perspicazes em entender que ainda é uma realidade distante a questão do *viver de Capoeira*, prevalecendo o *viver para Capoeira*, demonstrado através do voluntariado realizado por eles em seus respectivos polos de atuação. Nessa linha, a remuneração em ações desenvolvidas através da Capoeira fica na dependência do viés empresarial/mercantil, no qual entram os megagrupos com seus sistemas franquizados, piramidal, que fornecem subsídios para parceria entre o setor privado, mas sendo essa uma ação danosa para a Capoeira, porque restringe sua condição a mera mercadoria (BONATES; CRUZ, 2020).

Desse modo, considerar a possibilidade da Capoeira enquanto fonte de renda, para que trabalhadores possam suprir suas demandas econômicas e prover para seu seio familiar uma condição confortável, é um dos desafios mais contundentes dessa prática desde a sua complexidade pela não uniformidade e a implicância de padronizar uma prática que tem como essência a pluralidade. Entretanto, o plano de salvaguarda tenta estabelecer uma conexão entre o saber orgânico e sua aplicabilidade na promoção de saberes para população via ação estatal, sendo esse um dos desafios mostrados nas ações de salvaguarda da Capoeira de Manaus (BONATES; CRUZ, 2020).

Dentre os desafios contemporâneos da tentativa de colocar a Capoeira como possibilidade laboral de subsistência, entra outro elemento, que é mais um desafio na busca de ações efetivas nesse sentido: a tal profissionalização. Existem depoimentos que problematizam essa questão, colocando em pauta a complexidade dessa condição e trazendo justamente a reflexão de até que ponto essa profissionalização pode ser, de fato, benéfica para a prática. Vale destacar que Bonates e Cruz (2020) afirmam que esse debate acerca da profissionalização recai em várias instâncias, sendo a mais emblemática e conhecida no universo capoeirístico à relação complexa com o Conselho Federal de Educação Física (CONFEF) e os Conselhos Regionais de Educação Física (CREFs) – responsáveis pela regulamentação das práticas de atividade física.

Essa questão também é trazida quando os entrevistados mencionam que, por mais que essa profissionalização seja almejada por uns, ela não cogitada por outros, mesmo que haja o fator de legalização da atividade enquanto profissão, passível das Consolidações das Leis Trabalhistas (CLT) e os seus respectivos direitos trabalhistas assegurados. Essa informalidade

é justamente a preocupação dos planos de salvaguarda e demais ações que visam uma garantia mínima aos mantenedores da prática, que dedicam sua vida a ela, mas, em sua velhice, na maioria dos casos, sucumbem sem nenhum tipo de garantia – como já aconteceu com grandes mestres da Capoeira que tiveram um fim de vida em situação vulnerável.

Assim, entende-se aqui que, mais que uma questão de viver de e/ou para a Capoeira, trata-se de subsídios mínimos de garantia para indivíduos que dedica(ra)m imenso esforço para a continuidade da prática e é justo que tenham direito a serem amparados. Isso viria a ser uma atribuição do Estado, uma vez que o sujeito desempenhou uma função social relevante não somente para si, mas para a meio social. É nesse contexto que se trava a busca por um espaço para a Capoeira como função laboral remunerada, dialogando diretamente com a necessidade de conexão com o Estado, mas essa inclusão nas ações cotidianas (sua institucionalidade), requer um aprofundamento no diálogo com a comunidade capoeirística buscando um entendimento satisfatório para ambas as partes, uma vez que uma delas impõe a institucionalização padronizada (o Estado) e a outra (os capoeiristas) busca adequar-se a formação exigida pela primeira (BONATES; CRUZ, 2020).

Esse objetivo do reconhecimento do Estado e a formalização, ora entendida por alguns como complexa (e até não sendo algo bom) e por outros através da exaltação de sua condição de trabalhador com carteira assinada como professor de Capoeira (mostrar seu registro formal de remuneração), seja por prefeitura ou por órgão privado, desejo muitas vezes almejado, torna-se, em muitos casos, distante da realidade. O fato é: essa discussão da Capoeira por essa vertente implica em uma série de fatores que estão presentes na própria prática, iniciando pelas duas configurações vigentes (Capoeira Angola e Regional), que, aos seus modos, têm suas especificidades e quando cogitada a possibilidade de remuneração formal, elas aparecem.

Quando problematizado acerca das especificidades de cada vertente e a logística na esfera laboral remunerada, é porque por mais que sejam a mesma Capoeira, os objetivos são diferentes e por vezes até divergentes. Trazendo de outro modo, essa realidade implica diretamente na função concreta que cada vertente precisa atuar, pois em função da capoeira inserida em qualquer instância estatal (seja na escola, como ferramenta pedagógica; seja nos clubes e afins, como instrumento de lazer), que ela terá que exercer sua função, qualquer que seja, e entregar resultados – aquilo que é abordado em grande parte desse estudo acerca da problemática da Capoeira ser reduzida a condição de mercadoria.

Exemplificando: há discursos (não hegemônicos) que mencionam que a Regional e/ou contemporânea, em muitos casos, anseia por campeonatos assim como pela possível presença nas olimpíadas; já na vertente da Angola, esses discursos (também não homogêneos) frisam

que a Capoeira busca uma formação integrada a cultura popular e ao resgate da perspectiva ancestral, sendo preocupada não só com a prática em si, mas com o ritual, a manutenção da Capoeira e sua conectividade com o social (BRITO; GRANADA, 2020). Todavia, não se trata de quem é melhor, mas sim de destacar que cada vertente tem suas próprias pautas e entendimento heterogêneo, ora convergente, ora divergente, mas em unicidade buscam possibilidades futuras da Capoeira, seja pelo viés estruturalista de utilização da prática como função laboral, seja pelo educativo com objetivo de inserir seus saberes na educação formal e contribuir institucionalmente (enquanto presente na grade curricular das escolas, por exemplo), na formação.

O que se pode inferir é que ambas as percepções são legítimas, mas o fato é que, independentemente das pautas, essas são relevantes porque surgem de anseios e necessidades provenientes do cotidiano do praticante de Capoeira. Cada sujeito elenca suas ambições e procura balizar sua motivação ancorando-se em uma consciência subjetiva, que até pode ser compartilhada coletivamente, mas é, antes de tudo, uma ideia proveniente do fazer cotidiano desses sujeitos. A questão de que há divergências entre as pautas e os modos de encarar a Capoeira é firmado justamente por essas subjetividades mencionadas e um exemplo relacionado a isso é que quando levado aos participantes sobre a questão laboral e profissionalismo, foi questionado acerca de que perspectiva essa possibilidade estava sendo cogitada e se, de fato, seria uma boa opção para a Capoeira.

Essas problematizações são típicas da Capoeira pelas suas ramificações e variedade de objetivos, sendo essa também uma questão relevante para ser levada em consideração, pois existem pontos que são comuns a todos, mas há também não comunhão em outros. Isso permite realizar uma triagem sobre as várias visões do sujeito sobre a Capoeira na questão proposta, sendo possível observar que Capoeira, enquanto função laboral de subsistência, é uma realidade para alguns e distante para outros, sendo necessário levar em consideração diversos fatores. Essa possibilidade mostra-se como real, mas depende não só de fatores externos do capoeirista (questões econômicas, geográficas, dentre outros), mas também de suas eleições subjetivas, respectivamente.

7.3. A prática da Capoeira e o Estado

Essa seção encadeia-se com as duas iniciais em decorrência de ser o Estado a representação prática das ações do sistema capitalista na sociedade vigente. Essa afirmação consolida-se quando se visualiza que as atividades, para serem realizadas no cotidiano das pessoas, necessitam da permissão do Estado e as vezes o seu fomento.

Em se tratando de Capoeira, historicamente, o Estado colocou-se em oposição a prática e sua repressão aconteceu com veemência (REGO, 1968), demonstra o seu determinismo em definir quais e como serão desenvolvidas as ações sociabilizadas. Nesse ponto, chama-se atenção aqui acerca dessa interferência (do Estado) e seu alinhamento com o capitalismo, uma vez que basta uma observação superficial para entender que se trata de uma das bases do capital enquanto superestrutura (MARX, 1993).

Nesse sentido, não é comum que aconteçam posturas de acolhimento com a prática aqui estudada, entretanto é possível visualizar que há iniciativas pontuais do Estado no sentido de amparar, mas não chega ao patamar de fomento. Essa é uma das observações que pode ser feita logo que se visualiza a coluna das falas de que se trata essa seção, na qual se pode perceber a carência que é evidenciada.

Vale destacar que essa notoriedade do Estado frente a Capoeira foi conquistada pela prática ao longo do seu processo de resistência e atuação na formação histórica da sociedade brasileira. Logo que ela assumiu essa conotação educativa, mesmo com um histórico de insurgências (REGO, 1968), ficou impossível o Estado ignorá-la, principalmente em decorrência da sua expansão e por sua atuação eficaz em realizar um trabalho que o mesmo não consegue – as diversas ações nas periferias, por exemplo (AMARAL; SANTOS, 2015).

Assim, a capoeira foi negligenciada e/ou invisibilizada, o Estado assim o fez, basta observar o trabalho de Falcão (2011) quando o mesmo esmiuça a displicência da sociedade brasileira para com a Capoeira, forçando-a a se expandir internacionalmente não por uma questão de ascensão, mas sim de meio de sobrevivência em decorrência do ambiente insalubre vivido a época pela prática. São necessários fazer esses resgates históricos para se entender que papel cumpre o Estado e mesmo que sua postura tenha sofrido alterações, ainda assim ele é uma superestrutura e está ligado ao metabolismo capitalista.

Desse modo, é preciso entender que é possível uma aliança com o Estado em termo de sobrevivência e para tal é preciso estreitar relações, mas não se pode perder de vista a ligação direta de Estado e capital. Contudo, debruçando-se sobre as falas é possível perceber a nítida associação que os participantes fazem da Capoeira com o viés socioeducacional e de como o Estado é insuficiente em relação ao suporte nesse campo. Dentre os pontos trazidos foi frisado por diversas vezes que as iniciativas são subjetivas, voluntariadas e a participação do órgão é mínima.

Essa realidade destaca, em unanimidade, a questão burocrática de busca por incentivos e fomentos. Esse viés do Estado só pode acontecer através das políticas públicas, mas estas, por sua vez, dependem de demandas e a organização que elencam as necessidades, que são

levadas as instâncias competentes, realizam uma triagem dos anseios de determinada atividade (ROSA; LIMA; AGUIAR, 2021). Eis então a grande problemática apontada pelos participantes, pois os mesmos relatam a nitidez das necessidades de fomento, pelas mais variadas causas, mas que ainda assim não conseguem esse aporte do Estado, em alguns casos, por sua responsabilidade e respectivas falhas através da desorganização vivenciada pelos próprios frente à eleição de objetivos comuns.

Essa problemática contundente é causada pelas subjetividades envolvidas, o que desencadeia uma relação desconexa do Estado e a comunidade capoeirística. Esses impasses são frutos das interfaces da Capoeira, que tem várias ramificações e propósitos peculiares e as ações até agora desenvolvidas de valorização a prática são pontuais e esporádicas (NATIVIDADE, 2012). A partir dessa dificuldade, o Estado possui sua parcela de responsabilidade ao ficar omissa e, por conseguinte, não conseguir atender a demandas uniformes. Nesse sentido os anseios desses indivíduos perdem-se frente as poucas ofertas de diálogo protagonizado pelo Estado, mas, por outro lado, pela não adesão satisfatória dos sujeitos da própria prática acerca de reivindicações.

Apesar disso, houveram avanços frente as tentativas de organicidade entre os capoeiristas e a busca por fomento frente ao Estado. Em época recente ocorreram algumas ações que tornaram visível a ratificação da Capoeira enquanto fenômeno cultural brasileiro e o reconhecimento do Ofício dos Mestres, assim como o tombamento da prática como patrimônio pelo IPHAN e o reconhecimento da Roda de Capoeira pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) (BRITO; GRANDA, 2021). Entretanto, em relação ao fomento, ocorreram ações esporádicas Natividade (2012) a partir de premiações, por exemplo, ficando a Capoeira sem nenhum amparo específico.

É por essa razão que se torna necessário discutir acerca da Capoeira como possibilidade de atuação nas políticas públicas já existentes do Estado, mas que não ocorre em decorrência de diversos fatores que impedem a presença da prática como opção na oferta de benefícios sociais. Assim, restam as ações pontuais já mencionadas, mas as possibilidades de atuação vão desde os benefícios em saúde (BORDA, 2018) até o viés educacional amparado pela lei 10639/03, que obriga o ensino da cultura afro na escola formal – mas, segundo Junior e Rangel (2023), tal execução não acontece mesmo que esteja completando no ano vigente 20 anos do surgimento da lei.

É frente a esse viés que não é possível encontrar menção a respeito de ações junto a políticas públicas do Estado – ou seja, não há uma relação dos capoeiristas com o órgão. Mesmo com subsídios legais como a lei supracitada (e demais aparatos de promoção do bem

estar coletivo da população, que é obrigação do Estado), ainda assim não é possível encontrar a Capoeira em diversos ambientes se não for de modo esporádico. Até mesmo cogitar a possibilidade de ações amparadas não é da realidade dos entrevistados, uma vez que em momento nenhum eles encaram a Capoeira como parte das ações de saúde pública e educacional de responsabilidade do Estado.

Através dessa constatação é possível visualizar a coerência no discurso dos entrevistados ao trazerem que as ações que desenvolvem são de cunho subjetivo, pois não sabem e/ou não conhecem ações estatais frente à utilização da Capoeira como ferramenta benéfica para a população de modo institucionalizado. Esse desconhecimento tem a influência do não acesso a informações e, por consequência, não saberem as obrigações do Estado – bem como as possibilidades de inserção da prática nos mais variados campos de promoção de bem estar social. Portanto, insistindo no viés pontual que constitui as ações para com a Capoeira a partir da atuação esporádica do Estado, os numerosos projetos sociais desenvolvidos, principalmente em ambientes periféricos, ocorrem através da iniciativa individual dos professores, em sua maioria de maneira voluntariada.

Contudo, existem ações que contam tanto com o viés de apoio privado quanto com ação pontuais do Estado e mesmo entre parcerias de ambas as partes. Como exemplo dessas ações, destacam-se projetos como: *Capoeira nas Escolas*, que é desenvolvido pela Prefeitura de Campina Grande/PB (nordeste brasileiro) em parceria com o setor privado (Instituto Alpargatas) (ELIAS, 2022). Segundo a autora citada, essa parceria coloca a Capoeira dentro de 100 escolas municipais da rede pública paraibana e ocorre por meio da divisão dos custos, sendo os materiais (uniformes, instrumentos e afins) de responsabilidade do Instituto e a remuneração dos ministrantes por conta da Secretaria de Educação (SEDUC) de Campina.

Essas ações são de grande notoriedade social, mas ratificam a pontualidade de desenvolvimento de ações entre as iniciativas privadas e a participação facultativa do Estado – ou seja, o desenvolvimento é de responsabilidade dos seus idealizadores como se os benefícios ficassem restrito aos praticantes e não atingisse o âmbito social. É preciso ressaltar que deixar a própria sorte práticas como a Capoeira, e demais atividades quem tem o potencial pedagógico de atuar de maneira benigna na formação dos jovens, é deixar a vulnerabilidade proliferar, a instalação do caos social, como exalta Mézáros (2015) quando menciona as ações incontroláveis do capitalismo.

É preciso colocar em debate as questões que interferem diretamente na sobrevivência cotidiana, identificando como podem ser minimizados os danos da presença iminente das práticas capitalistas de exploração que encontram ambiente fértil em situações deletérias –

frequentemente constatadas nas periferias. É também pela ausência histórica de assistência estatal que os capoeiristas carregam em suas falas a noção de que precisam desenvolver ações que executem a manutenção da Capoeira iniciando novos adeptos, futuros mantenedores, e prestando uma assistência na formação desses sujeitos provendo: lazer, espírito esportivo, cultura, dentre outros. Contudo, é preciso ressaltar que o fato de acontecerem essas ações, a partir da consciência em relação a se movimentar frente ao cenário que pertencem, não legitima a ausência do Estado.

Muito pelo contrário, pois é justamente por serem ações que dependem de diversos subsídios, não só força de trabalho, que estão surgindo vários movimentos de cobrança estatal, sendo o processo de salvaguarda um desses exemplos, pois se busca cobrar uma participação efetiva do Estado, mas é necessário ter cuidado com alguns posicionamentos trazidos em algumas falas, que exaltaram a falta de aderência dos capoeiristas em atender exigências de editais, pois responsabilizar simplificada e historicamente marginalizada e desprovida de acesso aos mais variados direitos (inclusive a uma formação escolar adequada, que por sua vez é decisiva para ao menos entender textos e afins) é culpabilizar a vítima.

7.4. A Capoeira como educadora

Nesta seção serão tratados os aspectos educativos da Capoeira, enquanto ferramenta pedagógica nas suas mais diversas atuações, com ênfase para os processos formativos que a mesma propicia aos seus adeptos. É o que Castro Júnior (2002) chama de *Pedagogia da Capoeira*, ressaltando que ela transcende a parte física e se mostra uma prática cheia de possibilidades, pois devem ser reconhecidas as ações de cada indivíduo que exerce um papel social relevante na promoção de bem estar, ratificando a Capoeira como uma prática social de transformação e mostrando a urgência não só do reconhecimento, mas do fomento do Estado.

Assim, ao se observar as falas, percebe-se como os entrevistados interferem a Capoeira na vida dos praticantes e mesmo como a mesma se mostra como contundente no processo de formação. É importante destacar que isso se conecta com o sentido amplo de formação, entendendo que os processos formativos transcendem a educação formal institucionalizada quando trata da diferenciação dos tipos de educação (LIBÂNEO, 1994).

Outro ponto em destaque foi a atuação de resgate da Capoeira frente aos aspectos deletérios vivenciados por jovens em condições vulneráveis, em sua maioria pertencente a periferia das grandes cidades. Nesse aspecto, a Capoeira tem seu lugar consagrado enquanto ferramenta de ressocialização de pessoas em situações críticas e Junior (2001) pontua o papel

preponderante da Capoeira nessa vertente, quanto apresenta sua eficácia enquanto prática educativa e sua notória ação de transformação na vida dos sujeitos.

No entanto, essas ações são desenvolvidas sem nenhuma participação do Estado e quaisquer fomentos, como já trazido. Essa questão torna-se relevante por se conectar com uma das abordagens aqui trazida acerca da longevidade da Capoeira, na qual pode ser percebido que os mantenedores desenvolvem ações pela paixão que nutrem pela prática citada e o fazem por também terem vivenciado tais ações enquanto iniciantes. Nessa esfera, é possível constatar que há uma dedicação e/ou devolução para a Capoeira em decorrência dos aprendizados adquiridos na prática, mas é necessário pontuar que essas ações não são suficientes para resolver os complexos problemas vivenciados por jovens na periferia.

Não se trata de um aspecto redentor da Capoeira, mas sim de sua eficiência no que se propõe, sobretudo nos aspectos educativos pautados nos valores cooperativistas. Entende-se aqui, não ser exagero, a necessidade de pensar que a forma como a Capoeira atua no aspecto coletivo assemelha-se ao que Pistrak (2009) coloca como destaque na formação da Escola Comuna, pois o senso de comunidade e colaboração é o mesmo. Pode ser comparado, também, ao pensamento gramsciano de escola, quando este menciona os valores considerados essenciais no processo de formação do ser humano.

Gramsci (2006) postula sua Escola Unitária como formadora do homem na sua plenitude, pois significa justamente uma educação coletiva e completa. Óbvio que não se está comparando fidedignamente a Capoeira e a complexidade do tipo de formação dos autores mencionados, mas sim ressaltando que o princípio é o mesmo (cooperação, coletividade, comunhão). Ao se trazer essas similaridades, destaca-se que tais princípios podem ser concretizados e a Capoeira prova essa possibilidade através de sua atuação informal desenvolvida nos mais diferentes cenários.

É necessário pontuar que as ações formativas desenvolvidas por esses indivíduos não têm (na sua maioria) viés da educação formal (escola), ficando a cargo de cada educador uma eleição subjetiva dos valores a serem ensinados – bem como a didática adotada. Entretanto, não se dissipam os valores colaborativos e as relações pautadas na sociabilidade, pois Cordeiro e Abib (2018) afirmam que a Capoeira detém saberes da cultura popular que consiste na produção desses seres em suas respectivas realidades – Logo, uma identificação e um pertencimento relevante na adesão à prática.

Mediante exposto, é possível perceber uma amplitude na definição de Capoeira e sua atuação frente aos aspectos sociais. É nítida a associação que os participantes fazem da prática ao seu papel educativo/formador, pois se referem a uma ação que não é só a uma atividade

esportiva/física, mas que possui papel fora das academias/escolas. Diante dessa constatação vale refletir do porquê essa necessidade de a Capoeira ser mais que uma atividade física por si só e mesmo quando que ela começou a ter essa conotação educacional. O trabalho de Amaral e Santos (2015) ressalta o percurso tortuoso da Capoeira em busca de aceitação em decorrência do seu passado criminalizado e discorrem como a mesma foi adentrando os mais diversos espaços.

É nesse aspecto que se faz relevante aqui pontuar que tais ações desenvolvidas na Capoeira, e mesmo sua atuação no aspecto educativo, são reflexo da sociedade na qual a mesma está inserida, assim como frente as pautas também capitalistas. Não é porque a Capoeira tem saberes coletivizados que deixou de dialogar com o capital, pois basta observar de que maneira os participantes pontuam em quais aspectos a Capoeira interfere no viés formador do sujeito. Essa característica tem ramificações nas adaptações que a mesma sofreu e seu alinhamento com as pautas capitalistas (ARAÚJO, 2006) e mesmo entendendo os aspectos benéficos elencados pelos sujeitos, de como a Capoeira age no processo de formação dos integrantes, não se pode esquecer que se vive no sistema capitalista e faz sentido que as condutas tenham algum diálogo com o sistema.

Todavia, não é somente esse viés que a Capoeira apresenta, mas sim um movimento contraditório que ocorre em perfeito alinhamento com a realidade, aquilo que o materialismo histórico dialético de Marx vai tratar (MASSON, 2007). Assim, ao mostrar os aspectos educativos da Capoeira, e suas diversas maneiras de atuação, automaticamente pensa-se em sua aplicabilidade nas ações cotidianas e a função que desempenha na vida de cada adepto. Por este prisma, apresenta-se aqui a defesa que os capoeiristas esboçam quando ressaltam a maneira peculiar que a prática interfere na vida do praticante, destacando um personagem preponderante: o(a) professor(a).

A função desse sujeito é fundamental pela sensibilidade que precisa ter para tratar com as mais diversas situações que lhe são apresentadas no além roda. Essas questões envolvem variadas vulnerabilidades que são levadas para o ambiente da Capoeira em decorrência da proximidade da prática com a realidade. Nesse sentido, a Capoeira desempenha uma função acolhedora dos complexos problemas sociais, exercendo a função educadora nos padrões freirianos de educação popular e referente ao professor, a este se atribui a figura de educador, por ter uma sapiência, por vezes, não balizadas pela academia, mais notória nos saberes apresentados e disseminados.

Na Capoeira essa figura é ocupada pelo Mestre (LOTT, 2018), posição adquirida pela dedicação de anos à prática e formação realizada pela interação com várias escolas, viagens,

pesquisas e demais saberes adquiridos no cotidiano da prática. Esse indivíduo exerce a função que Gramsci (2006) chama de intelectual orgânico, em decorrência de sua sapiência e domínio técnico da prática. Dessa maneira, estabelece-se uma relação fundamental que garante a eficácia no processo de ensino-aprendizagem, que é a relação professor-aluno.

Essa é entendida por Saviani (1991) como de suma importância no processo educativo de formação, por desenvolver as capacidades do aluno de buscar transpor os obstáculos com autonomia e contando com a mediação e amparo do professor. Logo que averiguada as falas dos entrevistados, é possível perceber essa conexão, pois os participantes apresentam seus alunos, demonstrando identificação e comprometimento com o ato de ensinar e aprender. Outro ponto a ser destacado, e que conecta com a condição descrita acima, diz respeito ao vínculo que os educadores fazem da necessidade dos seus alunos participarem da escola formal e buscarem uma formação dita profissional.

Essa medida foi explicitamente adotada por Bimba quando criou a sua Capoeira Regional e estabeleceu regras para fazer parte de sua escola, como exemplo: a condição de estudantes ou trabalhador (CAMPOS, 2009). Desde então, as mais diversas ramificações da Capoeira fazem essa associação entre o pertencimento à prática e uma função social, sendo essa normalmente atrelada à escola formal – símbolo de que é necessário esse paralelo. Entretanto, há algumas ponderações, pois quando Araújo (2008) mostra como a criação da regional estava atrelada ao tipo de sujeito buscado a época e significa dizer que, de alguma maneira, a Capoeira esta(va) aliada ao capital, mas não necessariamente isso ocorra em todas as instâncias – como demonstrado em vários momentos desse escrito.

Contudo, é perceptível a vinculação da Capoeira como educadora das condutas sociais, sendo essa uma das contribuições que a prática presta a sociedade, segundo as falas proferidas pelos entrevistados, e se frisando as diversas maneiras que ela interfere na formação do sujeito, influenciando o mesmo a agir de acordo com as regras estabelecidas pela sociedade. Entretanto, ao mesmo tempo em que influi na formação dos adeptos, apontando valores e demais lições, também são esses saberes que permitem que os mesmos tenham autonomia, configurando um viés intrínseco da educação popular (CORDEIRO; ABIB, 2018).

É necessário pontuar também que não há homogeneidade na Capoeira. É preciso chamar atenção nesse viés, pois tal qual há alguns pensamentos com relação escola formal, atribuindo-a como redentora e com a responsabilidade de resolver todos os problemas sociais, não pode ser inferido esse equívoco à Capoeira. Essa, mesmo sendo uma prática que detém valores comuns, sua eficácia nos mais variados cenários é relativa, assim como nem todas as

pessoas tenha o mesmo resultado. Assim, quando trazido aqui o papel educativo/formativo da Capoeira, que os entrevistados apontaram como presente em seus respectivos meios, é para demonstrar quais os valores e vieses considerados importantes para tais sujeitos.

Logo, não é surpresa a associação feita entre os saberes da Capoeira e sua adequação as práticas sociais, pois é possível perceber que ambas prezam pelo bem estar dos seus pupilos, mesmo frente à sociedade determinada pelos pilares econômicos de base capitalista. Assim, é coerente o pensamento, não no sentido de comungar plenamente com a exploração do capital, mas de não sofrer com o determinismo do mesmo.

Não obstante as diversas justificativas que inferem a Capoeira, vale destacar que é inegável o seu viés pedagógico e suas intervenções educativas – ora utilizando os valores da educação burguesa com vieses hierárquicos, dentre outros, ora com atuações imbuídas da educação popular influenciada pelos valores e saberes afroperspectivados. Essa realidade sobressai-se através das circularidades realizadas e a diversidade de atuação, propiciando numerosas possibilidades aos adeptos, que por sua vez dão continuidade, cada um na sua dinâmica de subjetividade, mas que tem como fonte embrionária a Capoeira.

7.5. A relação com a Capoeira

Nesta seção pretende-se discorrer sobre a relação do praticante e a Capoeira, buscando entender como ocorre essa relação – quais as respectivas ações de cada um, bem como conhecer as semelhanças e disparidades dos indivíduos no cotidiano com a prática. Logo de pronto, uma característica torna-se preponderante e define a função que todos comungam, que é a docência. Essa partilha é resultado do recorte quando colocado que seriam ouvidos somente docentes justamente pelos desafios e a riqueza pertencente a esses indivíduos, por manterem uma relação tão longínqua com sua prática.

Através das falas, percebeu-se que as mesmas exibem como é emaranhado os modos de vida desses sujeitos com a Capoeira e que, cada um a seu modo, os mesmos vivenciam essa prática não só no aspecto instrumentalizado, pois há uma identificação e uma vinculação com suas ações cotidianas. Nesse aspecto, Campos (2001) explica que a Capoeira interfere na vida do sujeito de tal maneira, que configura sua conduta e estabelece uma subjetividade com valores específicos dos pertencentes à prática.

Vale destacar que, em consonância com o viés do estudo aqui trazido, esse pertencimento que é percebido frente a prática é justamente o que Marx enfatiza quando trata do trabalho e a necessidade de coadunação com o ser, o pensamento da omnilateralidade e de que o trabalho e demais ações do homem devem servir para sua educação/formação em

oposição ao estranhamento (SILVA, 2015). Assim, mesmo entendendo que a Capoeira é uma prática por vezes instrumentalizada e sua objetificação faz com que ela esteja alinhada as práticas capitalistas, ainda é possível visualizar que as relações não foram esfaceladas e que há conexão com as ações desenvolvidas cotidianamente.

Ao passo em que se vê a presença cotidiana desses sujeitos com suas respectivas escolas, projetos e/ou demais ações, também é possível compreender que essa relação acontece de maneira espontânea em decorrência de sua imersão em tal universo. Vale destacar que essa presença cotidiana é carregada de uma responsabilidade na longevidade da prática, dialogando justamente com um dos principais questionamentos desse estudo, pois além do processo de adaptação que a Capoeira passou (e passa), é através desses sujeitos que é garantida a permanência e até mesmo a expansão da citada mundo afora (FALCÃO, 2011).

Entretanto, não se pode romantizar e/ou não mencionar os aspectos deletérios que esses indivíduos vivenciam por desempenharem essa função, pois as próprias falas evidenciam o quão é difícil desenvolver ações frente aos inúmeros problemas oriundos da estrutura. Nesse viés, não há como fugir do labirinto do capital, pois mesmo que a relação com a Capoeira não seja de dependência para subsistência, ainda assim há problemas diversos e a maioria deles ligados ao fator econômico e é nesse viés a insistência nesse estudo, pois é necessário discutir sobre a contundência do capital e as diversas interferências originadas por tal sistema frente à prática da capoeira.

Assim, quando Marx faz o diagnóstico dos modos de produção do sistema capitalista no vínculo direto a economia, é justamente porque esse modo recai diretamente nas mais longínquas instâncias. Da mesma forma, quando Mészáros (2011) chama atenção do sistema metabólico e os labirintos de tal sistema, deixa explícito que é uma condição ainda sofrida pela sociedade contemporânea e suas mais diversas práticas são atingidas, de uma maneira ou de outra. Nesse viés, o cotidiano dos participantes e a relação estabelecida com a Capoeira tenta manter um vínculo além dessa necessidade econômica, mas não é uniforme.

As menções nas categorias acerca da Capoeira como função laboral de subsistência evidenciaram esse alinhamento com as demandas sociais, seja no viés esportivo ou cultural, mas a medida em que a Capoeira assume o caráter de mercadoria, os seus participantes passam de simples praticantes para também vendedores (ARAÚJO, 2006). É nesse ponto que é necessário fazer uma diferenciação não com o propósito de segregação, mas sim de entendimento no que se refere ao tipo de relação que esses sujeitos sustentam com a Capoeira enquanto presente no seu cotidiano, pois através das falas é possível perceber algumas condutas que se desenvolvem ora na dubiedade (entre ser praticante e ter uma função laboral

de subsistência) e ora somente praticante, quanto ministrante de ações mantenedoras da Capoeira em um movimento voluntário.

Porém, ainda existe uma terceira vertente. Nela não necessariamente existem os pontos citados acima, pois consiste no indivíduo que, por vezes, exerce as funções já mencionadas, mas que contribui com a prática de outra maneira, seja no viés acadêmico ou através da confecção de instrumentos. Utilizam-se, assim, as várias possibilidades que a Capoeira propicia, mas, seja como for, a relação está consolidada e as ações desses indivíduos são alinhadas com a prática, configurando assim a *práxis* capoeirana (FALCÃO, 2004).

É frente a essa realidade que entra um dos elementos trazidos nas falas dos participantes: o seu modo de lidar com a prática, demonstrando seus desafios diários e imprimindo nos seus afazeres características subjetivas que moldam uma Capoeira própria. Ou seja, desenvolvem ações visando a manutenção da prática, mas não deixam de interferir na composição da mesma, configurando assim uma diversidade que é histórica. Ressaltar esse fato é relevante para se compreender o campo das subjetividades dentro da Capoeira, que aos olhos sociais pode tratar-se de uma prática única, mas que não é fidedignamente uniforme.

O trabalho de Rego (1968) propicia uma noção refere ao detalhamento de cada escola pós período criminal. O que se pode vincular enquanto comum são os fundamentos compartilhados e mantidos que não destoam – tais como a presença da roda, as cantigas, os instrumentos típicos –, mas os treinamentos, realização de eventos e demais ações dependem de como são encarados os elementos: se mais voltado para o viés cultural, ou para o esportivo, e/ou também para a vertente da luta e/ou musicalidade, dependendo assim dos indivíduos responsáveis por cada agrupamento.

Mesmo levando em consideração as condições mencionadas acima, vale destacar outro ponto que se mostra preponderante no tocante a relação com a Capoeira: a constatação protuberante no viés afetivo para com a prática – a questão da gratidão. Logo que indagados acerca de qual local a Capoeira ocupa no cotidiano dos participantes, há uma demonstração explícita de se manter na prática por paixão e responsabilidade na manutenção. Essa paixão expressa através da condução de aulas/treinos, vivências e demais momentos de dedicação é justificada das mais variadas formas: desde a perspectiva estética de salubridade até a conectividade com a ancestralidade.

Com relação a este último, Albuquerque (2012) discorre evidenciando como são próximas as relações da Capoeira com a cultura africana e os valores disseminados. Esta é uma das conexões que faz com que os participantes tenham estabelecido uma relação recíproca, uma vez que a Capoeira necessita de mantenedores. Assim, o processo de

identificação e subjetividade são provenientes da relação adepto-prática, podem produzir situações peculiares e levar a uma reflexão acerca das consequências de tais influências.

Essa pode ser considerada uma característica adotada pela Capoeira desde os seus primórdios, mas com elementos diferentes dependendo do local ao qual a prática foi propagada, podendo ser corroborada essa afirmação no levantamento de Rego (1968) acerca das variações da Capoeira na sua época. Essa condição conecta-se com essa seção por explicar a relação com a Capoeira ser também uma conexão com seu local e essa constatação fica explícita quando observado que cada região tinha uma especificidade (fosse a Capoeira carioca, baiana e/ou pernambucana), e essa capacidade de adaptação cruzou as fronteiras nacionais nas décadas de 1970 e 1980 e se inseriu mundo afora, como explica Falcão (2011).

Na atualidade pode ser constatado esse mesmo processo de estabelecimento em culturas diversas, troca de saberes e miscigenação, como pontuado por Loureiro *et al.* (2022), com a presença da Capoeira na Polônia. Contudo, os autores chamam atenção para a apropriação da Capoeira pelos poloneses, que realiza(ram) uma miscigenação da sua cultura com os saberes da Capoeira e sua respectiva identidade brasileira, surgindo assim uma *nova Capoeira* oriunda de três décadas da prática em seu país. Assim, percebe-se que os processos subjetivos presentes na Capoeira ocorrem de maneira condizente ao ambiente a partir das condições disponíveis para a prática – seja ela cultural, econômica e/ou geográfica.

Vale ratificar aqui a insistência em afirmar as subjetividades envolvidas no fazer Capoeira e na relação estabelecida com a prática, pois mesmo possuindo como princípios a coletividade, cooperação e prática da sociabilidade, ainda assim ocorrem divergências que fazem do universo da prática uma complexidade. Entretanto, é também essa contradição presente no cotidiano capoeirístico que a torna detentora de saberes diversos, uma vez que não há algo estabelecido, imutável, frente aos pensamentos que circulam na roda. A relação com a Capoeira é também um processo de identificação em meio as várias interfaces que ela possui, restando ao sujeito encontrar uma conexão para só então estabelecer um vínculo, que pode ser duradouro ou não.

O fato é que todas as pessoas que se mantêm na prática permanecem por acreditar em algo sobre ela e procuram cultivar esse vínculo não só como forma exercer uma afetividade/paixão, mas também por imprimir um pouco (ou totalmente) de si. Essa categoria versou justamente sobre isso e propiciou dar voz a esses sujeitos que fazem questão de expressar em seu discurso a consolidação do vínculo com a Capoeira e a maneira a qual se apresenta em seu cotidiano – sendo essa uma das razões consideradas aqui como fundamental,

uma vez que mostra como se dá essa conexão, explicando as ações empreendidas por esses indivíduos.

O fruto dessa relação são as experiências adquiridas por essas pessoas ao longo de muitos anos, sendo essa também uma das peculiaridades da Capoeira, que exige uma permanência significativa se comparado a caminhada temporal das outras artes márcias. Os saberes produzidos e assimilados levam anos e adensando essa condição tem o aspecto hierárquico compartilhado por alguns seguimentos da Capoeira, que estabelecem graus a serem galgados para só então serem considerados veteranos, aptos a compartilhar sua sapiência.

7.6. O futuro da Capoeira

Essa última seção alinha-se diretamente ao questionamento acerca da longevidade da Capoeira e suas interfaces e mesmo sabendo da complexidade de prever algo tão incerto, ainda assim essa questão foi abordada pelo seu viés desafiador. Principalmente levando-se em consideração o histórico da prática e as fases (NATIVIDADE, 2012) que a mesma vivenciou, assim como a atuação que ela desempenha na vida dos sujeitos. Por tudo isso, de que maneira poderia ser pensada essa prática no futuro?

Logo que se tem acesso as falas, é perceptível como existem pensamentos que se complementam, mas há também visões opostas quanto ao possível caminho ainda a ser trilhado pela Capoeira. Dentre essas opções destaca-se a dinamicidade da mesma e suas atuações plurais pautadas no subjetivismo de cada participante, pois há quem tenha a ideia de que a prática continua em transformação, e que suas ações futuras serão mantida pautando-se na resistência, mas tem quem entenda que há deturpações.

Em todo caso, o que se percebe é uma Capoeira com um viés mais politizado e ainda sob os tentáculos do capital, mas que consegue protagonizar ações que fazem com que transcenda sua instrumentalização. Brito e Granada (2020) chamam atenção para esse viés mostrando que a Capoeira tende, cada vez mais, a enveredar por esse caminho político e que essa sempre foi uma característica da Capoeira, mesmo quando suas ações mostravam alinhamentos com as demandas capitalistas, mas, por outro lado, a mesma se mostra como combatente de tais condicionamentos – em processo de resistência histórico.

Nesse sentido, Mota (2013) traz que a Capoeira teve um papel relevante na formação da sociedade brasileira, podendo o mesmo ser percebido através das cantigas com os feitos e demais ações ocorridas na formação da sociedade brasileira. Por esse viés, é possível concluir que a prática não teve um papel passivo, ou somente aculturada, mas sim protagonizou uma

história de insurgências e demarcou sua participação na formação social brasileira. Essa realidade aponta para os formatos que essa Capoeira terá no futuro e como será a dinâmica, tendo em vista que pelo seu histórico ela tende a continuar adaptando-se.

Assim, quando Rego (1968) e Soares (2001) trazem o período de proibição e crime da Capoeira, por exemplo, o objetivo foi de lhe exterminar da sociedade e o que se pode perceber é que, naquele momento, de fato o futuro parecia ameaçado e sua longevidade incerta. Entretanto a história mostrou a resistência da prática e sua capacidade adaptativa que garantiu sua sobrevivência. Desse modo, mesmo fundamentada a preocupação de alguns participantes frente aos rumos que ela pode tomar, observando os obstáculos já superados e as ações realizadas para garantir a sobrevivência, é passível de dedução de que ela ainda permanecerá ainda por tempo indeterminado.

Desse modo, reforça-se a questão das interfaces da Capoeira e sua pluralidade e, nesse sentido, a Capoeira sim tem risco de desaparecer com alguns elementos e/ou alguns aspectos, pois isso é um processo comum dentro da trajetória da prática. Seus propósitos mudam de acordo com as demandas de cada época, o que aponta que sua adaptação depende dos estímulos sociais, pois mesmo seu caráter plural surgiu frente a essas demandas. O caráter desportivo, por exemplo, protagonizado por Bimba misturou vários elementos de outras lutas e criou uma *nova* Capoeira quando exibiu a sua Luta Regional Baiana (CAMPOS, 2001).

Essa metamorfose não é vista com unanimidade enquanto benigna pelos entrevistados, porém é compreensível, uma vez que são pessoas diferentes e que tratam a Capoeira de acordo com suas respectivas subjetividades – sendo esse também um exemplo concreto da dinamicidade da prática. Assim, o caminho de resistência trilhado pela Capoeira é pautado na insistência em se manter viva e atrativa, pois mesmo os campeonatos e o surgimento dos megagrupos, tratado em alguns pontos desse texto, tem como objetivo principal a sobrevivência dessa prática.

No entanto, o que mostra a história é que mesmo sofrendo adaptações e até algumas deturpações, essa prática conseguiu manter as relações fundamentais – desde coletividade, relação mestre e discípulo e os saberes orais provenientes da cultura afro, por exemplo. Nesse viés, é preciso levar em consideração que a mudança sócio-temporal exige mudanças a partir de demandas específicas daquele tempo e é possível visualizar que na atualidade ocorreram alguns avanços na visibilidade dos grupos que são memorizados, como: a presença da mulher na capoeira, protagonismo fruto de suas inúmeras lutas e anseios – principalmente pelo viés histórico de invisibilidade e de dificuldade de conquista dos espaços (COUTINHO; LEOPOLDINO, 2022).

Desse modo, as falas giram em torno de uma possibilidade de permanência da Capoeira esta no respeito ao protagonismo de grupos que foram historicamente negligenciados – nesse caso específico, sobre a realidade feminina. Assim, a prática também passa a ser utilizada enquanto ferramenta de visibilidade e representatividade. Por este viés, protagonismo seria sinônimo de conquista de mais espaços, o que consolida suas bases e ratifica a resistência demonstrada pela prática ao longo das eras.

Percebeu-se, assim, mesmo com alguns receios naturais e pertinentes, um otimismo dos praticantes pautado justamente na adaptabilidade da Capoeira e em sua capacidade de lidar com o diverso, de se manter firme mesmo em tempos insalubres. A exemplo disso, foi a situação vivenciada recentemente pela pandemia da Covid-19, que colocou a prova várias práticas e não foi diferente com a Capoeira, que, mais uma vez, visualizou e executou adaptações utilizando-se do ambiente virtual como aliado (ponto mencionado em algumas falas, inclusive).

Essa constante adaptação é um dos pontos que justifica a confiabilidade dos entrevistados em expor seu otimismo frente ao futuro da prática, pois logo que surgem entraves e demais obstáculos a Capoeira encontra uma maneira de se contrapor, ratificando a essência de seus primórdios. Nesse sentido, são numerosos os trabalhos que evidenciam a Capoeira como resistência nos mais diversos campos, porque não se trata de uma simples atividade física com fins estéticos, mesmo na sociedade intimamente ligada aos valores capitalistas. A Capoeira conquista espaços relevantes na formação humana.

Quando trazido à capacidade de contrapor ou se adaptar da Capoeira, a subjetividade dos sujeitos envolvidos coaduna-se com a literatura e se pontuam situações diversas de como será o cenário da Capoeira nos anos seguintes. Nessa ótica, Fonseca (2008) destaca o surgimento do termo Capoeira Contemporânea, por transcender os modos estabelecidos da prática no início da década de 1940 com as duas vertentes: Capoeira Angola e Regional. Essas criações, e de certo modo renovações, ocorrem por um processo adaptativo da prática em decorrência da identificação dos adeptos e na busca, em primeiro momento, de continuidade/sobrevivência, mas em segundo plano, aponta para uma novidade que garanta atratividade.

Essa não é uma característica contemporânea da Capoeira, pois mesmo nos seus primórdios, ao ser visualizado as primeiras produções sobre Capoeira, é possível entender a incorporação de vários elementos, sendo o mais notório, o berimbau (REGO, 1968). Quando Shaffer (1977) dedica-se em expor que o arco está presente nas mais variadas culturas (ora como arma, ora como instrumento musical), em seguida tal artefato é encontrado na Capoeira.

Isso não destoia em nada de uma incorporação ocorrida através de um processo de melhoramento de uma prática e, portanto, a capacidade de adaptação e modificação para lograr êxito em seus intentos – uma característica humana, defendida por Marx (MARX; ENGELS, 2007) quando destaca o papel do homem na modificação da natureza para usufruir melhor dela e garantir sua sobrevivência.

Evidente que é preciso estar alerta, que não se pode cruzar o limite de modificação para exploração (ponto esse debatido ao longo deste escrito, que versa justamente sobre a Capoeira estar conseguindo sua sobrevivência com elementos problemáticos e complexos, mas que não chega ao patamar estranhado de que fala Marx sobre o trabalho). Os aspectos deletérios presentes na Capoeira (situação piramidal, grupos empresa, esportivização, folclorização, objetificação e afins) não chegam a ser considerado uma alienação, pois, como demonstrado, há uma identificação mínima por parte dos participantes.

Contudo, é preciso destacar que discorrer sobre a história da Capoeira e suas interfaces a cada período é necessário, mas é preciso ter a sensibilidade de entender que em cada época ela lidou da maneira que podia para se manter. É possível encontrar um pouco de Capoeira logo que se busca sobre a formação da sociedade brasileira e essa participação ocorreu porque houve adaptação, mas também se deve a sabedoria dos sujeitos de cada época em compreender o risco iminente do desaparecimento.

Quando abordado em alguns pontos desse estudo acerca dos vários modos de atuação da Capoeira e suas interfaces, é mostrando que ao longo da história há um fortalecimento da prática metamorfoseando-se frente as adversidades e prevalecendo a capacidade de se integrar aos mais diversos meios. Mesmo quando Loureiro *et al.* (2022) enfatiza que ocorre um processo de mistura entre as culturas nas três décadas de permanência da Capoeira na Polônia, ainda assim será possível encontrar os pilares centrais: a roda, dois indivíduos jogando, os cantos, as palmas e a presença característica do berimbau.

Já no viés de formação e fundamentos ontológicos da Capoeira, é preciso resgatar que até mesmo o berimbau, símbolo máximo da prática na atualidade, foi inserido posteriormente (REGO, 1968), mas consolidou sua permanência ao longo das eras como sendo fundamental. A partir dessa constatação é possível inferir que a Capoeira requer a compreensão da sua transversalidade, uma vez que suas ações transcendem as mais diversas definições já atribuídas a ela, sendo essa também parte da sua complexidade enquanto prática.

A Capoeira mantém em seu escopo o mistério que lhe é pertencente desde os primórdios e a capacidade de não se deixar aprisionar/rotular, assim como sua essência de movimento constata – tais quais os jogadores na roda, que definem seu universo que ao

mesmo tempo em que é conhecido é imprevisível. É também por isso o receio trazido em algumas falas, pois a capacidade adaptativa da Capoeira se mostrou iminente e não tem como prevê um futuro definido sem levar em consideração justamente a indefinição que é a prática, sendo diversa, mas sendo única.

O receio e a preocupação de alguns entrevistados é legítimo, pois entendem da prática e são ancorados na história, que diz que já em outras épocas criticavam-se algumas movimentações da Capoeira sob a justificativa de descaracterização e demais deturpações (REGO, 1968) que a). Entretanto, desde então surgiram novas formas de apresentar a Capoeira e essa, por sua vez, abraçou alguns elementos que a enriqueceu sob o olhar cultural, ratificando que ela é movimento constante de agregação e ressignificação.

CONCLUSÃO

Após a análise apresentada anteriormente é preciso voltar as questões estruturantes apontados no início do estudo e observar o que foi encontrado, pois é necessário apresentar o pensamento que precisa ser considerado nesse viés conclusivo da pesquisa. Inicialmente, no entanto, vale destacar que dentre os motivos existentes para realização da pesquisa estava o viés pessoal do realizador desse estudo – praticante de Capoeira há quase 20 anos e em média 10 anos atuando como docente na prática, destacando que essa última condição foi (é) desenvolvida como forma de subsistência, ou seja, ministrando aulas e oficinas e sendo remunerado por isso.

Dessa realidade surgiu a motivação em desbravar o universo da Capoeira através de outros olhares e conotações atribuídas a Capoeira – em especial, sua condição instrumentalizada e pertencente a uma sociedade capitalista. Vale ressaltar também que implicou em um desafio imenso, pois sendo eu, o realizador deste estudo, um capoeirista sabedor dos aspectos benéficos da prática, tiver que realizar o exercício crítico necessário para entender de que maneira científica minha própria condição – sendo eu um franquiado pertencente ao viés piramidal de um desses megagrupo – é fruto social.

A vertente de pesquisador teve que se sobressair para conseguir seguir na busca necessária de dar vazão as inquietações provenientes de um percurso significativo dentro do universo da Capoeira. Contudo, é preciso frisar que ao passo em que as inquietações foram levadas ao campo e apresentadas aos participantes, essas também foram acolhidas pelos mesmos como sendo necessárias e pertinentes as indagações. Isso por tocarem em pontos sensíveis e que, por vezes, são negligenciados pelos próprios capoeiristas por um sentimento afetivo de fechar os olhos para os muitos problemas presentes na prática – sendo essa uma opção repelida com veemência aqui por entender-se a necessidade de se debruçar os problemas crônicos e/ou surgidos e tentar resolver dentro das possibilidades disponíveis.

Realizado essa explicação acerca dos vieses pessoais, que também foram fatores impulsionadores para a materialização deste, a seguir serão ratificadas algumas percepções e que são as respostas encontradas no campo sobre as inquietações iniciais. Isso mostra que os temas abordados foram não só explorados como também originaram outros assuntos e estes explicam muitas das ações empreendidas pelos sujeitos no universo da Capoeira e sua diversidade de atuação nos mais diversos cenários.

Assim, diante do exposto, é possível entender que a Capoeira enquanto prática secular carregada de saberes ancestrais constituídos também na medida em que se adaptava a sociedade vigente e assimilou, mais de uma vez, as condições as quais foi submetida

assumindo uma forma que lhe garantiu sua longevidade – mesmo que isso tenha lhe atribuído a condição de mercadoria, dentre outras conotações. Entretanto, argumenta-se aqui que ao reduzir essa prática a essa condição seria um ato insano e desrespeitoso para com as lutas as quais a mesma perpassou e logrou êxito. A partir desse posicionamento, faz-se necessário pontuar que essa trajetória foi marcada por adaptações e perdas que a levaram as condições tratadas neste escrito, mas que sua pluralidade resguardou sua essência de prática peculiar.

Vale destacar também que a abordagem escolhida aqui teve como parâmetro o viés materialista e até estruturalista, que buscou esmiuçar de que maneira a Capoeira mantém-se viva na sociedade vigente – que, como demonstrado, é extremamente estruturalista e faz com que as manifestações presentes na mesma também não tenham outra opção. Porém, vale chamar atenção aqui que a descrição desse objeto, e como ele se apresenta na sociedade, foi realizada somente por um lado, o estrutural e não foi apresentado esmiuçadamente (propositalmente) seu lado educacional formador.

Entretanto, é necessário pontuar que ao passo em que se observa que a Capoeira foi obrigada a aderir as investidas dos condicionantes capitalistas, configurando-se enquanto mercadoria, utilizou-se o trabalho como pavimento para tal objetivo e esse último item não se mostrou somente enquanto uma função laboral de subsistência no seu aspecto estranhado, como delineou Marx, pois foi possível perceber que as ações dos capoeiristas para com a prática performa(ram) o sentido do trabalho no seu viés enquanto princípio educativo de formação do sujeito.

De fato, há aspectos deletérios quando tratada a condição laboral da Capoeira, as falas dos entrevistados trouxeram também esse ponto, mas foi preponderante como o trabalho, no sentido formativo do pensamento marxiano, aparece nos relatos. Isso acontece principalmente quando trouxeram sua dedicação, amor e devoção a prática, conduzindo a mesma em meio as suas ações cotidianas e estabelecendo, assim, uma relação constante de aprendizados.

Quando se fala do viés formativo da Capoeira, importante destacar, refere-se ao seu modo peculiar de se apresentar frente as práticas sociais, não obedecendo parâmetros (na sua maioria ocidentais e pautados na cultura eurocêntrica capitalista) que são visualizados em outras lutas (como as de origem orientais, por exemplos). Tal realidade sustenta-se no escopo característico da pluralidade de saberes ancestrais da Capoeira, constituídos desde o período de sua formação e consolidado no decorrer do percurso.

Ressalta-se ainda que o tratamento para com o universo da Capoeira raramente abarca toda sua gama de saberes, dada também a complexidade ontológica da qual essa prática é oriunda e que é explicada através de uma literatura própria, com especificidades entendendo

que a Capoeira detém muitos aspectos a serem explorados/entendidos. Necessário também ressaltar que dentro das ponderações desse escrito foi possível observar como a Capoeira configura-se na atualidade, mas sem perder sua essência enquanto luta de resistência – uma vez que é possível observar que sua abrangência foi capaz de romper as fronteiras geográficas e culturais e se instalar em ambientes longínquos e isso não se deu somente através da centrifugalidade do capitalismo.

É preciso lembrar que foi, principalmente, pelo composto peculiar dessa prática atrelado ao capoeirista enquanto agente desbravador. Assim, quando trazida a Capoeira enquanto mercadoria e sua função na sociedade vigente, é possível perceber também que a mesma sofreu (e ainda ocorre) um processo de miscigenação e suas ações são influenciadas a cada época e sua funcionalidade adaptada para as respectivas demandas. É por esse prisma que quanto trazido sua faceta mercantilizada é justamente para demonstrar os pormenores que subsidiam o processo de estabilidade da Capoeira na sociedade vigente.

Assim, a globalização e as mudanças estruturais fizeram desaparecer práticas que não suportaram as reificações da realidade e, através dessa linha de pensamento e observando o lado funcional/estrutural que a Capoeira possui, é de se deduzir que a mesma estava fadada a extinção. Entretanto, vivenciou processos adaptativos e suas ressignificações garantiram sua permanência, sendo símbolo de resistência e existência. Nesse viés, é preciso compreender que mesmo a Capoeira (re)configurando-se, por vezes em mera mercadoria passível de compra e venda, ainda assim carregou a diversidade e legitimidade de um povo.

Exalta-se, também, que trazer a Capoeira para ser observada sob o pensamento materialista e indagar sua função na vida das pessoas na sociedade vigente é sair de uma zona de conforto enquanto conhecedor da prática e colocar em questão os saberes até então consolidados. Obvio que não sob o viés negacionista, ou sob um cientificismo pragmático, mas sim a partir da intenção de conhecer os parâmetros práticos de como a mesma se configura. Nesse sentido, e entendendo que possam existir pensamentos discordantes da abordagem aqui realizada, faz-se necessário compreender que para versar sobre uma prática complexa como a Capoeira é preciso ter sensibilidade, pois a mesma, ao passo em que se transforma, também é transformada, perfazendo, assim, um caminho tortuoso de metamorfose que se mostrou necessário para sua sobrevivência.

REFERÊNCIAS

- AIRES, Luísa. **Paradigma qualitativo e práticas de investigação educacional**. Lisboa: Universidade Aberta, 2011. Disponível em: <http://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/2028> Acesso em: 28 fev. 2023
- ABIB, Pedro Rodolpho Jungers. **Capoeira Angola: Cultura popular no jogo dos saberes na roda**. 2004. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.
- ALBUQUERQUE, Carlos Vinicius Frota de. **Tá na água de beber: culto aos ancestrais na capoeira**. 2012. 131 páginas. Dissertação (mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.
- AMARAL, Mônica Guimarães Teixeira do; SANTOS, Valdenor Silva dos. Capoeira, herdeira da diáspora negra do Atlântico: de arte criminalizada a instrumento de educação e cidadania. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, [S. l.], n. 62, p. 54-73, 2015. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/107186>. Acesso em: 26 jun. 2023.
- ANTUNES, Ricardo. O SISTEMA DE METABOLISMO SOCIAL DO CAPITAL E SEU SISTEMA DE MEDIAÇÕES. In: ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho**. São Paulo: Boitempo, 2005.
- ANTUNES, Ricardo; BRAGA, Ruy (orgs). **Infoproletários: degradação real do trabalho virtual**. São Paulo: Bomtempo, 2009.
- ANDRADE, Bárbara Souza de. **PIRÂMIDES FINANCEIRAS E MARKETING MULTINÍVEL: Um estudo acerca do dano social e da responsabilidade civil no Direito Privado, frente às demandas da sociedade de consumo e de informação**. 2018. Monografia (Bacharelado em Direito) – Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais, 2018.
- ANDRADE, Rosana Soares Pinheiro. A subordinação de raça no processo de formação da classe trabalhadora brasileira. **Revista Fim do Mundo, Capitalismo e Racismo: a práxis negra**. [S. l.], v. 2, n. 4, p. 15–18, 2021. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/RFM/article/view/11676>. Acesso em: 21 nov.2022
- ARAÚJO, Benedito Carlos Libório Caires. **Capoeira e Mercadoria: Possibilidades Pedagógicas Superadoras**. 2006. Monografia (Especialização em Educação Física) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.
- ARAÚJO, Benedito Carlos Libório Caires. **A Capoeira na Sociedade do Capital: a docência como mercadoria-chave na transformação da Capoeira no Século XX** 2008. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Tradução de Luis Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BORDA, Flora Margarida Antonioli. **CAPOEIRA ANGOLA E PROMOÇÃO DA SAÚDE: REFLEXÕES A PARTIR DE UMA REVISÃO DE LITERATURA**. 2018. Monografia (Bacharelado em Educação Física) – Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

BORGES, Livia de Oliveira; YAMAMOTO, Oswaldo H. MUNDO DO TRABALHO: CONSTRUÇÃO HISTÓRICA E DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS. In: ZANELLI, José Carlos; BORGES-ANDRADE, Jairo Eduardo; BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt. (Org). **Psicologia, organizações e trabalho no Brasil**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BOTELHO, Jaqueline. Racismo e Luta Antirracista no Brasil: uma análise necessária para o avanço da estratégia anticapitalista. **Trabalho Necessário**, v. 17, n. 34, p. 171-191, 27 set. 2019.

BONATES, Luiz Carlos de Matos; CRUZ, Tarcísio Santiago. **CAPOEIRA: o patrimônio gingado do Amazonas e sua salvaguarda**. Conselho de Mestres da Salvaguarda da Capoeira do Amazonas. Manaus: IPHAN, 2020.

BRAVERMAN, Harry. Trabalho e Força de Trabalho. In: BRAVERMAN, Harry. **Trabalho e Capital Monopolista**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1974.

BRITO, Celso de; GRANADA, Daniel. **Cultura, política e sociedade: estudos sobre a Capoeira na contemporaneidade**. Teresina: EDUFPI, 2020.

CAMPOS, Hélio. **Capoeira Regional: a escola de Mestre Bimba**. Salvador: EDUFBA, 2009.

CAMPOS, Hélio. **Capoeira na Universidade: Uma Trajetória de Resistência**. Salvador: EDUFBA, 2001.

CASTRO JÚNIOR, Luís Vitor. **A pedagogia da capoeira: olhares (ou toques?) cruzados de velhos mestres e de professores de educação física**. 2002. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2002.

CORDEIRO, Albert Alan de Sousa; ABIB, Pedro Rodolpho Jungers. A Educação da Capoeira: uma pedagogia da Cultura Popular. **Educação em Foco**, Minas Gerais, ano 21, n. 33. p. 223-241, 2018. Disponível em: <https://revista.uemg.br/index.php/educacaoemfoco/article/view/1644>. Acesso em: 22 mar. 2021.

COSTA, Dinara das Graças Carvalho. **A Percepção dos Componentes da Guarda Militar Estadual na Cidade de Parnaíba-PI frente ao Estresse Ocupacional**. 2012. Monografia (Graduação em Psicologia) – Universidade Federal do Piauí, 2012.

COUTINHO, Ananda Bermudes; LEOPOLDINO, Chaila Jacobsen. **Mulheres de ginga: um registro de capoeiristas do Espírito Santo**. Vitória: Instituto Volta ao Mundo, 2022.

CURY, Carlos Roberto Jamil. **Educação e contradição: elementos metodológicos para uma teoria crítica do fenômeno educativo**. São Paulo: Cortez, 1989.

ELIAS, Cleidiana Bem. **Capoeira em Campina Grande: da vadiagem a atividade respeitável (1980-2014)**. 2022. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2022.

FALCÃO, José Luiz Cirqueira. A Internacionalização da Capoeira. **Textos do Brasil, Ministério das Relações Exteriores**, n. 14. p. 123-133, 2011.

FALCÃO, José Luiz Cirqueira. **O jogo da Capoeira em jogo e a construção da Práxis Capoeirana**. 2004. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004.

FERNANDES, Fábio Araújo. **Capoeiragem In Between: um estudo etnográfico sobre a prática da capoeira na Alemanha**. 2014. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

FONSECA, Vivian. **Capoeira Sou Eu: memória, identidade, tradição e conflito**. Rio de Janeiro: CPDOC-PPHPBC, 2009.

FONSECA, Vivian. A CAPOEIRA CONTEMPORÂNEA: ANTIGAS QUESTÕES, NOVOS DESAFIOS. **Recorde: Revista de História do Esporte**, [S.l.], v.1, n.1, jun. 2008. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/Recorde/article/view/795/736>. Acesso em: 05 mar. 2020.

FRIGOTTO, Gaudêncio. O enfoque da dialética materialista histórica na pesquisa educacional. In: FAZENDA, Ivani. **Metodologia da pesquisa educacional**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

GRAMSCI, Antonio. Caderno 12 (1932). Apontamentos e notas dispersas para um grupo de ensaios sobre a história dos intelectuais. In: GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere**, v.2, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 4ª edição, 2006.

HARVEY, David, 1935. **A loucura da razão econômica: Marx e o capital no século XXI**. Tradução Artur Renzo. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2018.

KOHL, Henrique Gerson. **Gingado na prática pedagógica escolar: expressões lúdicas no quefazer da educação física**. 2. ed. Recife: Editora UFPE, 2014.

IPHAN, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Dossiê – Roda de Capoeira e Ofício dos Mestres de Capoeira**. Brasília: Ministério da Cultura, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2014.

IPHAN, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Dossiê – Inventário para Registro e Salvaguarda dos Bens da Capoeira como Patrimônio Cultural do Brasil**. Brasília: Ministério da Cultura, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2007.

JUNIOR, Manuel Alves de Sousa; RANGEL, Tauã Lima Verdán (Org.). **20 anos da Lei nº 10.639/03 e 15 anos da Lei nº 11.645/08: avanços, conquistas e desafios**. Itapiranga: Schreiben, 2023. *E-book*. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/clhd/files/2022/10/Relacoes-Etnico-raciais-reflexoes-temas-de-emergencia-e-educacao.pdf> Acesso em: 14 jun. 2023

LESSA, Sergio. **MUNDO DOS HOMENS: Trabalho e Ser Social**. São Paulo: Instituto Lukács, 2012.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez Editora, 1994.

LOUREIRO, Fábio Luiz; MARCHIORI, Alexandre Freitas; MARTINS, Rodrigo Lema Del Rio; MELLO, André da Silva. **USOS E APROPRIAÇÕES DA CAPOEIRA POR**

- PRATICANTES POLONESES. **Movimento**, [S.l.], v. 28, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mov/a/87pphMMxkmBq5cFkSTSzHmL/>. Acesso em 26 jun. 2023.
- LOTT, Wanessa Pires. A Capoeira no Brasil: Da Proibição à Salvaguarda. **LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, [S. l.], v. 21, n. 4, p. 450–470, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/1949>. Acesso em: 26 jun. 2023.
- MAGALHÃES, Benedita Alcidema Coelho dos Santos; ARAUJO, Ronaldo Marco de Lima. Práxis artístico-pedagógica na formação de artistas na educação profissional. **Revista Cocar**, [S. l.], v. 14, n. 30, 2020. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/3415>. Acesso em: 29 dez. 2021.
- MANACORDA, Mário A. **Marx e a Pedagogia Moderna**. São Paulo: Cortez, 1991.
- MARX, Karl. **O Capital: Crítica da economia política**. Livro I: O processo de produção do capital. Trad. Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.
- MARX, Karl. **Textos sobre Educação e Ensino**. Campinas: Navegando, 2011.
- MARX, Karl. O Capital, Livro I, Seção I, Capítulo I. A Mercadoria. In: MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política: livro I**. 26ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- MARX, Karl. **A Ideologia Alemã**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto Comunista**. Org. de Osvaldo Coggiola. 4ª reimpressão. São Paulo: Boitempo, 2005.
- MARX, Karl. **Manuscritos Filosóficos de 1844**. São Paulo: Boitempo, 2004.
- MARX, Karl. **Ideologia Alemã (Feuerbach)**. 11 ed. Tradução do alemão por José Carlos Bruni e Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Hucitec. 1999.
- MARX, Karl. **A ideologia alemã**. 9ª ed. São Paulo: Hucitec, 1993.
- MARX, Karl. **O Capital**. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã**. Lisboa: Avante, 1981
- MASSON, Gisele. MATERIALISMO HISTÓRICO E DIALÉTICO: uma discussão sobre as categorias centrais. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, PR, v. 2, n. 2, p. 105- 114, jul. 2007.
- MERLO, Edgar Monforte. **O Desempenho de Franquias no Brasil: um estudo exploratório dos principais condicionantes de performance**. 2000. Tese (Doutorado em Administração) – Faculdade de São Paulo, São Paulo, 2000.
- MÉSZÁROS, István. **A montanha que devemos conquistar**. São Paulo: Boitempo, 2015.

MÉSZÁROS, István. **Para além do capital**: rumo a uma teoria da transição. Trad. Paulo Cezar Castanheira, Sérgio Lessa. São Paulo: Boitempo, 2011.

MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2005.

MIGNOLO, Walter. D. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. **Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade**, Niterói, n. 34, p. 287-324, 2008.

MOTA, Patrícia Lemos. **A Música na Capoeira Regional como Elemento de Construção Identitária**. 2013. 116 p. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

NATIVIDADE, Lindinalvo. **Capoeirando eu vou**: Cultura, memória, patrimônio e política pública no jogo da Capoeira. 2012. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas e Formação Humana) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do Negro Brasileiro**: Processos de Racismo Mascarado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

PASTINHA, Mestre. **Capoeira Angola**. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1984.

JUNIOR, Wilson Rogério Penteado. **A arte de disciplinar**: Jogando Capoeira em Projetos sócio-educacionais. São Paulo: CNPq, 2001. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/fevereiro2012/educacao_fisica_artigos/arte_disciplinar_jogando_capoeira.pdf. Acesso em: 26 jun. 2023.

PISTRAK, Moisey Mikhailovich. **Fundamentos da Escola do Trabalho**. São Paulo: Expressão Popular, 2000.

PISTRAK, Moisey Mikhailovich. **A Escola-Comuna**. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

RAMOS, Rodrigo Maciel. A ancestralidade: construção e aquisição de identidades africanas no Brasil realizadas a partir da cultura do Candomblé. **Pesqui. prá. psicossociais**, São João del-Rei, v. 16, n. 2, p. 1-16, ago. 2021. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082021000200006&lng=pt&nrm=iso Acessos em 11 mar. 2023

REAL, Katarina. **O folclore no carnaval do Recife**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1967.

REGO, Waldeloir. **Capoeira Angola**: Ensaio Sócio-Etnográfico. Salvador: Editora Itapuã, 1968.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Cia das Letras, 2006.

ROSA, Júlia Gabrieli Lima da; LIMA, Luciana Leite; AGUIAR, Rafael Barbosa de. **Políticas públicas**: Introdução. Porto Alegre: Jacarta, 2021. Disponível em:

<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/223410/001127911.pdf?sequen> Acesso em 14 mar. 2023

SANTOMÉ, Jurjo Torres. **Globalização e Interdisciplinaridade: o currículo integrado**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia**. São Paulo: Cortez Editora, 25ª edição, 1991.

SHAFFER, Kay. **O Berimbau de barriga e seus toques**. Ministério de Educação e Cultura: Secretaria de Assuntos Culturais, Fundação Nacional de Arte, Instituto Nacional do Folclore, 1977.

SILVA, Élido Santiago da. **Trabalho, formação humana e ensino médio: Um estudo sobre a Teoria do Capital Humano**. 2019. Tese (doutorado em educação) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2019.

SILVA, Paulo Aparecido Dias da. Omnilateralidade e as concepções burguesas de educação integral. **Revista HISTEDBR**, Campinas, SP, v. 15, n. 65, p. 218–227, 2015. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8642706>. Acesso em: 26 jun. 2023.

SILVA, Robson Carlos da. **Capoeira: o preconceito ainda existe?** Teresina: UFPI, 2008.

SILVA, Dayvison Wilson Bento da. Estado, mídia e capital: a construção imagética do negro na sociedade de classes. **Revista Fim do Mundo**, Capitalismo e Racismo: a práxis negra. [S.l.], n. 4, jan-abr, 2021.

SOARES, Carlos Eugenio Líbano. **A capoeira escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro (1808-1850)**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2001.

THIOLLENT, Michel. **Pesquisa-Ação nas Organizações**. São Paulo: Atlas, 1997.

VÁSQUEZ, Adolfo Sánchez. **Filosofia da Práxis**. 2º ed. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales – Clacso: São Paulo, Expressão Popular, 2011.

VEIGA, Lucas Motta. Descolonizando a psicologia: notas para uma Psicologia Preta. **Fractal: Revista de Psicologia**, Dossiê Psicologia e epistemologias contra-hegemônicas, v. 31, n. Especial, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/fractal/v31nspe/1984-0292-fractal-31-esp-244.pdf>. Acesso em 14 mai. 2021.